


O Que Você Sabe Sobre Religião ?

Conhecimentos indispensáveis
sobre religião

L Valentin

O Que Você Sabe Sobre Religião?

1ª Edição

© 2010 - Luis Valentin

Publicação em Domínio Público
Circulação Livre em Meios Eletrônicos
desde que divulgada a fonte
Venda Proibida

Capa: L Valentin

O Autor:

Luis Valentin C Vallejo é aposentado. Quando esteve no mercado de trabalho foi Técnico de Segurança Industrial, Analista de Sistemas, Professor de Curso profissionalizante de Informática - 2º Grau, Coordenador de Curso Profissionalizante de Eletrônica - 2º Grau, além de comerciante e sócio em empresa de factoring. É autodidata em História e Matemática, cursou Engenharia Elétrica, na Escola de Engenharia de São Carlos - USP. Tem como hobby (fora a informática, é claro) eletrônica e música clássica. Brasileiro, sua descendência é espanhola (seu pai nasceu em Leon). Atualmente pesquisa História Antiga e Medieval e Religião. Publicou “Zoroastrismo e Mitraísmo: as fontes das religiões monoteístas”, “O Caçador de Nuvens” a verdadeira história de Santos Dumont, “A Revolta de Papel”, a verdadeira história da Inconfidência Mineira e traduziu o livro de Celsus “Um Discurso contra os Cristãos”

e-mail: lsvltn@yahoo.com

Faça sua auto avaliação

- Leia o questionário sem responder as perguntas.
- A medida que lê, vá contando todas que não sabe a resposta
- Anote esse resultado:

Não sei _____ perguntas

São cem perguntas. A quantidade das que você não sabe indica o quanto por cento você desconhece sobre o assunto.

O Que Você Sabe Sobre Religião?

L Valentin

- 1 Qual é o significado da palavra latina “*espírito*”? E da palavra grega “*demônio*”? E da palavra latina “*ciência*”?
- 2 No sentido religioso, o que é “revelação”?
- 3 No sentido de progredir nos conhecimentos, qual é a principal diferença entre ciência e religião?
- 4 O que significa a palavra “mistério”? E heresia?
- 5 O que é “cânnon”, na Igreja Católica?
- 6 No sentido dado pelo catolicismo, o que é “inspiração”?
- 7 Na definição católica, o que são “indulgências”?
- 8 O que é “Tesouro dos Méritos”?
- 9 No sentido religioso o que é dualismo?
- 10 O que significa “ungir”? O que significa a palavra messias? O que significa a palavra cristo?
- 11 Definir paracleto, parusia e demiurgo
- 12 O que é escatologia? E apocalipse?
- 13 O que é *angeologia*?
- 14 O que *gnosticismo* e *agnosticismo*?
- 15 O que é ateísmo?
- 16 O que é maniqueísmo?
- 17 O que é *metafísica*?
- 18 Qual é a teoria dos “quatro elementos”?
- 19 Qual é a teoria dos “quatro fluidos”?
- 20 Explicar a teoria do éter
- 21 O que é “navalha de Ockham” ?
- 22 O que foi a “Inquisição” ?
- 23 O que é “*Directorium Inquisitorium*”?

- 24 O que é íncubo? O que súcubo?
- 25 Como Santo Agostinho explicava o surgimento de uma bruxa?
- 26 O que é “*Malleus Maleficarum*” ?
- 27 Explique geocentrismo e heliocentrismo
- 28 Explicar “criacionismo” e “evolucionismo”
- 29 O que é efeito “Jeanne Dixon”?
- 30 Até meados do século XIX uma grande parte de cientistas acreditava que os seres vivos apareciam na Terra por geração espontânea. O que é isso?
- 31 O que é hinduísmo?
- 32 O que é budismo?
- 33 O que é samsara?
- 34 O que é karma?
- 35 O que é metempsicose?
- 36 O que é xintoísmo?
- 37 O que é taoísmo?
- 38 O que é confucionismo?
- 39 O que é cientologia (*scientology*)?
- 40 O que é “Movimento Raeliano”?
- 41 Qual a idade aceita pela ciência atualmente do sistema solar?
- 42 Qual é a idade da Terra que o cristianismo obrigava a todos a aceitarem, até o século XIX?
- 43 Qual a idade aceita pela ciência atualmente do planeta Terra?
- 44 Há quanto tempo a ciência acredita atualmente, apareceram os primeiros mamíferos?
- 45 Há quanto tempo a ciência acredita atualmente, apareceram os primeiros homínídeos cuja família iria gerar o ser humano?
- 46 Como se caracteriza a era humana chamada de civilização?
- 47 Há quanto tempo a ciência acredita atualmente, apareceu a primeira civilização?

- 48 Durante a pré-história humana, surgiu uma classe de indivíduos que não colaborava para prover o sustento da tribo, mas era sustentada por ela. Que classe era essa?
- 49 Há quanto tempo a ciência acredita atualmente, surgiu a escrita?
- 51 Quais os motivos que restringiam a participação do povo nos cultos religiosos das civilizações antigas?
- 52 Qual é única a religião que tem sua doutrina escrita **há mais de 5 mil anos** e cujos originais ainda existem bem preservados?
- 53 Quais os tipos de adivinhação praticados pelo Sumérios?
- 54 Quais são os três dogmas que pautavam a vida dos Sumérios?
- 55 Quais os atributos que os sacerdotes sumérios criaram para os deuses?
- 56 Qual é o registro mais antigo que se tem contando a história da criação do homem através de um boneco de barro?
- 57 Qual é o registro mais antigo que se tem contando a história do dilúvio?
- 58 Qual é a mais moderna teoria para explicar o dilúvio?
- 59 Qual é o registro mais antigo que se tem contando a história uma serpente na árvore em um jardim?
- 60 Qual é o registro mais antigo que se tem contando a história de menino colocado numa cesta nas águas de um rio?
- 61 Como era a teoria da alma na antiga religião egípcia?
- 62 Quem foi o primeiro a cultuar uma “santíssima trindade”?
- 63 Qual religião é a primeira em postular teorias como o dualismo, a angeologia e a escatologia? Em que data?
- 64 Qual a primeira religião a preconizar a vinda de um salvador, que nasceria de uma virgem?
- 65 O que é Mitraísmo?
- 66 Quais as “coincidências” entre o mitraísmo e o cristianismo?
- 67 Em que época e quem escreveu a Bíblia judaica?
- 68 Onde estão os originais da Bíblia judaica?
- 69 Qual é a falha lógica da criação do mundo, conforme está na bíblia dos judeus e cristã?

- 70 Fora de Bíblia, em que documentos e de qual cultura, encontram-se menções a Abraão, Moisés, Davi e Salomão?
- 71 Os antigos egípcios deixavam gravados em monumentos os fatos importantes de cada dinastia de faraós. Em que local, em que meio (pedra ou papiro), os egípcios gravaram a história dos escravos hebreus, de Moisés, das pragas e do afogamento do exército do faraó?
- 72 Existe um povo, que passou quase 80% de sua existência como escravo. Qual é esse povo?
- 73 Quem foi Bar Kocheba?
- 74 De quem são os seguintes ensinamentos: *“Os homens nascem em forma corporal, estão limitados a isso, estão tolhidos pela carga de paixões e necessidades do mundo e pagam por seus pecados, até o tempo em que a alma tenha sido purificada através de estágios sucessivos. Deve vagar longe das bênçãos, por trinta mil anos, assumindo, nesse período, toda forma possível de ser mortal.”*
- 75 No Ocidente, em qual data e quem criou o primeiro sistema completo de filosofia espiritualista, ensinando que as semelhanças entre os indivíduos derivam de uma realidade pré-existente?
- 76 Qual era a teoria das esferas celestes e quem a inventou? A data aproximada?
- 77 O que era a “música das esferas” e até quando se acreditou nela como “verdade científica inabalável”?
- 78 O que é astrologia?
- 79 No livro *“Discurso Contra os Cristãos”* o historiador Celsus (século II dc) relata a versão que corria entre os judeus daquela época para a fuga de Maria para o Egito. Qual é essa versão?
- 80 Quais os escritos de autoria de Jesus ou dos apóstolos?
- 81 Qual é a falha lógica na história da matança dos inocentes feita por Herodes?
- 82 Se você quiser ler os originais dos evangelhos onde terá que ir?
- 83 Quem escreveu a edição mais antiga do novo testamento cristão que ainda é utilizado?
- 84 De exemplo de pelo menos um versículo da Bíblia cristã que foi alterado recentemente
- 85 Quem foi o fundador do islamismo?
- 86 O Alcorão é o livro sagrado do islamismo, porém a vida do seu fundador está contada em outro livro que também é considerado sagrado pelos islâmicos. Qual é esse livro?

- 87 Dentre milagres feitos pelo profeta e várias passagens fantásticas, o livro citado acima narra uma viagem que o profeta fez a Jerusalém, saindo de Meca e voltando, tudo isso em uma só noite. Como foi feita tal viagem e qual é sua consequência política que perdura até hoje?
- 88 Quais os escritos de autoria do profeta fundador do Islamismo?
- 89 O que é Kaaba?
- 90 O que é Hejira?
- 91 Qual é a história das Irmãs Fox?
- 92 Todos sabem que o sol é gasoso. Qual o fundador de uma seita religiosa que declarou o seguinte: “o sol é um globo composto **por matéria sólida**, cercado de uma atmosfera luminosa ou fotosfera, que não está em contato com sua superfície.”?
- 93 Quem declarou “a geração espontânea é evidentemente levada a efeito em seres inferiores”?
- 94 Quem declarou “*Há um fluído etéreo que preenche o espaço e penetra nos corpos: esse fluído é o éter ou matéria cósmica primitiva, geradora de todos os seres e do mundo (...) São inerentes ao éter as forças que presidem as metamorfoses da matéria (...) essas formas múltiplas (...) conhecidas na Terra sob os nomes de gravidade (...) magnetismo, eletricidade (...) Em outros mundos elas se apresentam sob outros aspectos (...) forças em número indefinido se desenvolvem em escala inimaginável (...).*” ?
- 95 Galileu foi obrigado a se retratar diante da inquisição, ao defender o heliocentrismo. Porém foi punido. Qual foi a punição imposta pela igreja católica?
- 96 Uma pessoa afirma que recebeu de um anjo chamado Moroni, placas de ouro contendo uma doutrina escrita em hieróglifos do Egito antigo, que ele traduziu para um livro, fundando uma religião. Dizer quem foi essa pessoa, o lugar, a data do acontecimento, o nome do livro e da religião.
- 97 O que significam as seguintes datas: 3 de abril de 1843; 7 de julho de 1843; 21 de março de 1844 e 22 de outubro de 1844?
- 98 Quantas vezes houve a previsão do fim do mundo?
- 99 No século XX apareceram invenções, descobertas e façanhas, que jamais nenhum ser humano imaginou na antiguidade. Citar o nome de videntes, espíritos, médiuns ou paranormais que, até o século XIX inclusive, tenham mencionado, com detalhes e com clareza (por exemplo: *nos anos de 1800 um francês inventará um modo de curar a raiva*), em suas previsões para o futuro:
- o uso da energia elétrica em forma de corrente alternada, da qual depende o mundo hoje;
 - a invenção da lâmpada elétrica;
 - a invenção do motor elétrico;
 - a invenção do cinema;

- e) a invenção do telefone e do rádio;
- f) a invenção da TV;
- g) a invenção do transistor;
- h) a invenção do computador e da microeletrônica;
- i) a descoberta e uso do petróleo e seus derivados;
- j) o uso de veículos automotores que domina o planeta hoje;
- k) a invenção do avião e do avião a jato;
- l) a invenção de foguetes para exploração espacial;
- m) o uso de celulares e internet;
- n) o pouso de homens na lua;
- o) a invenção da vacina contra raiva;
- p) a cura da lepra;
- q) a cura da tuberculose;
- r) os armamentos nucleares, inclusive porta aviões;
- s) a I e II Guerra Mundial;
- t) a bomba atômica e a destruição das cidades japonesas;
- u) o uso de raio-x e tomografia na medicina;
- v) o transplante de coração e órgãos;
- w) a ligação da Inglaterra e França por um túnel, explicando quando e onde aconteceria;
- x) a Revolução Francesa de 1789;
- y) a revolução comunista na Rússia em 1917;
- z) a construção e queda do muro de Berlim o colapso do comunismo na URSS

100 A deusa BASTET – corpo de mulher e cabeça de gato – foi adorada e venerada por milhões de pessoas, por cerca de três mil anos no antigo Egito. O deus elefante LORD GANESCH, tendo seu culto mais de 5 mil anos – 50 séculos - é o o segundo deus mais popular na Índia de hoje, sendo cultuado de forma radical por milhões de hinduístas. E assim existem divindades cultuadas em diversas religiões. Os cristãos acreditam em Jesus e num séquito de personagens montados em seu redor, numa crença que já passa dos 2 mil anos. Se você acredita em um desses deuses, julga os outros falsos. Por outro lado, pessoas que dizem ter “recebido revelação divina”, considerados santos pelos que os seguem, têm a vida pessoal e privada repleta de erros e arbitrariedades e geralmente enriquecem às custas dos fiéis. Se você segue um destes “profetas”, julga os outros falsos. Se realmente os outros são falsos, qual é a única **explicação racional** para o fato de existirem **milhões de pessoas** que acreditam neles através dos séculos?

Respostas

- 1 Qual é o significado da palavra latina “*espírito*”? E da palavra grega “*demônio*”? E da palavra latina “*ciência*”?

“Espírito” significa “respiração”, “demônio” e “ciência”, significam “conhecimento”

A respiração mantém a vida. É invisível. Por analogia utilizou-se a palavra latina para designar um suposto elemento que existe nos seres vivos e o mantém vivo.

A isso chamamos inferir. Apesar do verbo *inferir* significar apenas concluir, deduzir; utiliza-se inferir para representar uma conclusão precipitada, sem estudo, sem verificação rigorosa das premissas e sem base racional.

Toda religião precisa de provas para apresentar aos seus fiéis e convencê-los de que ela é verdadeira. Na verdade, as religiões gastam 80% de sua energia procurando produzir tais provas e lutando para que não sejam desacreditadas.

Os primeiros apóstolos cristãos não tinham provas para convencer os seus convertidos e, portanto, aplicavam a máxima que ficou famosa através dos séculos: “***Não pergunte nada, apenas creia.***” O imperador romano Juliano, que cresceu educado na religião cristã e depois a abandonou – sendo execrado até hoje pelos cristãos – certa vez disse: “***O vosso quinhão é a ignorância. Todo o vosso saber consiste em ficar repetindo estupidamente: creio.***”

Devido a isso, a palavra grega “demônio” (conhecimento) ficou representando o mal, ou seja, adquirir conhecimentos era perigoso e prejudicial à nova fé, o conhecimento era a figura do próprio mal.



- 2 No sentido religioso, o que é “revelação”?

No sentido religioso, “revelação” significa a divulgação para a humanidade de uma realidade divina ou sagrada ou de um propósito divino. Ela pode acontecer através de discernimento místico, eventos históricos ou experiências espirituais.

Todas as grandes religiões enfatizam ao máximo a revelação, tornando seus seguidores dependentes das “visões” privilegiadas de seu fundador ou de um grupo de pessoas que começaram a praticá-las.

Nas religiões “proféticas” – Zoroastrismo, Judaísmo, Cristianismo e Islamismo – a revelação é considerada como uma mensagem direta de deus a um porta-voz privilegiado, que é encarregado de divulgá-la por entre o povo. É sintomático que não se explique porque deus precisa de tal porta-voz, quando tem todo o poder do mundo para divulgar tal mensagem de outra maneira.

O modo como o porta-voz recebe a transmissão é variável. São fenômenos auditivos, visões subjetivas, sonhos e êxtases. Nas religiões primitivas, ela é feita por êxtase induzido por técnicas e/ou consumo de alucinógenos. Nas religiões proféticas são consideradas, principalmente, “palavra de deus”, tornando seu porta-voz o mensageiro da correta vontade de deus.

Em culturas primitivas, a revelação é identificada como contida em objetos físicos, tais como pedras, água, amuletos, ossos de pessoas ou animais, etc.



- 3 No sentido de progredir nos conhecimentos, qual é a principal diferença entre ciência e religião?

Ciência é o conhecimento verdadeiro, aquele que foi adquirido, não pela “revelação”, mas pela experiência da vida. A principal diferença entre ciência e religião é que, depois que um preceito científico é comprovadamente real e válido, a ciência jamais regride ou é obrigada a reformular os conceitos inerentes a tal preceito. Ao contrário, os conceitos religiosos estão em constante mutação, principalmente diante dos avanços da ciência. Quanto mais o conhecimento científico se expande, mais a religião precisa mudar seus conceitos para tentar manter-se convincente.



- 4 O que significa a palavra “mistério”? E heresia?

Mistério é uma crença religiosa na qual se afirma que alguém somente pode obter o conhecimento por revelação e jamais pode conseguir alcançar o total entendimento. As religiões ou sociedades de mistérios são cultos secretos greco-romanos que proporcionavam aos seus adeptos um tipo de experiência que não era encontrada nas religiões oficiais. Os iniciados eram chamados de *mystes* e os mentores, de *mystagogos* (líderes dos *mystes*). Os diretores espirituais dos cultos eram os *hierophantes* (reveladores das coisas sagradas) e os *dadouchos* (portadores da tocha). Mistério eucarístico: um ritual secreto religioso para transmitir felicidade duradoura aos iniciados.

Heresia, do latim *haerèsis*: opinião, sistema, doutrina, seita, escola de pensamento sectário; do grego *haíresis*: ação de tomar; escolha, preferência; estudo particular de; escola de pensamento, doutrina religiosa, opinião política.

Herética, segundo o “*Manual dos Inquisidores*”, é:

toda proposição que se oponha:

- a) *A tudo o que esteja expressamente contido nas Escrituras;*
- b) *A tudo que decorra necessariamente do sentido das Escrituras;*
- c) *Ao conteúdo das palavras de Cristo, transmitidas aos apóstolos, que, por sua vez, as transmitiram à Igreja;*
- d) *A tudo o que tenha sido objeto de uma definição em algum dos concílios ecumênicos;*
- e) *A tudo o que a Igreja tenha proposto à fé dos fiéis;*
- f) *A tudo o que tenha sido proclamado, por unanimidade, pelos Padres da Igreja, ao que diz respeito à reputação da heresia;*
- g) *A tudo o que decorra, necessariamente, dos princípios estabelecidos nos itens c, d, e, f*



- 5 O que é “Canon”, na Igreja Católica?

Cânon é o catálogo de livros sagrados. Ao homem que escreve livros sagrados, inspirado por deus, dá-se o nome de hagiógrafo. Canônico é o termo empregado para designar um livro sagrado.

Para que um livro seja canônico devem ser observadas as seguintes regras:

- 1 - deve ser inspirado
- 2 - deve conter uma revelação formal e verdadeira
- 3 - deve ser aprovado pela Igreja de forma explícita ou solene.

Os livros podem ser *protocanônicos* ou *deuterocanônicos*. Os primeiros são aqueles que entraram no cânon sem qualquer controvérsia e os segundos são aqueles em que houve controvérsia para serem incluídos no cânon.



6 No sentido dado pelo catolicismo, o que é “inspiração”?

A teoria da inspiração foi o artifício inventado para poder justificar o que não pode ser justificado. A Igreja Católica quando se viu numa entaladela, sem conseguir explicação racional para uma série de fatos, resolveu que os livros em que se baseia sua história, seriam de dois tipos: os de origem humana e os de origem divina. Aos livros de origem divina, por serem "*ditados*" pelo próprio Deus, não se admitiam contestações. Eram infalíveis com relação à verdade. Ou seja: os profetas escreveram o que lhes foi revelado pelo Espírito Santo. Portanto, a Igreja considera:

1. Deus é o inspirador e o autor da Sagrada Escritura;
2. Deus se faz autor dos Livros Sagrados por um influxo sobrenatural e interno do hagiógrafo;
3. O influxo de Deus se refere às faculdades racionais - inteligência e vontade - e às faculdades executivas - sentença comum e certa quanto ao fato;
4. Deus é o autor principal. O hagiógrafo é o instrumento;
5. Na inspiração nem sempre se requer revelação, mas apenas o juízo sobrenatural sobre as coisas conhecidas;
6. Não é necessário que o hagiógrafo tenha consciência de sua inspiração;
7. O hagiógrafo goza de plena liberdade ao escrever.

Portanto, nada se pode discutir. Como duvidar de Deus? Dessa forma é fácil criar qualquer religião.



7 Na definição católica, o que são “indulgências”?

As indulgências – assim como o inferno, tal como o descreve as religiões ocidentais – foram criações dos sacerdotes egípcios.

No reino médio (4.000 ac) os sacerdotes egípcios resolveram estender o conceito do julgamento das almas – que existia há mais de um milênio e era aplicado somente aos faraós e nobres, onde quase nada era mencionado sobre os castigos destinados a tão importantes figuras – às classes mais baixas, descrevendo o inferno e uma série de penas terríveis às almas dos transgressores.

Tais punições poderiam ser evitadas se o indivíduo COMPRASSE um certo “passaporte mágico” feito pelos sacerdotes em grande escala, onde havia um espaço para que escrevesse o nome do felizardo. Dessa forma, a viagem da alma para o paraíso era feita sem qualquer perigo, evitando-se o julgamento e uma possível condenação ao inferno. Gordon Childe em seu importante “*What Happened in History*” diz que, com a invenção do inferno, os sacerdotes egípcios criaram “o mais poderoso instrumento para o domínio da vontade incontrolável dos homens”. Zoroastro aprendeu e aplicou tais teorias em sua religião.

A Igreja Cristã criou as chamadas “indulgências”, que nada mais é que o velho “passaporte mágico” dos egípcios. Indulgência é, pois, o perdão dos pecados dado pelo Papa.



8 O que é “Tesouro dos Méritos”?

A hilária e incrível teoria da Igreja Católica para justificar as indulgências (perdão dos pecados) e livrar falecidos do sofrimento do purgatório.

A igreja cristã, como sempre, plagiando conceitos de religiões antigas, em 1.230, com o Cardeal Hugo de Saint-Cher, criou uma teoria afirmando que o sangue derramado por um mártir era mais do que suficiente para apagar seus pecados, havendo, pois, uma “sobra” de mérito que seria depositado num “banco”. Com o passar dos tempos e com a morte de milhares de mártires, esse “banco” acumularia um “tesouro de méritos”, que poderia ser usado pela igreja PARA QUITAR AS PENAS das almas que estavam no purgatório. Ou seja **o mérito de uma pessoa salvaria outra**, que, para merecê-lo deveria **ter comprado em vida**, as tais de indulgências. Uma releitura imitação da esperteza dos sacerdotes egípcios.

O melhor dessa história é que a “chave” desse banco pertencia SOMENTE à igreja católica, estando, pois, exclusivamente ela, autorizada a conceder tal bonificação. Essa teoria foi confirmada como teológica por Boaventura e Tomás de Aquino (dá para imaginar porque são tão famosos) e a VENDA de indulgências assumiu uma proporção tão vergonhosa que motivou Lutero a se separar da igreja romana. O concílio de Trento (1.545) estabeleceu que “*as indulgências foram dadas por Cristo à Igreja, que tem poder para distribuí-las e que estas são mui salutares ao povo cristão.*”

Essa esdrúxula e lucrativa teoria é a fonte da crença popular de que a oração ou intercessão de uma pessoa boa pode ajudar um indivíduo mau. Ou seja, se acontece algo de bom a alguém perverso é porque sua mãe, que é uma santa, rezou e fez promessas para isso. E a lógica, a razão e o bom senso que se danem....

—oo00oo—

9 No sentido religioso o que é dualismo?

É princípio, comum a diversas religiões e seitas, que professa a existência irreduzível do corpo e do espírito, do bem e do mal - Padrão recorrente de pensamento desde os primórdios da filosofia, que busca compreender a realidade e a condição humana dividindo-as em dois princípios básicos, antagônicos e dessemelhantes (p.ex., forma e matéria, essência e existência, bem e mal, aparência e realidade etc.)

—oo00oo—

10 O que significa “ungir”? o que significa a palavra messias? O que significa a palavra cristo?

Ungir é passar óleo sagrado na cabeça de uma pessoa. Esse era o método dos sacerdotes hebreus para consagrarem seus reis. Messias vem do hebreu e significa “ungido”. Cristo (latim: *christu* - grego *khristos*) é a palavra que tem o mesmo significado.

—oo00oo—

11 Definir paraclete, parusia e demiurgo

Paraclete é o nome dado ao “espírito santo”. *Parusia* é a segunda vinda de Cristo à Terra. *Demiurgo* é a criatura intermediária entre a natureza divina e a humana - Na filosofia platônica, o deus criador do universo, o organizador da matéria.

—oo00oo—

12 O que é escatologia? E apocalipse?

Escatologia é a doutrina que estuda o fim do mundo. Apocalipse (do grego *apokalúpsis*: descobrir, descoberta; revelação): qualquer dos antigos escritos judaicos ou cristãos (particularmente o último livro canônico do Novo Testamento, atribuído a João) que pretende conter revelações, em particular sobre o fim do mundo, e apresentadas, quase sempre, sob a forma de visões. No caso do cristianismo é um Livro que tem por objetivo a revelação dos destinos da humanidade e o fim do mundo. Suposta revelação feita a João na ilha de Patmos, no reinado de Domiciano, onde se faz a predição da vitória definitiva do cristianismo, no final do mundo. Sua linguagem é cifrada e alegórica.

13 O que é *angeologia*?

A doutrina teológica dos anjos e seu estudo – anjos (do grego *angel*=mensageiro): seres puramente espirituais, servidores de Deus e mensageiros entre Ele e os homens cuja existência é uma crença que as religiões monoteístas (cristianismo, judaísmo e islamismo) adaptaram do Zoroastrismo.

14 O que *gnosticismo* e *agnosticismo*?

Gnosticismo é um sistema de filosofia religioso, cujos partidários diziam ter conhecimento completo e transcendental da natureza e dos atributos de deus. Segundo eles, o mundo em que vivemos foi emanado por um deus infável, do qual nada se pode afirmar. O mundo foi habitado primeiramente por espíritos puros e depois veio a matéria, o princípio do mal. Daí, sua condenação absoluta da vida material

Agnosticismo é o termo criado por Huxley (Thomas Henry, naturalista inglês, 1825-1895) para designar a doutrina que declara o absoluto inacessível ao espírito humano. Afirma que a origem, a substância e o fim das coisas nunca poderão ser entendidos pelo ser humano.



15 O que é ateísmo?

Doutrina ou atitude de espírito que nega categoricamente a existência de Deus, asseverando a inconsistência de qualquer saber ou sentimento, direta ou indiretamente religioso, seja aquele calcado na fé ou revelação, seja o que se propõe alcançar a divindade em uma perspectiva racional ou argumentativa.



16 O que é maniqueísmo?

Filosofia considerada herege pelos cristãos, criada por Manés – Maniqueu ou Manete – que viveu na Pérsia por volta de 274. Manés, como os primitivos gnósticos, juntou numa vasta síntese o cristianismo e o paganismo oriental. Assim, os escritos cristãos forneceram as bases e os acessórios foram incorporados do parsismo e do budismo. Para explicar o bem e o mal, atribuía à criação dois princípios:

- um, essencialmente bom, chamado deus, o espírito, a luz
- outro, essencialmente mau, chamado de demônio, a matéria, as trevas

Ao primeiro princípio chamou de Príncipe da Luz e ao segundo, Príncipe do Mundo, ou Satã ou Matéria. A humanidade foi criada pelo deus mau e só pode ser redimida pelo Paraclete, que é o próprio Manés. Os maniqueus eram divididos em duas classes: os auditores ou neófitos e os perfeitos. Eram regidos por doze apóstolos assistidos por 72 bispos. No século IX o maniqueísmo, que havia desaparecido, renasceu com as seitas dos cátaros ou albigenses. Qualquer doutrina baseada nesses dois princípios é chamada de maniqueísmo.



17 O que é *metafísica*?

Termo inventado por Andronico de Rodes no séc I ac e empregado por Aristóteles para designar o estudo de todos os fenômenos que não são naturais e principalmente os de origem divina, no sentido de encontrar neles a causa e fundamentos dos fenômenos reais.



18 Qual é a teoria dos “quatro elementos”?

Os antigos gregos criaram a teoria dos quatro elementos – terra, água, fogo e ar – que seriam os elementos básicos formadores de toda a matéria existente na Terra. Essa teoria criada 500 anos ac, passou por verdade científica até o século XVIII, quando Lavoisier e outros acabaram com ela. O seu principal efeito foi, durante 2200 anos, atrasar as ciências, a química, a física e a medicina. Incrivelmente, em pleno século XXI, ela ainda sobrevive, como lei verdadeira, na astrologia.



19 Qual é a teoria dos “quatro fluidos”?

Hipócrates, um grego, em 400 ac, considerado hoje o “pai da medicina”, foi o primeiro a criar uma teoria racional sobre saúde e doenças. Seus ensinamentos, na maioria, incorretos, foram usados até o século XIX. Dentre eles, está a teoria dos 4 humores ou fluidos. Empédocles, outro visionário grego daquela época, definira saúde como o equilíbrio de 4 variáveis: o seco, o úmido, o quente e o frio. Partindo dessa idéia, Hipócrates criou a teoria de que saúde era o equilíbrio entre quatro fluidos: o sangue, a fleuma, a bÍlis amarela e a bÍlis preta. Todos conheciam o sangue e a bÍlis amarela, que hoje chamamos simplesmente de bÍlis, mas para fleuma ou *pituíta*, Hipócrates definia que era todo e qualquer outro fluido, tal como saliva, esperma, a linfa, as lágrimas, etc. A bÍlis preta – *atrabÍlis* – é algo que não existe e não passou de fantasia de Hipócrates, que atribuía a ela a melancolia (termo grego para atrabÍlis) e o câncer. Mesmo assim existem milhares de páginas escritas tratando da atrabÍlis.



20 Explicar a teoria do éter

A teoria do éter (do grego *aether* = ar superior) foi criada na Grécia antiga. Os filósofos que observavam o universo deram esse nome a uma substância que penetrava em tudo sendo imperceptível por nossos sentidos. Demócrito (460 ac) declarou que havia uma partícula elementar indivisível, chamada *amere*, que apesar de estar contida no átomo, não tinha as mesmas propriedades dele. Por exemplo, enquanto os átomos eram sujeitos à gravidade, os ameres não. Anaximandro (600 ac) chamou de *ether* os agregados de ameres que se movem no

vácuo, preenchendo todo o universo.

Descartes disse que a formação da matéria visível no universo decorre de um vórtex do éter. Já Newton declarou que *“um corpo influencia outro localizado à distância dele, portanto, a noção de um vácuo sem algum “mediador” (éter) é tão absurda que eu acho que ninguém que possui um pequeno conhecimento de assuntos filosóficos, pode acreditar nisso”*. Newton explicava que a força da gravidade era a força que o éter exercia sobre os corpos e, para atingir todos os corpos, ele deveria ser extremamente elástico.

Até finais do século XIX a teoria do éter foi aceita, ou seja, que todo o espaço continha um fluido com as seguintes características: era transparente, não dispersivo, incompressível, elástico e contínuo. Supunha-se que tal fluido agia como meio para a propagação da luz. Depois também achava-se que era o meio de propagação de energia eletromagnética.

No limiar do século XX, toda a ciência mundial estava comprometida por tal teoria, quando, em 1898, a experiência de Michelson e Morley destruiu a teoria do éter. Mais uma falsidade detonada pela ciência.



21 O que é “navalha de Ockham” ?

Na natureza todos os processos são simples. Esse era um princípio comum na filosofia medieval e ficou famoso como “princípio da parcimônia” quando foi usado pelo monge franciscano inglês *William de Ockham* (1285-1349). Por suas idéias de vida ascética criou uma celeuma com o papa João XXII que o excomungou. Ockham respondeu com um tratado, demonstrando que o papa era herege.

O teste da "navalha de Ockham" é de vital importância. Ockham nos deixou a seguinte premissa: ***Na natureza, para dois processos que vão levar a resultados idênticos, sempre vai existir o que for mais simples.*** A ciência é o exemplo mais gritante da veracidade desta afirmação. A explicação é que na natureza tudo é feito com o mínimo gasto possível de energia, daí a simplicidade dos processos. Toda teoria super-complicada, que necessita de elucubrações e ginásticas mentais drásticas para ser explicada, tem uma grande probabilidade de ser falsa.

Logicamente, a ciência não assume que uma teoria mais simples é correta e a mais complicada é falsa. A experiência mostra que, frequentemente, a teoria que necessita mais maquinações é a errada. Porém, até que haja prova em contrário, uma teoria mais complexa competindo com uma mais simples, deve ser examinada posteriormente, mas não imediatamente descartada.



22 O que foi a “Inquisição” ?

Durante a idade média a Igreja e Estado se misturavam de uma maneira jamais vista. Era difícil distinguir a diferença entre ambos. Os bispos católicos entronizavam reis e imperadores e estes protegiam a igreja e seus ministros. Se rebelar contra a Igreja, tanto em assuntos de teologia como de estrutura hierárquica, era atacar também toda a estrutura laica da sociedade medieval.

A Inquisição que durou 600 anos, foi o resultado de uma fortíssima união entre Igreja e Estado. A igreja caçava e processava os acusados e o Estado os executava, geralmente queimando-os em praças públicas.

O principal motivo para a instalação desse instrumento foi a disseminação de heresia. A idéia de heresia como, não só crime religioso, mas também como crime comum vem de Roma, quando era considerado crime de traição.

Os primeiros cristãos foram martirizados por terem sido condenados por heresia. Em caso de suspeita de heresia, um juiz romano poderia abrir um processo chamado *inquisitio* (interrogar, pesquisar) contra uma pessoa acusada de heresia, daí o termo "inquisição".

Em 385, o imperador Maximo ordenou a execução de Prisciliano, sob a acusação de heresia.

O imperador Justiniano em 529, em lei, tratou de transformar a heresia em crime de traição (*Ad Haereticis*), portanto passível de ser punido pelo Estado.

Em 1022, o rei da França condenou vários hereges à fogueira. Em 1028, uma turba enfurecida em Milão queimou vários hereges. A mesma coisa aconteceu em 1028, em Colônia, quando foram queimados cátaros.

Em 1184, o Papa Lucio III lança uma bula contra os hereges e excomunga os catáros.

Em 1199, o Papa Inocêncio III, determina que as propriedades dos hereges condenados poderiam ser confiscadas.

Em 1209, o papa Inocêncio III lança a Cruzada Albigense em Languedoc onde são massacrados cerca de 20 mil cátaros, entre homens, mulheres e crianças.

Em 1215, o quarto Concílio de Latrão em Roma, declara que os hereges que não se arrependem serão excomungados e entregues ao Estado para serem punidos. Terão os bens confiscados.

Em 1220 Frederico II, imperador do sacro império Romano-Germânico cria leis canônicas contra os hereges, que deverão ser queimados ou terem a língua cortada.

Em 1227, o papa Gregório IX lança oficialmente a Inquisição. Em 1229, o Concílio de Tolouse decreta que os leigos não podem possuir um exemplar da Bíblia, com exceção dos Salmos. E que deve estar em latim. A posse do restante das escrituras, em latim ou outra língua, era crime.

Em 1252, o Papa Inocêncio IV com a bula *Ad Extirpanda* autoriza a Inquisição a utilizar a tortura.

Em 1323, o frei dominicano *Bernard Gui*, um grande inquisidor, publica um manual de inquisição.

Em 1398, a faculdade de teologia da Universidade de Paris, decreta que a feitiçaria é heresia, portanto caindo sob a jurisdição da inquisição.

Em 1478, o papa Sixto IV lançou uma bula autorizando os reis Fernando e Isabel da Espanha a criarem uma inquisição autônoma, que foi instalada em 1480, com a função expressa de eliminar os falsos cristãos daquele país.

Em 1481 acontece o primeiro "Auto de Fé": 6 pessoas são queimadas em Sevilha. Até o final desse ano foram queimadas mais 298 pessoas.

Em 30 de março de 1492 todos os judeus são expulsos da Espanha: 50 mil aceitaram a conversão. Cerca de 200 mil foram exilados.

Em 1516, o quinto Concílio de Latrão, decreta que nenhum livro pode ser impresso sem autorização da Igreja.

Em 1531 a Inquisição é instalada em Portugal

Em 1542, o papa Paulo III, instala a inquisição oficial com o nome de "Santo Ofício".

Em 1559, o papa Paulo IV publica o primeiro "*Index auctoreum et librorum prohibitorum*" (Catálogo de autores e livros proibidos)

Em 1660 um Auto de fé em Sevilha, durou 3 dias e foi assistido por 100 mil pessoas. Em 1680, um auto de fé em Madrid, durou 14 horas foi assistido por 50 mil pessoas, 51 foram queimadas.

Em 1721, uma senhora de 96 anos, Maria Bárbara Carillo, foi queimada viva em Madrid.

Em 1809, *Juan Antonio Llorente*, secretário geral da Inquisição Espanhola, escreveu um livro sobre a Inquisição: de 1480 a 1808, foram punidos severamente 291.450 pessoas, foram queimadas em efígie (já estavam mortos quando foram acusados) 17.659 pessoas e foram queimadas vivas 31.912 pessoas.

Em 1821 termina oficialmente a Inquisição em Portugal.

Em 1826, um professor espanhol, Cayetano Ripolli, foi garroteado até a morte. Foi a última vítima da Inquisição na Espanha

Em 1834, foi abolida a Inquisição na Espanha.

Nos primeiros séculos, os portadores de pensamento divergente eram punidos com a excomunhão, vale dizer, eram excluídos da comunidade eclesial. Portanto, era uma questão meramente intra-eclesial. Mas, quando o cristianismo se transformou em religião oficial do Império Romano, a questão virou política. O cristianismo era considerado o fator principal de coesão e união política. Então, qualquer doutrina divergente colocava em risco a unidade política. Os representantes das novas doutrinas eram tidos por hereges. A punição era a excomunhão, o confisco dos bens, o banimento e mesmo a condenação à morte.

A perseguição aos divergentes já ocorreu nos séculos IV e V com a crise do *donatismo* (os rigoristas no norte da África que não concediam o perdão aos que fraquejaram nas perseguições e não reconheciam os sacramentos administrados por eles). O controle e a repressão das novas doutrinas ganharam força no final do século XII e início do século XIII com a eclosão do movimento popular dos cátaros e valdenses no sul da França. Eram movimentos rigoristas, de volta ao espírito simples dos Atos dos Apóstolos, com a pregação itinerante do evangelho na linguagem do povo, levada a efeito, em sua grande maioria, por leigos.

A Inquisição propriamente surgiu quando em 1232 o imperador Frederico II lançou editos de perseguição aos hereges em todo o Império pelo receio de divisões internas. O Papa Gregório IX, temendo as ambições político-religiosas do imperador, reivindicou para si essa tarefa e instituiu inquisidores papais. Estes foram recrutados entre os membros da ordem dos dominicanos (a partir de 1233), seja por sua rigorosa formação teológica (eram tomistas), seja também pelo fato de serem mendicantes e por isso presumivelmente desapegados de interesses mundanos.

A partir de então se foi criando uma prática de controle severo das doutrinas, legitimadas com sucessivos documentos pontifícios como a bula de Inocêncio IV (*Ad extirpanda*) de 1252, que permitia a tortura nos acusados para quebrar-lhes a resistência. Até que em 1542 o Papa Paulo III instituiu a Sagrada Congregação da Inquisição Romana e Universal também conhecida como “Santo Ofício”.

No século XV, a Igreja Católica era a mais poderosa força, política e econômica, no Ocidente. Consciente de seu poder, a Igreja tem o seu Magistério para ensinar as pessoas, já apavoradas por dois séculos de ameaça de torturas, execuções na fogueira e perseguição implacável aos hereges.

A Pretensa “Lógica” da Igreja Católica para justificar a Inquisição

Pela lógica “furada” da Igreja, as pessoas agora podem ficar tranquilas e gozar de plena segurança. Basta ouvir o que o Magistério ensina, vivê-lo coerentemente e já estão em conformidade com a vontade de Deus. A recompensa dessa atitude é promissora: nada menos que a vida eterna.

O Magistério, portanto, é portador exclusivo de uma verdade absoluta. A verdade não é objeto de uma busca. Mas de uma posse agradecida. Por mil formas esta

verdade é distribuída por parte do Magistério cada vez com graus diferentes de certeza, mas sempre sob a assistência divina no horizonte da infalibilidade: pronunciamentos, admoestações, encíclicas, declarações dos sínodos e dos concílios, proclamação de dogmas de fé, etc.

Face à verdade absoluta, não cabem dúvidas e indagações da razão ou do coração. Tudo já está respondido pela instância suprema e divina. Qualquer experiência ou dado que conflita com as verdades reveladas só pode significar um equívoco ou um erro. A Igreja detém o monopólio dos meios que abrem o caminho para a eternidade.

Sendo as coisas assim, só existe um perigo fundamental: a heterodoxia, a heresia e o herege. Em outras palavras, a grande oposição se dá entre o dogma e a heresia. Erro radical é a heresia ou a suspeição de heresia. Aqui se negam as verdades necessárias e se fecha o caminho para a eternidade. A perda é total. O mal, absoluto. O herege é o arquiinimigo da fé. O ser perigosíssimo. Se o perigo é máximo, máximas devem ser a vigilância e a repressão.

Por isso, nessa visão, o portador da verdade é intolerante. Deve ser intolerante e não tem outra opção. Caso contrário a verdade não é absoluta. Só os que não possuem a verdade podem ser tolerantes. Consentir a dúvida. Permitir a busca. Aceitar a verdade de outros caminhos espirituais. O fiel, este é condenado à intolerância.

Os inimigos da verdade e da reta doutrina (ortodoxia), os hereges verdadeiros ou presumidos devem ser perseguidos lá onde estiverem e exterminados. Deve-se esquadriñar suas mentes, identificar os acenos do coração, desmascarar idéias que possam levar à heresia.

Contra o mal absoluto — a heresia — valem todos os instrumentos e todas as armas. Pois se trata de salvar o bem absoluto — a salvação eterna, apropriada pela adesão irrestrita à verdade absoluta como vem proposta, explicada e difundida pela Igreja. Fora da Igreja não há salvação, porque fora dela não existe revelação divina e por isso verdade absoluta. Podem existir verdades fragmentadas, mas incapazes de abrir caminho pelo matagal das confusões humanas e aceder à destinação eterna. Por isso a Igreja é imprescindível.

(cf. *Inquisição- Um espírito que continua a existir* – Boff, L)

Em 1998, o papa João Paulo II, discursando no “Simpósio Internacional sobre a Inquisição” declarou que *“a Inquisição pertence a uma fase atormentada da Igreja, a qual os cristãos devem examinar com um espírito de sinceridade e de mentalidade aberta. (...) antes de pedir perdão é preciso conhecer os fatos com exatidão e reconhecer as deficiências sob a ótica das exigências evangélicas nos casos em que eram necessárias.”*

Em 2004 o Simpósio publicou os resultados de suas pesquisas feitas nos arquivos secretos do Vaticano. De acordo com seus relatórios, *“a maioria dos casos de tortura e execuções atribuídas à Igreja Católica, não existiram. Na Inquisição espanhola, os hereges queimados foram cerca de 40, representando 0,1% dos 40 mil que foram julgados. O número de bruxas queimadas pela Inquisição na Espanha, Itália e Portugal foram 99. Os julgados foram 125 mil”*.

O relatório conclui (parece piada!) que em alguns casos a Inquisição SALVOU vidas, protegendo os acusados do Estado, que queria executá-los.

A Realidade

A Igreja Católica hoje tenta se eximir da responsabilidade das execuções e torturas, sem conseguir. A principal justificativa é que as execuções eram feitas pelo poder secular (o Estado), o que era verdade. Mas o horror das torturas feitas

pelos inquisidores, com o cuidado de não matar a vítima, não pode ser debitado ao Estado. Ao se estudar os aparelhos e métodos de tortura criados por essas mentes degeneradas, chega-se a conclusão que o crime aqui perpetrado é tão terrível como queimar ou garrotear os acusados.

Por sinal, as execuções pelo fogo ou garrote, tinham um “santo” motivo: A Igreja não queria que houvesse “derramamento de sangue” nas mortes.

A heresia era um crime sério, e tanto católicos como protestantes o puniam com crueldade. No século XVI, o erudito *William Tyndale* teve a temeridade de pensar em traduzir o Novo Testamento para o inglês. Mas se as pessoas pudessem ler a Bíblia em sua própria língua, e não em latim arcaico, talvez formassem opiniões religiosas próprias e independentes. Poderiam conceber sua própria comunicação privada com Deus. Era um desafio à segurança de emprego dos padres católicos romanos.

Quando Tyndale tentou publicar a sua tradução, foi caçado e perseguido por toda a Europa. Acabou capturado, garroteado e depois, por boas razões, queimado na fogueira. Seus exemplares do Novo Testamento (que um século mais tarde se tornaram a base da refinada tradução do rei Jaime) foram então procurados de casa em casa por destacamentos armados — cristãos defendendo piedosamente o cristianismo, ao impedir que outros cristãos conhecessem as palavras de Cristo. Esse estado de espírito, esse clima de absoluta certeza de que o conhecimento deve ser recompensado com a tortura e a morte, era pouco auspicioso para os acusados.

A bruxaria não era certamente o único delito que merecia tortura e morte na fogueira, mas queimar bruxas é uma característica da civilização ocidental que, com exceções políticas ocasionais, tem declinado desde o século XVI.

Na última execução judicial de feiticeiras na Inglaterra, uma mulher e sua filha de nove anos foram enforcadas. **O seu crime foi ter provocado uma tempestade quando despiram as meias.** Na nossa época, bruxas e *djins* são uma presença constante em brincadeiras infantis, o exorcismo de demônios ainda é praticado pela Igreja católica romana.

Os números apresentados pelo Simpósio sobre a Inquisição são alegorias. Ao dizer que a Igreja não matou ninguém, talvez estejam querendo colocar a culpa no Estado, separando-a da Igreja, o que é impossível. Os números de execuções são avassaladores. A menor estimativa é de 250 mil pessoas. A maior é de 9 milhões. Por exemplo, a crônica dos que foram consumidos pelo fogo, somente na cidade alemã de Würtzburg, e apenas no ano de 1598, apresenta estatísticas e permite que nos confrontemos com um pouco da realidade humana com um calafrio na espinha:

“O intendente do Senado, chamado Gering; a velha sra. Kanzler; a mulher gorda do alfaiate; a cozinheira do sr. Mengerdorf; um estranho; uma mulher estranha; Baunach, senador, o cidadão mais gordo de Würtzburg; o velho ferreiro da corte; uma velha; uma menina de nove ou dez anos; uma menina mais moça, sua irmãzinha; a mãe das duas meninas acima mencionadas; a filha de Liebler; a filha de Goebel, a menina mais bonita de Würtzburg; um estudante que sabia muitas línguas; dois meninos do Minster, cada um com doze anos; a filhinha de Stepper; a mulher que guardava o portão da ponte; uma velha; o filhinho do intendente do conselho da cidade; a mulher de Knertz, o açougueiro; a filhinha de colo do dr. Schultz; uma menina cega; Schwartz, cônego em Hatch...”

E assim por diante. Alguns recebiam atenção humanitária especial “*A filhinha de Valkenberger foi executada e queimada privadamente.*”

Houve 28 imolações públicas, cada uma com quatro a seis vítimas em média, nessa pequena cidade num único ano. Isso era um microcosmo do que estava acontecendo por toda a Europa. Ninguém sabe quantos foram mortos ao todo — talvez centenas de milhares, talvez milhões.

Os processos logo se tornaram fraudulentos no item despesa. Todos os custos da investigação, julgamento e execução eram pagos pela acusada ou seus parentes — até as diárias dos detetives particulares contratados para espioná-la, o vinho para os seus guardas, os banquetes para os seus juízes, as despesas de viagem de um mensageiro enviado para buscar um torturador mais experiente em outra cidade, os feixes de lenha, o alcatrão e a corda do carrasco. Além disso, a membros do tribunal ganhavam uma gratificação para cada feiticeira queimada. O que sobrava das propriedades da bruxa condenada, se ainda houvesse alguma coisa, era dividido entre a Igreja e o Estado.

Quando esse assassinato e roubo em massa, legal e moralmente sancionados, se tomaram institucionalizados, quando surgiu uma enorme burocracia para servi-lo, a atenção se desviou das velhas megeras pobres para os membros das classes média e alta de ambos os sexos.

Quanto mais as pessoas, **sob tortura**, confessavam participar de bruxarias, mais difícil ficava sustentar que toda a história não passava de fantasia. Como cada uma das “bruxas” **era forçada a implicar outras**, o número crescia exponencialmente. Tudo isso constituía “provas assustadoras de que o Diabo ainda está vivo”, como mais tarde se afirmou na América do Norte por ocasião dos julgamentos das bruxas de Salem. Numa era crédula, o testemunho mais fantástico era levado a sério — de que dezenas de milhares de bruxas “*tinham se reunido em um sabá em praças públicas na França*”, ou de que “*12 mil feiticeiras escureceram os céus ao voar para Terra Nova*”.

A Bíblia tinha aconselhado “***Não debes tolerar que uma bruxa viva***”. Legiões de mulheres pereceram queimadas vivas. E as torturas mais horrendas eram rotineiramente aplicadas a todas as réis, jovens ou velhas, depois que os padres abençoavam os instrumentos de tortura. O próprio Inocêncio morreu em 1492, após tentativas frustradas de mantê-lo vivo por meio de transfusões de sangue (o que resultou na morte de três meninos) e amamentação no peito de uma ama-de-leite. Foi pranteado pela amante e pelos filhos de ambos.

Na Grã-Bretonha, empregavam-se perseguidores de bruxas, também chamados “alfinetadores”, que recebiam um belo prêmio para cada menina ou mulher que entregavam para execução. Não eram estimulados a ser cautelosos em suas acusações. Em geral procuravam “marcas do diabo” — cicatrizes, marcas de nascença, verrugas — que, ao serem picadas com um alfinete, não doíam, nem sangravam. Uma simples prestidigitação dava a impressão de que o alfinete penetrava fundo na carne da bruxa. Quando não havia marcas aparentes, bastavam as “marcas invisíveis”. Sobre o patíbulo, um alfinetador da metade do século XVII “confessou que provocara a morte de mais de 220 mulheres na Inglaterra e na Escócia, ao preço de vinte xelins cada”.

Nos julgamentos das bruxas, evidências atenuantes ou testemunhas de defesa eram inadmissíveis. De qualquer modo, era quase impossível apresentar álbis convincentes para as bruxas acusadas: as regras de evidência tinham um caráter especial. Por exemplo, em mais de um caso o marido atestava que sua mulher

estava dormindo nos braços dele no exato momento em que era acusada de estar brincando com o diabo num sabá de bruxas; mas o arcebispo explicava pacientemente que um demônio tomara o lugar da mulher. Os maridos não deviam imaginar que seus poderes de percepção podiam superar os poderes de simulação de Satã. A fogueira aguardava à todas.
(cf. *The Demon-haunted World* – Sagan, C)



- 23 O que é “*Directorium Inquisitorium*”?
“*Manual do Inquisidor*”. Um manual para ser seguido pelos inquisidores, escrito pelo frei dominicano *Nicolau Eymerich* em 1376 e complementado em 1578, por outro frei dominicano *Francisco de La Peña*. Depois da Bíblia, foi o primeiro livro editado pelo Vaticano em 1503 e distribuído por toda a Europa para fazer frente à Reforma Protestante. Como o *Malleus Maleficarum*, é um livro onde a desumanidade, a crueldade e a abominação saltam aos olhos. Uma religião que permitiu e incentivou tais horrores, não pode ser verdadeira.



- 24 O que é íncubo? O que súcubo?
Pelos ensinamentos cristãos, *íncubo* é o demônio masculino que aparece à noite para manter relações com uma mulher e *súcubo* era o contrário, ou seja um demônio feminino que atacaria um homem. As atitudes medievais para com os íncubos e súcubos foram iniciadas pelo livro de Macróbio do século IV, “*Comentário sobre o sonho de Cipião*”, que teve dezenas de edições antes do Iluminismo. Macróbio descrevia fantasmas (*phantasma*) vistos “*no intervalo entre o estado desperto e o cochilo*”. O sonhador “imagina” os fantasmas como predatórios.
A obsessão com tais demônios começou a atingir um crescendo quando em sua famosa bula de 1484, o papa Inocêncio VIII declarou:

“*Tem chegado a nossos ouvidos que membros de ambos os sexos não evitam manter relações com anjos, íncubos e súcubos malignos, e que por meio de suas feitiçarias, palavras mágicas, amuletos e conjuros, eles sufocam, extinguem e abortam os filhos das mulheres (...)*”

Com essa bula, Inocêncio dava início à acusação, tortura e execução sistemáticas de inumeráveis “*bruxas*” em toda a Europa. Elas eram culpadas do que Agostinho descrevera como “*o ato criminoso de lidar com o mundo invisível*”. Apesar do imparcial “membros de ambos os sexos” na linguagem da bula, não causou surpresa o fato de as meninas e as mulheres terem sido as principais perseguidas.



- 25 Como Santo Agostinho explicava o surgimento de uma bruxa?
Segundo ele, uma bruxa nascia das relações de um íncubo com uma mulher.



- 26 O que é “*Malleus Maleficarum*” ?
Malleus Maleficarum – Martelo das Bruxas. Um tratado sobre o que são as bruxas, como combatê-las e matá-las, de autoria dos monges dominicanos *Henry Kramer* e *James Sprenger*, lançado em 1486, considerado como um dos mais

infames livros já publicados no mundo, responsável por uma série de superstições, que vigoram ainda entre os cristãos.

Depois da bula do papa Inocêncio VIII, em 1484, iniciou-se uma caça às bruxas, que duraria séculos. Até humanistas como Erasmo de Roterdã e Thomas More acreditavam em bruxas. “*Não acreditar em bruxarias*”, disse John Wesley, o fundador do metodismo, “*é na verdade, não acreditar na Bíblia.*” William Blackstone, o famoso jurista, em seus *Commentaries on the Laws of England* (1765), afirmava: “*Negar a possibilidade ou, mais ainda, a existência real da bruxaria e da feitiçaria é contradizer a palavra de Deus revelada em várias passagens do Antigo e do Novo Testamento*”

Inocêncio elogiava “*nossos queridos filhos Henry Kramer e James Sprenger que foram nomeados, por Cartas Apostólicas, inquisidores dessas depravações heréticas*”. Kramer e Sprenger produziram o *Malleus Maleficarum*, o “Martelo das Bruxas” — descrito apropriadamente **como um dos livros mais terríveis da história humana**. Thomas Ady, acusou-o de conter “*doutrinas e invenções infames*”, “*mentiras e impossibilidades horríveis*”, servindo para esconder “*uma crueldade sem paralelo dos ouvidos do mundo*”.

O que o *Malleus* significa, mais ou menos, é que se a pessoa for acusada de bruxaria, ela é uma bruxa. A tortura é o meio infalível de demonstrar a validade da acusação. O réu não tem direitos. Não há oportunidade de acareação com os acusadores e pouca atenção é dada à possibilidade de que as acusações sejam causadas por objetivos ímpios — inveja, vingança ou a ganância dos inquisidores, que rotineiramente confiscavam para seu proveito pessoal as propriedades do acusado.

Esse manual técnico para torturadores também inclui métodos de castigo talhados para liberar os demônios do corpo da vítima, antes que o processo a matasse. Com o *Malleus* na mão e o incentivo do papa garantido, os inquisidores começaram a surgir em toda a Europa.

(cf. *The Demon-haunted World* – Sagan, C)



27 Explique geocentrismo e heliocentrismo

Geocentrismo é a teoria retirada da Bíblia e reforçada por Ptolomeu, em que se ensina que o centro do universo é a Terra e tudo gira em seu redor. Nos séculos passados, quem duvidasse dessa teoria, receberia sérias punições ministradas pela Igreja Católica. Heliocentrismo, é a verdadeira teoria, em que o sol é o centro de um sistema planetário e a Terra se move em seu redor. Galileu foi condenado pela Inquisição por abraçar tal teoria. Para não ser queimado, teve que ser retratar.



28 Explicar “criacionismo” e “evolucionismo”

Criacionismo é a teoria retirada da Bíblia, de que existe um criador – que não foi criado – que fez todo o universo. Evolucionismo é a teoria baseada em estudos científicos de que a vida na Terra surgiu de uma primeira célula e daí, através da evolução por milhões de séculos, povoou o planeta de seres vivos



29 O que é efeito “Jeanne Dixon”?

O fenômeno em que os poucos acertos de uma seqüência de centenas ou milhares de previsões recebem uma publicidade fantástica, garantindo que sempre serão lembrados, enquanto os milhares de falhas são ignorados, recebe o nome de “*Efeito Jeane Dixon*”.

O êxito de um vidente - profeta, oráculo, adivinho, etc - vai depender de um mecanismo totalmente lógico:

- o vidente TEM que ser inteligente, perspicaz e esperto
- o vidente obrigatoriamente estudará o assunto sobre o qual vai prever
- as previsões devem ser em quantidade suficiente para dar margem de acerto
- a previsão deve ser vaga, nunca conter dados que possam ser conferidos com facilidade
- deve se dar ênfase nos acertos e se possível fazer desaparecer as que não deram certo
- fazer o possível para não documentar a previsão. O ideal é divulgá-las oralmente
- a previsão deve ser a mais cifrada possível, dando oportunidade para que se possa justificá-la, caso não se concretize
- a previsão deve ser impactante. Prever desastres e tragédias causa um impacto fabulosamente maior que prever amenidades.
- a elaboração da previsão vai depender do público alvo. Quanto mais ignorante o público, menos sofisticada a previsão.

Estes são os itens dos quais depende o trabalho do vidente para que as previsões funcionem. Existe, porém, um detalhe que independe do vidente, mas que é peça chave no seu sucesso. É a memória seletiva do homem, que, neste caso guarda os sucessos e tende a esquecer os fracassos. Ou seja: o vidente faz cem previsões, erra 99 e acerta uma, fica famoso. Sua taxa de acerto é ínfima. Errou a esmagadora maioria. Mas ainda tem crédito, principalmente se essa única previsão tiver sido uma ocorrência que comoveu o mundo! Não tem erro.

Depois de acertar uma previsão desse tipo, o vidente está feito e vai ter sucesso pelo resto da vida.

Jeane Dixon (1918-1997) era uma astróloga e médium que **NÃO** previu o assassinato de Kennedy. Mas a propaganda feita pela imprensa e rádio e a ênfase em encaixar acontecimentos recentes em previsões antigas – como se faz exageradamente com Nostradamus - deram-lhe uma fama espetacular nos Estados Unidos, até a sua morte, justamente por ter pretensamente previsto o assassinato de Kennedy.

A mais famosa de suas milhares de previsões foi a imprensa quem criou: o assassinato de Kennedy. Depois que o fato aconteceu, a imprensa foi buscar no baú a história de que ela tinha previsto tudo. Pronto. Sua fama se espalhou e cresceu de forma avassaladora.

Em 13/05/1956, a revista *Parade Magazine*, publicou suas previsões e entre elas havia uma assim: “*para a eleição de 1960, a Sra. Dixon diz que será dominada pelos trabalhistas e ganha por um democrata, que será assassinado ou morrerá na função*”. Mais tarde, Dixon acrescentou “*mas não necessariamente no seu primeiro mandato*”

A técnica de fazer previsões aqui fica bem evidente, pois o texto abre espaço para uma série de eventos que podem ser possíveis. O presidente cujo nome jamais é mencionado poderá morrer. Poderá ser no primeiro ou segundo mandato.

O presidente poderá ser assassinado. Poderá ser no primeiro ou segundo mandato. Portanto, mesmo qualquer tentativa de assassinato, poderá ser encarada como acerto de previsão.

Porém, o melhor vem agora. Mais tarde, ela morreu pela boca. Disse “*Na eleição de 1960 eu vejo que o vencedor será Richard Nixon*”. E já em 1960, um pouco antes das eleições: “*John F. Kennedy não ganhará as eleições.*” (Hines 2003: 71; Tyler 1977). Na realidade, o resumo dessas previsões é que ela previu foi a morte de Nixon. E errou. Quem ganhou e morreu foi Kennedy.

Mas a imprensa não quer saber disso e publicou apenas o que foi dito em 13/05/56. A verdade não vende jornais. A fórmula de previsões de Dixon, vende. A tônica nelas é guerra e paz, vida e morte. Ela vê o pior e promete o melhor.

Suas previsões são vagas: “*neste século algum papa vai sofrer um dano físico*”.

Qualquer um pode fazer uma previsão como essa, que sempre acertará. O dano físico pode ir de um escorregão no banheiro, passando pelo atentado (de fato ocorreu) até a morte em um desastre. Assim fica fácil ser vidente.

Com essa técnica a Sra. Dixon escreve suas previsões para vários jornais nos Estados Unidos, lançando no final do ano as previsões para o ano que vem. E isso continuou até o ano de sua morte. Os jornais vendiam como água e ela ficou milionária.

Quando dava nome aos bois, ou seja, fazia uma previsão direta, errava. Ela previu que a URSS chegaria primeiro na Lua, antes dos americanos. Previu o começo de III Guerra Mundial para 1958, provocada pela URSS. Previu a IV Guerra Mundial para a década 1980, provocada pela China. Previu a invasão da URSS pela China. Predisse que Nixon iria servir seu país (foi cassado da presidência). Previu o surgimento de um míssil secreto americano em 1970 que seria usado nas batalhas das guerras mundiais. Previu que depois de 1990 a Igreja Católica iria dominar o mundo. Numa visão de 5 de fevereiro de 1962, em que viu a rainha egípcia Nefertiti, disse que no Oriente Médio nasceria uma criança que ganharia um poder e fama mundiais e que, no ano 2000 uniria todas as crenças em uma só e que todo o mundo abraçaria essa fé.

Previu a cura do câncer para 1967. Não conseguiu enxergar o nascimento do terrorismo. Não previu a queda do Muro de Berlim. Não previu o fim do comunismo na URSS. Não previu o atentado de 11 de setembro. Não previu o surgimento da AIDS. Nem a morte dos astronautas americanos quando o foguete explodiu no lançamento, ou quando a nave explodiu na entrada da atmosfera.

Ah, ia me esquecendo: a Sra. Dixon fazia suas previsões olhando uma bola de cristal!!!



- 30 Até meados do século XIX uma grande parte de cientistas acreditava que os seres vivos apareciam na Terra por geração espontânea. O que é isso?

Aristóteles (séc. IV ac) propôs a teoria de que determinados animais - pequenos peixes, moluscos e insetos - não eram gerados nem por ovos, nem tinham genitores, mas sim nasciam de uma combinação de elementos do solo tais como terra, água, lodo, putrefações, etc. Em 1859 um cientista francês, Félix-Archimède Pouchet, publicou um tratado sobre geração espontânea, chamado “*Heterogenia*”. A academia de Ciências da França contrata Louis Pasteur para refutá-lo. Pasteur provou que não há geração espontânea e em 1862, Pouchet e a teoria são considerados falsos.



31 O que é hinduísmo?

O Hinduísmo é a mais antiga religião que persiste até nossos dias.

Há 4500 anos, no vale do rio Indo, estavam aparecendo cidades com um amplo desenvolvimento. Aí havia a civilização *harapense*, muito organizada e próspera.

Da sua religião pouco se sabe, pois não se encontram registros. Sabe-se que havia o costume de se cultuar divindades dentro de casa, em pequenos altares e que os deuses eram o unicórnio, o minotauro - metade homem e metade boi - a figueira, o elefante, o tigre, o búfalo e o rinoceronte. O deus máximo era o zebu, até hoje sagrado na Índia.

Na Índia, por volta de 4.000 anos atrás, estabeleceram-se os árias. Eles se organizavam em tribos, lideradas por um chefe e um sacerdote. Esses sacerdotes foram os responsáveis por manter vivas as tradições religiosas que acreditavam, por vários séculos, até que pudessem ser escritas em antologias conhecidas como *Rig Vedas*. A partir de 3500 anos atrás, foram compostos mais de 1.000 hinos, para serem cantados em rituais de sacrifícios. A religião atual, hinduísmo, é totalmente baseada nessas crenças antigas.

A Terra é o centro do universo e havia 33 deuses. A mesma história se repete: existem deuses para os céus, para a atmosfera, para a Terra. Os deuses, tinham ainda, as características humanas, tais como emoções, fome, frio, etc.

Os árias acreditavam que os deuses, para atenderem um pedido, deveriam receber algo em troca, e, orientados pelos sacerdotes, pagavam caro para pedir algo a eles.

O sacrifício mais comum era de animais, mas havia também - com menos frequência - o sacrifício humano.

O deus mais popular era *Indra* - céu trovejante - representado com um raio na mão. Todos os deuses eram bons, com exceção de *Varuna* - céu estrelado - senhor da justiça. O deus *Yama*, reinava entre os mortos e ajudava os bons a atravessarem a ponte que leva ao paraíso. Os maus iam para uma escuridão. Para estes, não havia o conceito de sofrimento, nem de inferno.

Havia *Vishnu* - o sol - e *Agni* - deus do fogo e uma série de divindades: *Dyaus, Prithivi, Surya, Savitar, Pushan, Mitra, Siva ou Shiva, Vayn, Vata, Marut, Dasyu*. *Varuna* era o deus do universo, foi ele quem construiu o céu e a Terra e os organizou. Ele é onisciente e onipresente, vê e ouve tudo e está em todo lugar.

Há 2800 anos, os árias tinham tomado quase toda a Índia e sua sociedade sofreu várias transformações. A principal foi o aumento fragoroso do poder dos sacerdotes, que passaram a ser encarados como sendo até, mais poderosos que os próprios deuses. Isso foi devido a uma esperteza dos sacerdotes que tornaram os rituais de comunicação com os deuses tão complicados, que o próprio rei não conseguia mais compreendê-los. Os sacerdotes foram assim, tornando-se senhores de mistérios, mágicas e encantamentos, que subjugavam toda população.

Outra demonstração de poder e esperteza dos sacerdotes foi a divisão do povo em castas - palavra que significa cor - derivadas de uma parte de um primeiro homem. Assim havia quatro castas, em ordem descendente de importância: a mais importante é a dos sacerdotes - os *brâmanes* - que se originavam na boca do tal homem. A seguir vêm os governantes e guerreiros - os *xátrias* - originados dos braços; depois vinham os agricultores e mercadores - os *vaixás* - retirados das coxas e, finalmente os criados - os *sudras* - e escravos - os *dasas* - que tiveram sua origem nos pés. Havia ainda os *párias* - pessoas que nem sequer tinham casta. Eram o lixo do lixo. Mais tarde, para cada casta, surgiram sub-castas.

As castas prosperaram e se tornaram herméticas e hereditárias. Um homem das duas castas superiores podia casar-se com mulheres de casta mais baixa, mas homens das duas castas mais baixas não podiam casar-se com mulheres das castas superiores. Os sudras eram considerados escória e segundo os Vedas podiam ser açoitados e mortos, à vontade. Quem nasce sudra, morre sudra e seus filhos serão sudras. Aparentemente não tem jeito de escapar à triste sorte de se nascer numa casta mais baixa.

Para descrever o funcionamento da transmigração, criaram um complicado mecanismo, destinado a manter o povo indefinidamente preso ao sistema perverso das castas e sob o domínio dos sacerdotes e seus rituais.

Iniciaram tirando a importância de sacrificar aos deuses, como forma de uma compra da felicidade. A felicidade somente poderia ser atingida com a reencarnação num estágio superior.

A partir de 500 ac, a tradição oral passa a ser registrada por escrito, quando a escrita de origem aramaica foi introduzida no *Pendjab*.

Nessa época surge uma corrente religiosa chamada de *jainismo*. Seu principal divulgador, *Vardhamana*, era um xátria e deixou a vida confortável para entrar numa ordem ascética - a *Nirgranta* - que tinha por princípios o desprezo total pelos cuidados do corpo, a mendicância e vida errante. Segundo a lenda, Vardhamana conseguiu, através do ascetismo, a onisciência. Dessa forma transformou-se em *Jina* (o vitorioso) ou *Mahavira* (o grande homem). É com esse último nome que passou a ser conhecido.

O Mahavira ensina então que tudo na natureza possui alma e pode ser reanimado.

O ar, o vento, as pedras, o fogo, tudo tem alma (*jiva*) e devem ser tratados com cuidado para que não possam ser feridos. Não existe um deus universal e soberano. Deus é uma manifestação suprema de todos os poderes que estão escondidos na alma humana. O principal mandamento é respeitar qualquer ser, quer inanimado ou animado e nunca prejudicar nenhuma forma de vida, por menos evoluída que seja.



32 O que é budismo?

Após o Mahavira, surge nova doutrina, desta vez professada por outra xátria, cujo pai era rajá, de nome *Gautama*. Esse nobre, casado, chefe de família, filho de governante, abandona tudo para ser asceta e andarilho. A sua nova vida, o leva a receber a revelação da nova Lei, que passa a divulgar por todos os lugares onde passa. Passa a ser conhecido, então, por *Buda* (o iluminado) - *Sidarta* (o que atinge o seu objetivo) e *Sakyamuni* (o sábio sakya).

Buda reconhece quatro verdades nobres:

- o sofrimento faz parte da existência
- o sofrimento nasce do desejo impossível de ser satisfeito
- o sofrimento passa de renascimento a renascimento
- o sofrimento só cessará se o desejo for aniquilado e isso se dará pelo conhecimento da Lei, cuja prática conduz à libertação - o *nirvana*

Pregava ainda que a morte não destruía o karma, que está ligado à vida pela eternidade, gerando incessantemente dor e sofrimento. A lei era amor ao próximo, abandono de si mesmo, compaixão, liberalidade e imitação da vida do mestre - Buda.

Sakiamuni que adotou o sobrenome de BUDA (do sânscrito budha: o sábio, aquele que compreende; aquele que despertou) pregou na Índia uma doutrina que modificava profundamente a dos brâmanes. Tal doutrina considerava que a vida é sofrimento, que por sua vez é consequência da paixão, e aconselhava a renúncia a todos os objetos exteriores que são produtos da ilusão. A sabedoria consiste em compreender o “nada” de tudo que nos rodeia e penetrar em nós mesmos para atingir o nirvana, estado de beatitude que se alcança por meio da anulação de todo desejo e aniquilamento da personalidade. O budismo que é uma filosofia e uma religião, não se ocupa da noção de deus. Depois da morte de Buda, alguns de seus discípulos propagaram a nova doutrina, mas, como esta modificava profundamente o bramanismo foram perseguidos e expulsos da Índia nos séculos V e VI, o que permitiu difundir sua religião no Tibete, Ceilão, Mongólia, China e Japão.

"Não creiais em coisa alguma pelo fato de vos mostrarem o testemunho escrito de algum sábio antigo. Não creiais em coisa alguma com base na autoridade de mestres ou sacerdotes.

O que se enquadrar na vossa própria experiência e, depois de MINUCIOSO EXAME, for confirmado pela vossa razão, conduzindo ao vosso próprio bem e ao de todas as outras coisas vivas, a ISSO aceitai como verdade e por ISSO pautai vossa vida." BUDA



33 O que é samsara?

Há 2700 anos, apareceu na Índia uma nova doutrina, chamada de **Upanixades**. Muitos princípios dessa nova doutrina se incorporaram no hinduísmo. Sua base consiste em crer num espírito universal que anima toda vida e está presente em cada indivíduo e na idéia da reencarnação, ou transmigração de almas, chamada de **samsara**.



34 O que é karma?

No hinduísmo, o modo de vida do indivíduo irá determinar como ele vai reencarnar quando morrer. Dessa forma um sudra, que levar uma vida exemplar, quando morrer, poderá voltar encarnado em uma pessoa de casta mais elevada. Essa é a teoria do **karma**. Ou seja, de suas ações aqui na Terra é que vai depender a sua vida futura.



35 O que é metempsicose?

No hinduísmo era a reencarnação, em que um espírito de um ser morto poderia voltar a animar outro ser, animal ou vegetal, podendo ser, inclusive, um castigo. Por exemplo: se alguém matar uma vaca, voltará reencarnado por um número de anos igual ao quádruplo dos pelos da vaca morta. Outras correntes religiosas podem ser chamadas de “metempsicose” quando pregam tais teorias, como o orfismo e pitagorismo. Correntes filosóficas como o platonismo, o empedoclisto e o neo-platonismo, também abraçam a metempsicose como verdadeira.



36 O que é xintoísmo?

Os primitivos japoneses tinham uma série de crenças que mais tarde ficaram conhecidas como “*Xinto*” – o caminho dos deuses, a mais antiga religião do Japão. É uma religião de adoração da Natureza, na qual se acredita que os espíritos dos antepassados viviam em pedras ou árvores para protegerem as famílias e o país. O principal desses espíritos era a deusa Sol, da qual descendiam o imperador e toda a família imperial. No xintoísmo acredita-se que os espíritos são invisíveis. No ano 1000, o budismo, que tinha entrado no Japão, mesclou-se com o xintoísmo. Sua idéia central é que o *kami* (poder divino) se manifesta em todas as coisas em todos os momentos. Assim, a atenção dada a cada momento, por mais insignificante que seja, leva à descoberta da verdade.



37 O que é taoísmo?

Tao ou *Tau*, significa “o caminho”. Filosofia criada na China supostamente por *Lao-Tsé* (século VI AC), e divulgada no livro *Tao-Te-Ching* (século III AC) depois do confucionismo. Ensina que não existe nem o bem, nem o mal absolutos, rebelando-se contra o artificialismo da sociedade e voltando-se para a Natureza. Segundo a filosofia do Tau, tudo no mundo tem uma função natural e que devem ser aceitos com simplicidade, porém a natureza não pode ser compreendida a não ser pela imaginação mística. O sistema do Tau pretende através de experiências místicas, colocar o homem em harmonia com a natureza. Tais ensinamentos causaram grande influência entre os chineses e confrontavam abertamente com as teorias do confucionismo, por esta ser a filosofia do autoritarismo e da ordem social estabelecida.



38 O que é confucionismo?

Religião ou filosofia fundada pelo filósofo chinês *K'ung-Fu-Tzu* (Confúcio – 551-479 ac). Foi o mais célebre filósofo da China. Personifica o conjunto da ciência moral e política dos chineses. Seu sistema tem como ponto principal regras para os costumes públicos para que reine a ordem e com ela, a paz. Esta ordem não pode ser efetivada e manter-se se os homens não cumprirem deveres recíprocos, que Confúcio deduz dos princípios de seu sistema: para que exista a ordem é necessário que todos os homens, desde o Imperador até o último de seus súditos, colaborem com essa ordem. Estes ensinamentos estão contidos em suas diversas obras, especialmente na intitulada “*Conversas Filosóficas*”.

O confucionismo, ou doutrina de Confúcio com o tempo foi se divulgando e se desenvolvendo até que se organizou um culto, ou religião de Confúcio, que se celebrava por meio de cânticos e danças tradicionais. Esse culto ainda persiste, mantido por uma sociedade Confucionista.

Seus ensinamentos pregavam que o governo humano é melhor que o governo autoritário, ou seja, os governantes deveriam dirigir a nação como um pai ou mãe dirige a família. Ensinava que os homens têm capacidade ilimitada e devem ser promovidos não por seu berço, mas por seu talento individual. O poder de governo era dado pela divindade e caso o homem investido no cargo de governante venha a praticar iniquidades, pode ser destituído, inclusive pelo uso da força.

As virtudes eram muito importantes, principalmente a lealdade, a boa fé e o respeito pelos genitores, principalmente pelo pai. Todos os princípios morais eram justificados pela necessidade de se manter a ordem e não como mandamentos de deus. Os confucionistas eram rigorosos nos cultos e cerimônias, pois acreditavam que somente assim se reforçaria a devida cortesia familiar e social, bem como a adequada atitude em público.



39 O que cientologia (*scientology*)?

Uma religião da “Nova Era”. Confira.

“Há 75 milhões de anos, havia um imperador galáctico chamado *Xenu*. Ele governava todos os planetas desta parte da galáxia, inclusive a Terra, que era conhecida como *Teegeeeack*.

Com o passar dos tempos apareceu um problema. Todos os 76 planetas governados por Xenu ficaram super-povoados, com a média de 178 bilhões de pessoas cada um. Para resolver o problema, Xenu foi obrigado a derrotar as pessoas boas e os Oficiais Leais. Para isso utilizou o auxílio de renegados. Com o ajuda de psiquiatras ele convocou bilhões de pessoas com a desculpa de regularização de impostos. As pessoas foram aprisionadas e receberam injeções de álcool misturado com glicol e ficaram paralisadas. Assim foram colocadas em naves espaciais, que pareciam exatamente com DC8s, com turbinas ao invés de hélices.

Essas naves foram enviadas para a Terra, onde despejaram as pessoas paralisadas, aos bilhões, em torno de vulcões. Depois de trazerem todas as pessoas para cá, colocaram bombas de hidrogênio dentro dos vulcões e as detonaram de uma só vez, matando todos.

Porém, todas as pessoas possuem almas, que são chamadas de *thetans*, que ficaram em volta das pessoas mortas na grande explosão. Para que não reencarnassem, Xenu construiu uma armadilha eletrônica que aprisionou todas as almas em cápsulas também eletrônicas.

As almas foram então colocadas em caixas e levadas a imensos cinemas. Num processo chamado “*implantação*” as almas foram expostas a sessões de cinema com filmes em 3D, onde cada uma ficou acreditando em determinado falsa crença. Algumas acreditavam em Deus, outras, no Demônio, e outras, em Cristo, e assim por diante. Assim dependendo da crença de cada uma, juntaram-se em grupos de alguns milhares. Então como Xenu deixou poucas pessoas vivas, essas almas em grupos, foram habitar os corpos dessas pessoas.

Enquanto isso, os Oficiais Leais finalmente conseguiram derrotar Xenu e o aprisionaram em uma montanha em um desses 76 planetas. Xenu vive até hoje na prisão, cercada por um campo de força alimentado por baterias de duração eterna.

Hoje, as pessoas que estão nesses planetas, não possuem apenas uma alma, mas um grupo de milhares de almas, chamadas de “*thetans corporais*”. Se a pessoa quiser ter apenas uma alma terá que se livrar desses milhares de thetans corporais.

Os únicos motivos para que as pessoas atualmente acreditem em Deus e Cristo é que seus thetans corporais viram tais informações falsas no filme durante a “*implantação*”.

Essa é a história cretina e ridícula que está no centro de uma religião chamada *scientology* (cientologia), inventada por um certo Lafayette Ron Hubbard (1911-1986), escritor de livros de ficção científica de terceira categoria.

Em 1939, Hubbard publicou um livro sobre “*Dianética*” – *A Moderna Ciência de Saúde Mental*. Em 1954 fundou a primeira igreja de Cientologia, em Washington DC. Hoje a seita possui cerca de 10 milhões de seguidores em todo mundo.

Na definição da seita, Hubbard era uma pessoa super-honesta, generoso, humanitário, cujos profundos pensamentos transformaram o mundo. Na realidade Hubbard não passou de um mentiroso patológico, uma fraude que se consumiu na ambição e paranóia, que, literalmente enganou milhões de pessoas com um extraordinário mundo de fantasia. Hubbard enriqueceu de forma assustadora e viveu como um marajá, até sua morte em 1986.

A grande parte dos cientologistas que trabalham nos centros Dianéticos, como são chamadas as “Igrejas” da Cientologia, desconhecem essa história, já que somente tomam conhecimento dela quando atingem o nível superior “segredo” – nível OT III - da Cientologia. Pode levar anos até que alguém atinja esse nível, se conseguir atingi-lo, algum dia. Todos que o atingem são obrigados a guardar segredo dessa história. Então são capazes de se comunicar telepaticamente com os thetans corporais e expulsá-los. A pessoa é obrigada a desembolsar muito dinheiro para atingir esse nível ou para que outro expulse os seus thetans corporais. Se você é pobre, então terá que trabalhar para a Cientologia por muitos anos, recebendo um salário miserável e assim poder subir na sua hierarquia.

Atualmente a Cientologia é a mais antiga e mais rica das religiões da “Nova Era”, tendo se tornado uma formidável instituição, atingindo os Estados Unidos em todos os níveis, influenciando a economia, a justiça e o governo daquele país, além de estar envolvida em roubos, espionagem, assassinato e seqüestros. Somente o FBI possui 600 arquivos de investigações contra Hubbard e sua igreja.

“Na realidade, VERDADE é aquilo em que cada um acredita”. (LR Hubbard)

“Ficar escrevendo por centavos a palavra não é o caminho. Se alguém quer ganhar um milhão de dólares que trate de fundar uma religião.” (L.R. Hubbard em 1940)



40 O que é “Movimento Raeliano”?

Mais uma religião da “Nova Era”

Claude Vorilhon, nascido em 1946, era um jornalista esportivo e piloto de carros de corrida, quando em 13 de dezembro de 1973, estava nas imediações de um vulcão em *Clermont-Ferrand*, na França, quando viu um OVNI de 7 metros de diâmetro. Dele saiu um ser brilhante que revelou a ele a verdadeira história da humanidade. Disse também que daquele momento em diante ele deveria ser chamado de **Raël**, que significa “mensageiro”.

Então escreveu um livro explicando sua missão (*A Verdadeira Face de Deus*). Nele relata que foi levado ao planeta dos **Elohim**, num disco voador, em 1975.

Lá ficou conhecendo Jesus, Buda, Joseph Smith (???) e Confúcio. Os Elohim são seres de forma humana, com pele verde-clara e olhos amendoados. Eles disseram a Vorilhon que ele seria o último profeta – enviado para divulgar a mensagem de paz e meditação sensual para a humanidade, sob o novo nome de **Raël** – antes que os Elohim voltem a Jerusalém no ano 2025, para promover o fim dos tempos.

Vorilhon declara que os Elohim contaram a ele que a raça humana foi criada do DNA extraído de aliens há 25 mil anos. Na verdade TODA vida na Terra foi criada em laboratório.

Informaram ainda que a clonagem é o caminho para a imortalidade e que Deus e espíritos não existem. Ele disse que a intenção dos aliens que nos criaram é que sejamos uma raça linda e sexy, desfrutando de uma vida sensual, livre das restrições da tradicional moralidade judaico-cristã.

Raël fundou uma empresa, a *Clonaid*, para fazer a clonagem dos filhos dos membros de sua igreja.

A central do Movimento Raeliano está em Montreal, Canadá. O culto possui cerca de 80 mil pessoas em todo o mundo. Em sua página da Internet, eles tentam apresentar “provas científicas”, mas apenas conseguem mostrar antigas lendas, histórias e textos religiosos que fazem coincidir com teorias preconcebidas. Essas provas somente enganam os desavisados e pessoas desacostumadas com a lógica. Não passam de especulações e justaposição de fatos.

Negam a evolução, dizendo que os aliens colocaram um gene nas criaturas para evitar que ela acontecesse.

Atualmente os cientistas acham que os objetivos da Clonaid são pura fantasia, mas lembram que ela é uma advertência sobre o que pode acontecer num futuro remoto se os controles da engenharia genética não previnam que lunáticos e fanáticos religiosos ganhem mais controle do planeta do que já têm.



41 Qual a idade aceita pela ciência atualmente do sistema solar?

A preocupação com a Idade do Universo e, por conseguinte, com a Idade da Terra, sempre esteve entre as principais da humanidade. E a pesquisa de métodos para encontrá-la é um trabalho incessante e interminável.

Primeiramente foi necessário descobrir algumas características do Universo. Em 1912, o astrônomo americano Vesto Melvin Slipher (1875-1969) foi o primeiro cientista a medir a velocidade de uma galáxia, a de Andrômeda. Foi ele quem descobriu que a maioria das galáxias estava se afastando de nós.

O astrônomo belga Georges Edouard Lemaitre (1894-1966) em 1927, sugeriu que o universo se originou de um “ovo cósmico” que teria explodido violentamente. O universo em expansão seria o resultado dessa explosão. O astrônomo russo George Gamow (1904-1968) chamou essa explosão de “Big Bang”, termo que foi adotado pela comunidade científica para tal ocorrência.

Em 1928, o astrônomo americano Milton La Salle Humanson (1891-1972) mediu a velocidade de afastamento de uma galáxia e encontrou o valor de 3.800 km/s. Em 1936, encontrou outra com a velocidade de afastamento de 40 mil km/s.

O astrônomo americano Edwin Powell Hubble (1889-1953) pesquisou o assunto e descobriu em 1929 que TODAS as galáxias estavam se afastando umas das outras e que isso era resultado de uma expansão global e regular do Universo e não de forças de repulsão. Ou seja, reforçava a teoria do Big Bang.

Baseados em tais informações vários cientistas tentaram calcular a idade do universo, sem chegarem a um valor de consenso. Não existe um valor exato para a idade do universo. Estima-se que esteja entre 10 e 20 bilhões de anos. Para ficarmos na média, podemos aceitar 15 a 16 bilhões de anos.

Pensem neste valor e o comparemos com a vida humana, que às vezes dura 100 anos - um século. Quinze bilhões de anos são 150 milhões de séculos!

O sistema solar é bem mais jovem, possuindo talvez 5 bilhões de anos.



- 42 Qual é a idade da Terra que o cristianismo obrigava a todos a aceitarem, até o século XIX?

A idade da Terra, até alguns séculos atrás, não preocupava muita gente, pelo menos nas partes cristãs e judaicas do mundo. Fazendo cálculos baseados na Bíblia, os judeus “descobriram” que a data da criação do universo, e com ele da Terra, foi no ano 3.761 ac. Ou seja, no ano 2.000 de nossa era o universo teria apenas quase 6 mil anos ou, precisamente, 5.761 anos.

O arcebispo de Armagh, Primaz de toda a Irlanda e Vice-chanceler do Trinity College de Dublin, James Ussher (1581-1656) era considerado um dos grandes sábios de sua época. Fazendo intrincados cálculos sobre histórias de civilizações do Oriente Médio e do Mediterrâneo, estabeleceu que a data da criação do mundo foi 23 de outubro de 4004 antes de cristo, um domingo. Essa versão foi incluída na Bíblia anglicana impressa em 1701 e passou a ser considerada a data da idade da Terra.

Ussher também “calculou” a data em que Adão e Eva foram expulsos do paraíso (numa segunda feira, 10 de novembro de 4004 ac) e a data em que a arca de Noé tocou o monte Ararat (numa quarta feira, 5 de maio de 2348 ac)



- 43 Qual a idade aceita pela ciência atualmente do planeta Terra?

Os sumérios inventaram a escrita há 5.000 anos, e temos a sua história gravada em plaquetas de argila. Isso prova que a Terra existe há pelo menos 5 mil anos.

Através de datação de meteoritos e de rochas lunares chega-se a um valor, que atualmente, nenhum cientista discorda. Logicamente, não se tem um a idade 100% correta, mas a precisão de alguns anos é até dispensável nesse caso.

Por volta de 1800, ou seja há cerca de 200 anos, quase ninguém, no ocidente, acreditava que a Terra tivesse mais de 6.000 anos. A idade de 6.000 anos que também satisfazia as interpretações da Bíblia, não podia ser discutida, sob penas de castigos severos, quase sempre a morte numa fogueira. Alguns, porém, tinham dúvidas e observavam que os fatores climáticos afetavam muito lentamente a superfície da Terra e a atual aparência do planeta devia-se à constante interação dessas forças, por séculos a fio.

Por volta de 1570, um sábio francês BERNARD PALISSY (1510-1589) teimava em dar a Terra uma idade muito maior que 6.000 anos, e em 1589, por recusar-se a aceitar a história do dilúvio foi queimado como herege pela Inquisição.

Em 1749 o naturalista francês GEORGE LOUIS DE BUFFON (1707-1788) escreveu uma enciclopédia para explicar a criação do mundo sob um visão naturalista. Nela dava como idade da Terra, 75.000 anos. Foi obrigado a retratar-se, senão também iria para a fogueira.

Em 1795 o geólogo escocês JAMES HUTTON (1726-1797) escreveu um livro "A Teoria da Terra" no qual lançou as bases da teoria do uniformitarismo, ou seja, mudanças lentas e constantes. Seguindo esta teoria, EDMUND HALLEY (1656-1742), já em 1715, tinha calculado, através de estudos da salinidade da água do mar, que a Terra deveria ter 1 bilhão de anos. Esse número foi tão grande, que ninguém o levou a sério.

Usando-se as técnicas de desintegração, em 1907, puderam datar rochas com 1

bilhão de anos e em 1931, encontraram-se rochas com 3,8 bilhões de anos. Hoje, aceita-se que a Terra tenha por volta de 4,6 bilhões de anos.



- 44 Há quanto tempo a ciência acredita atualmente, apareceram os primeiros símios? Acredita-se que os primeiros símios – *prossímios* – surgiram há cerca de 70 milhões de anos. Destes saiu um ramo – os primatas – uma vasta espécie da qual fazem parte os macacos antropóides e os hominianos. Esses últimos são nossos ancestrais diretos, sendo que provavelmente nunca se poderá encontrar o ramo que interligou os hominianos a um ancestral primata. Estudos paleontológicos mostram que essa separação é bastante antiga e que, acreditam os cientistas, desde 50 milhões de anos atrás, os macacos já estavam separados dos homínídeos.



- 45 Há quanto tempo a ciência acredita atualmente, apareceram os primeiros homínídeos cuja família iria gerar o ser humano?

Atualmente, entre os primatas, conhece-se dois ancestrais longínquos que tinham uma postura bípede. Um, com cerca de 12 milhões de anos – o *Oreopiteco* – que vivia em árvores e desapareceu, por não ter sabido abandonar a floresta e outro, com cerca de 20 milhões de anos, o *Ramapithecus*, cujas evidências apontam como sendo homínídeo. Dele, há 5 ou 6 milhões de anos evoluíram 3 grandes grupos de homínídeos:

- **Australopithecus**
 - Australopithecus africanus
 - Australopithecus robustus
- **Arcantropianos**
 - Pitecantropos
 - Sinantropos
 - Atlantropos
- **Neandertalianos**

A ciência, analisando determinados tipos de fósseis, acredita que os primeiros seres pré-humanos tenham surgido há cerca de 5 milhões de anos (50.000 séculos!). Os seres humanos, ou seus ascendentes surgiram há cerca de 3 milhões de anos. Esse lapso de tempo, para os parâmetros a que estamos acostumados é assombroso. Pense bem: 30.000 séculos!

Mas, ao compararmos com a idade da terra, cerca de 4,5 bilhões de anos, chegamos à conclusão que 3 milhões de anos é uma parcela quase desprezível. Seria um espaço de tempo de 3 dias em 100 anos, ou seja, se a terra tivesse surgido há 100 anos, o homem só teria aparecido há 3 dias.

Mas, esse ser de 5 milhões de anos, não era o homem como o conhecemos agora. Atualmente, a paleontologia nos apresenta duas teorias sobre a evolução humana. A primeira, diz que o homem apareceu na África e migrou para a Europa e Ásia; a outra defende que o homem surgiu na Ásia e migrou para a Europa e África. Atualmente não se tem modos de provar qual teoria é a correta.



46 Como se caracteriza a era humana chamada de civilização?

Há cerca de 10 ou 12 mil anos, o estágio de coleta de alimentos está em sua fase terminal no sudoeste asiático, no leste do Irã e no noroeste da Europa. Inicia-se então uma era de cultivo e domesticação incipientes - a era dos produtores de alimentos.

Essa fase é caracterizada pela fixação do homem à terra, pela aquisição de animais, que serão protegidos dos predadores para servirem ao dono, pela introdução de novos deuses, pelo abandono das tradições da caça e pela construção de moradias.

No ano 3 mil ac, os aglomerados de produtores de alimentos foram crescendo e com o aparecimento de diversas invenções, como a roda, o anzol, o domínio do fogo, fundições de metais, etc, surge a necessidade de dominar rios gigantes, que, eram o centro da vida desses aglomerados.

Com a invenção da tecnologia para manobrar os rios, duas regiões, o Egito - rio Nilo - e a mesopotâmia - rios Tigre e Eufrates - começam a despontar como pontos culminantes de uma era que chamamos de civilização.



47 Há quanto tempo a ciência acredita atualmente, apareceu a primeira civilização?

Há cerca de 10 ou 12 mil anos, sendo que civilizações surgiram cerca de 6.000 ac na Ásia, 5.000 ac no Irã e 4.000 ac na Europa.

.



48 Durante a pré-história humana, surgiu uma classe de indivíduos que não colaborava para prover o sustento da tribo, mas era sustentada por ela. Que classe era essa?

Não se sabe como surgiram os primeiros pajés ou mágicos. Os estudiosos acreditam que, na idade paleolítica superior os homens tinham a crença que representar os animais abatidos ou as plantas que se queriam colher davam boa sorte e as caçadas e colheitas teriam sucesso. Para esculpir a figura de um animal ou pintá-la em uma caverna, eram necessárias pessoas capacitadas e essas pessoas precisavam de tempo.

Como essa atividade era considerada importantíssima para a vida da tribo, todos concordavam em sustentar esses artistas, dispensando-os das tarefas de caça para que pudessem se dedicar a esse ritual.

O professor Gordon Childe nos diz: "***Dessa forma, discernimos confusamente o aparecimento dos primeiros especialistas - os primeiros homens que eram mantidos com excedentes de alimentos para cuja obtenção não haviam contribuído diretamente.***" (Childe, G – "What Happened in History")

Ao verificar que tinham dado um golpe de sorte - enquanto os homens trabalhavam, guerreavam e caçavam, não mais se arriscavam a morrer em caçadas e batalhas, não se cansavam nessas empreitadas, ganhavam a melhor parte dos alimentos, ficavam na aldeia, podendo escolher mulheres e viviam mais - esses artistas se colocaram na condição de mágicos, pajés ou qualquer outra denominação, e atribuíram a si próprios poderes mágicos. Assim, nas caçadas, participavam de espírito e sua presença espiritual era mais forte que sua presença física. Ao verificar que é importante, o pajé cuida para não perder seus privilégios. Faz parte de sua função a adivinhação, o curandeirismo e a criação de

ritos e cerimônias para desempenhar seu trabalho espiritual.

O homem, no seu primitivismo ignorante, começa a crer que os deuses, as forças da natureza e animais ou mesmo montanhas e vulcões, todos são animados por espíritos que devem ser apaziguados e mimados com oferendas e sacrifícios. Ainda o professor Childe relata: *"Podemos, portanto, distinguir até na selvajaria da primeira idade da pedra os germes da religião, o sacrifício coletivo social para agradar os espíritos, considerados como dotados de emoções e desejos humanos; em contraste com forças impessoais, mais vagas, que supunham ser controladas pela magia, freqüentemente com objetivos mais pessoais do que sociais."*

As tribos passam então, a realizar cerimônias coletivas - provavelmente idealizadas pelos mágicos - para ter sorte nas caçadas e colheitas. Elas acreditam que essas cerimônias e rituais, avalizadas pela palavra do pajé, podem influir de maneira favorável nas suas empreitadas.

Outra invenção dos mágicos foi a utilização de amuletos para proteção e boa sorte.

Os pajés perceberam então, que não só a sociedade os estava mantendo como também os estavam respeitando e temendo. Isso os tornou poderosos.

Agora, além da mágica tinham também o poder sobre seus semelhantes. Os pajés perceberam ainda que a dominação que exerciam sobre o povo, conseguida pelo temor de suas mágicas, encantamentos e espíritos, era mais eficaz que qualquer outro meio de convencimento. Perceberam que podiam manejar as rédeas da população, ameaçando-os com a morte e fazendo com que seguissem suas ordens para escapar dela e viver eternamente.

Assim, sempre aumentando seu poder, fortaleceram as superstições, complicaram os rituais e cerimônias, criaram deuses, deixando a população cada vez mais presa ao seu poder e ao imaginário engendrado por seu egoísmo e ignorância.



49 Há quanto tempo a ciência acredita atualmente, surgiu a escrita?

Os mais antigos exemplares de plaquetas de argila com caracteres cuneiforme conhecidos datam de há 5200 anos. Foram produzidos na Mesopotâmia pelos Sumérios.



51 Quais os motivos que restringiam a participação do povo nos cultos religiosos das civilizações antigas?

Todas as religiões antigas depois que atingiam uma determinada estabilidade impunham um grande ônus ao povo, estabelecendo regras para a participação no culto. As religiões de mistérios exigiam uma iniciação e somente pessoas escolhidas a dedo podiam ser iniciadas. As outras religiões geralmente exigiam holocaustos, ou seja, a oferta de animais a serem mortos como oferenda a Deus.

Tal obrigação provavelmente deriva dos primórdios da história do homem, quando os pajés, magos ou sacerdotes exigiam que a melhor parte das colheitas e caça fosse "ofertada" à divindade. O animal morto, geralmente tinha o sangue e vísceras queimados como oferenda. O restante da carcaça ficava para o templo.

Porém, os animais eram caríssimos e nem toda a população podia dispor deles. Nos templos hebreus, se vendiam animais para o sacrifício, que iam de touros – para os ricos - e pombas – para os pobres.

Os deuses dos sumérios necessitavam um altíssimo investimento do império. Os templos eram verdadeiras cidades em miniatura. Além dos sacerdotes, havia várias classes de auxiliares: o *kalu*, fazia as lamentações; o *nare*, auxiliava o *kalu*; o *baru*, explicava os presságios e adivinhações; o *shailu*, descobria quem estava com pecado; o *ashipu* e o *mashmashu*, exorcistas; o *ramku*, fazia as purificações e o *pashishu*, fazia as unções.

Havia ainda cantores, músicos, faxineiros, cozinheiros, criados e servos. Para cuidar das terras dos templos, havia os agricultores, quase todos escravos, e para cuidar da contabilidade havia um batalhão de funcionários, cada um na sua função: escrivões, anotadores, calculistas. Os templos ainda possuíam artesãos, que trabalhavam em tecelagem, marcenaria, cerâmica, construção e armeiros. O templo de Lagash, por exemplo, chegava a fornecer rações para 1.200 pessoas por dia. O de Uruk, nas cerimônias diárias em honra ao deus Anu, consumia 60 carneiros e 540 litros de cereais! Os templos ainda alimentavam viúvas e órfãos.

Os sacerdotes eram extremamente poderosos. Além de possuírem terras, enriqueciam incessantemente, visto que nada faziam sem cobrar, e caro. Com o tempo, as oferendas para os deuses foram se revertendo ao templo, aumentando assim sua riqueza.

—oo00oo—

- 52 Qual é única a religião que tem sua doutrina escrita **há mais de 5 mil anos** e cujos originais ainda existem bem preservados?

A dos Sumérios, cujas plaquetas de argila (cerca de 30 mil) estão bem preservadas, guardadas nos principais museus do mundo.

—oo00oo—

- 53 Quais os tipos de adivinhação praticados pelo Sumérios há 5 mil anos?

A civilização suméria nos legou uma série de processos de adivinhação do futuro, alguns usados até hoje. São eles:

- a *oniromancia* (adivinhação através dos sonhos)
- a *fisiognomia* (adivinhação pela observação do aspecto da pessoa)
- a *palmomancia* (observação dos movimentos de uma pessoa sã)
- a *iatromancia* (observação dos movimentos de uma pessoa doente)
- a *ornitomancia* (observação do vôo dos passáros)
- a *lecanomancia* (observação da água coberta com óleo)
- a *empiromancia* (observação das chamas de um braseiro)
- a *hepatoscopia* (exame do fígado da vítima)
- os *presságios pelos nascimentos* (verificação da aparência daquele que nasceu)
- os *encontros* (adivinhação devido ao encontro com alguém ou algo)
- os *acidentes* (adivinhação pela ocorrência de algo não programado)
- o *estado e comportamento de vegetais e seres inanimados*
- os *oráculos* (locais preparados para produzir efeitos mágicos, onde um vidente, geralmente em troca de dinheiro ou oferta, adivinhava o futuro do consulente)

—oo00oo—

- 54 Quais são os três dogmas que pautavam a vida dos Sumérios?
1. Tudo que ocorre na Terra está relacionado com as vontades dos deuses nos céus, cujo humor também é influenciado por essas ocorrências;
 2. O conhecimento é dado ao homem através da revelação feita pelos deuses, logo, somente alguns privilegiados devem ter esse conhecimento;
 3. Todo objeto e todo ser, somente passa a ter existência real quando possui um nome. A propriedade de falar e de escrever é uma dádiva dos deuses e deve ser usada para sua glorificação.



- 55 Quais os atributos que os sacerdotes sumérios criaram para os deuses?
- Os sumérios idealizaram a representação dos elementos do universo como entidades possuidoras de personalidade humana. Os deuses foram criados com super-poderes, como imortalidade, invisibilidade, onisciência, onipresença, etc, atribuições fantásticas que nenhum homem pode alcançar. Os deuses tinham ainda a prerrogativa de mudar os acontecimentos no universo, mesmo sendo provocados por “desavenças” com outros deuses. Os deuses, apesar de poderosos e invencíveis, possuíam todos os atributos humanos, principalmente os negativos: ódio, raiva, inveja, amor, orgulho, etc. Os deuses são apresentados quase sempre como entidades iradas e vingativas que, mesmo sendo deuses, necessitam de oferendas para terem seu bom humor de volta. Os deuses governavam o universo da mesma forma que o homem exerce seu poder sobre os reinos terrestres. Criam-se divindades “protetoras” – o padroeiro – para todas as atividades humanas, incluindo-se aí até procedimentos triviais, como assar um pão ou costurar uma vestimenta. Todo evento que fracassa é interpretado como uma conseqüência do desagrado de um deus ou de vários deuses protetores, exigindo, portanto, oferendas e sacrifícios dos humanos para agradá-los. O homem é apresentado como o resultado de uma falha dos deuses, sendo, portanto, um ser que somente provoca sua ira e daí, transformando-se num eterno castigado.



- 56 Qual é o registro mais antigo que se tem contando a história da criação do homem através de um boneco de barro?
- Religião suméria, há 5 mil anos.
- Segundo a teogonia suméria, no princípio havia a deusa mãe *Nammu*. Esta gerou dois filhos: o deus do céu, *An* (Anu) e a deusa da Terra, *Ky*, que também era conhecida como *Ninmah*, *Ninhursag* e *Nintu*. Da união de *An* e *Ky*, nasceram *Innana*, a deusa do amor e *Enlil* o deus do ar e da atmosfera.
- Por alguma razão *Enlil* se separou dos seus pais e ao fazê-lo, também os separou. *An* ficou no céu e *Ky* na Terra. *Enlil* ficou entre eles. Depois, *Enlil* uniu-se a *Ky* e dessa união houve a geração do universo, com plantas, animais, estrelas, etc.
- Nammu*, a deusa mãe fundiu-se com *Ky*, formando então uma única divindade. Há então o aparecimento de outro deus, *Enki*, o deus das águas.
- Desse modo, na Suméria existiam quatro deuses poderosos: *Enlil*, *Nammu* ou *Ky*, *An* ou *Anu* e *Enki*.
- Quando terminaram a criação do Universo, os deuses Sumérios verificaram que tinha ocorrido uma falha no processo de criação: para suprir suas necessidades eles tinham que trabalhar. Com o passar do tempo, as tarefas repetitivas e infundáveis foram cansando os deuses que reclamavam sem cessar. Assim, num belo dia, estourou uma revolta entre os deuses do último escalão, que tentaram

destronar Enlil. Uma multidão de deuses dirigiu-se a Nippur e exigiu providências. Pressionado, Enlil reuniu o conselho de 50 deuses e propôs a criação de um ser feito de argila para ser escravo dos deuses e trabalhar por eles. A idéia foi aplaudida e Enki e a deusa mãe Ninhursag foram encarregados de criar o homem. Antes, porém, para festejar a boa solução encontrada, os deuses fizeram um banquete que durou vários dias. Embriagados, Enki e Ninhursag tomaram de argila e água e construíram bonecos aos quais deram vida. Mas, os seres criados eram defeituosos e imperfeitos, muitas vezes morriam ou eram aleijados e a revolta ameaçava a surgir novamente. Mas, Enki, tendo recuperado a sobriedade, conseguiu encontrar a fórmula para criar seres perfeitos e ensinou-a a várias deusas. Assim o homem surgiu e começou a povoar a Terra, trabalhando no lugar dos deuses.



57 Qual é o registro mais antigo que se tem contando a história do dilúvio?

Religião suméria, há 5 mil anos.

Passados alguns anos, o homem se proliferou de tal maneira que acabou por incomodar os deuses, que agora, não mais podiam gozar de seu lazer, devido ao barulho provocado pelos humanos. Estavam, mesmo, reclamando que o homem era uma praga mais insuportável que as antigas tarefas.

Enlil logo achou a solução: destruir de forma drástica esse ser. Os deuses concordaram então, em mandar um dilúvio que exterminasse essa raça.

Mas Enki, que fora o criador dos homens, prevendo que, quando os deuses voltassem a ter que trabalhar iriam fazer nova revolta e exigir a criação de um novo ser, resolveu poupar uma família: a do rei *Ziusudra*. Deu-lhe as devidas instruções para construir uma arca, colocar nela toda sua família e vários animais e escapar da morte.

Enlil mandou então o dilúvio que destruiu os humanos, salvando-se apenas *Ziusudra*, que começou a proliferar novamente, sem que os deuses soubessem disso. Passado algum tempo, Enlil descobriu que sua vontade fora sabotada e ainda existiam humanos na Terra. Irritado, parte para terminar sua obra, porém a deusa Enlil intercede e Enlil resolve poupar *Ziasudra* e todos os outros. Porém, para que não perdesse o moral, resolveu conceder a imortalidade a esses humanos, que, sendo agora deuses, faziam com que Enlil tivesse cumprido sua palavra e tivesse êxito em destruir todos os humanos mortais.



58 Qual é a mais moderna teoria para explicar o dilúvio?

O relato do dilúvio babilônico é um poema inserido na epopéia do herói Gilgamesh. Essa narrativa está contida na plaqueta conhecida como “**Plaqueta do Dilúvio**”, escrita há cerca de 5 mil anos, portanto mil anos antes de Abraão.

Gilgamesh foi um rei que se lançou numa aventura para encontrar os segredos da imortalidade. No caminho encontra *Ziusudra*, o sobrevivente do grande dilúvio provocado pelos deuses. Este, então conta como foi avisado por *Enki*, construiu um barco e salvou toda a sua família e amigos, bem como artesãos, animais e metais preciosos. Eis um resumo da narrativa:

A humanidade se tornou rebelde, não aceitando e desobedecendo aos deuses. Os homens caíram na anarquia e na revolta. Os deuses, liderados por Enlil, lamentando terem criado a humanidade, tomam a resolução de exterminá-la; todos estão de acordo; somente um deles, Enki, revela o projeto a seu servidor, *Ziusudra*. Aconselha-o a fabricar um barco nas medidas que lhe indica e, depois, subir nele com os seus, levando também os animais; escapará assim à inundação

sob a qual os deuses submergirão o mundo. Assim se fez; Ziusudra, o privilegiado, subiu na embarcação.

"Tudo quanto eu tinha", disse ele, "embarquei nela, toda semente de vida fiz subir ao barco; toda minha família e minha parentela, o gado do campo, os animais do campo, os artesãos, a todos fiz subir. Shamash havia fixado o momento: *'O senhor das trevas à tarde fará chover uma chuva de impurezas. Entra no interior da embarcação e fecha tua porta.'*"

O dilúvio chegou, tal como estava predito, tão violento que os deuses, mesmo Ishtar, apesar de haverem permitido o acontecimento, se arrependeram. Os deuses, sentados humildemente, com os lábios apertados, choram.

O vento do dilúvio sopra por seis dias e seis noites, enquanto a tormenta do sul varre a terra. No sétimo dia, a tormenta do sul, transportadora do dilúvio, diminuiu sua força. O mar se acalmou, a tempestade acabou e parou o dilúvio. Contemplei o tempo: a calma havia se restabelecido e toda a humanidade tinha voltado a ser barro. (...) Soltei uma pomba. A pomba voou, mas voltou, pois não havia local para pousar. Então soltei uma andorinha. A andorinha voou, mas voltou, pois não havia local para pousar. Depois soltei um corvo. O corvo foi embora e, percebendo que as águas haviam baixado, se alimenta, plana no ar, grasna e não volta. Então soltei todos da arca, que se espalharam aos quatro ventos e ofereci um sacrifício. (...) Os deuses se apinharam como moscas em volta de minhas oferendas. Quando, enfim, a suprema deusa chegou, levantou as grandes jóias que Anu lhe dera: *"Deuses! Tão certo como estas jóias estão em meu colo, não esquecerei. Recordarei estes dias, sem jamais esquecê-los. Que os deuses se aproximem das oferendas, menos Enlil, porque, sem motivo, provocou o dilúvio e condenou meu povo à destruição."*

Após isso, chega Enlil, que enfurecido por descobrir que alguns humanos haviam escapado da destruição tenta terminar sua obra, no que é impedido por Ishtar, que lhe censura violentamente. Ishtar é mais poderosa e Enlil, para não ficar desmoralizado, toma Ziusudra e sua mulher, leva-os ao topo do barco e os sagra deuses, ordenando que habitem a foz dos rios. (A. Heidel, *The Gilgamesh Epic*, Chicago, 1946)

Essa é a narrativa mais antiga – DOCUMENTADA – da ocorrência do dilúvio. Todas as outras histórias sobre o dilúvio derivam dessa, inclusive a de Noé. Quase todas as culturas da terra possuem um mito sobre um antigo dilúvio. Os detalhes variam, porém o foco principal é sempre o mesmo: todos morreram, menos alguns poucos felizardos.

A história de Noé é a mais conhecida. Os antigos gregos e romanos cresciam ouvindo a história de Deucalião e Pyrrha, que salvaram seus filhos e animais embarcando num barco em forma de uma caixa gigantesca. As lendas dos irlandeses falam da Rainha Cesair e sua corte, que navegaram por sete anos para fugir das inundações que assolaram a Irlanda. Os exploradores europeus ficaram surpresos com as lendas dos índios americanos que eram semelhantes à história de Noé.

O mito, porém, acaba vencido pela ciência. Os geólogos da Universidade de Columbia **William Ryan** e **Walter Pitman**, acreditam que podem explicar a persistência em todas as civilizações da lenda do dilúvio. Sua teoria é que no final da Idade do Gelo, com os glaciares derretendo, o nível do mar subiu. Devido a isso uma muralha de água começou a pressionar o local onde hoje se situa o estreito de Bósforo, que não existia naquela época.

Ryan e Pitman afirmam que na Idade do Gelo, o Mar Negro era um lago de água doce, rodeado de terras agricultáveis. Há cerca de 12 mil anos, ao finalizar-se a

Idade do Gelo, a Terra começou a esquentar. As vastas planícies de gelo que cobriam quase todo o hemisfério Norte começaram a derreter. Como consequência disso, os mares e oceanos, começaram a subir. Três mil anos depois, o mar Mediterrâneo transbordou.

As águas começaram a invadir o norte, na área que hoje é a Turquia. Provavelmente o estreito de Bósforo que hoje possui cerca de 32 km de comprimento por 800 metros de largura em média, terminaria, do lado do Mar Negro, com um paredão, que, ao ser pressionado pelas águas, num determinado dia, entrou em colapso, ensejando que uma imensa coluna de água se lançasse no Mar Negro, com a força de 200 vezes das cataratas do Niágara. O mar Negro começou a subir 15 centímetros por dia, e os campos agricultáveis que ficavam em suas margens foram submersos.

Se imaginarmos que isso aconteceu à noite, durante uma tempestade, estaremos diante do cenário do dilúvio. A história desse evento catastrófico ficou gravada na memória dos aterrorizados sobreviventes que a passaram adiante, tornando-se uma lenda para todas as culturas da região.

Para provar essa teoria, o explorador **Bob Ballard** (o mesmo que encontrou os destroços do Titanic), sob os auspícios da **National Geographic Society**, realizou uma expedição em 1998, visando encontrar a existência de antigas habitações no fundo do Mar Negro. Foram encontrados vários indícios de colonização humana nele, o que motivou outra expedição em 1999, onde foi encontrada, no fundo do mar, as margens do lago, antes da inundação, conchas de moluscos de água doce e vários sinais de atividade humana.

Pode-se acompanhar o progresso da expedição em

<http://www.nationalgeographic.com/blacksea/ax/frame.html>

A National Geographic também disponibiliza um documentário sobre a expedição, com uma hora de duração. Imperdível.

Ainda no site, pode-se ler a entrevista do Dr. Fredrik Hiebert, Arqueólogo Chefe da Expedição ao Mar Negro 2000. Dr. Hiebert é professor de antropologia e arqueologia do Museu de Antropologia e Arqueologia da Universidade de Pennsylvania, pesquisador adjunto do Instituto de Exploração e professor adjunto do Instituto de Arqueologia Náutica.

Na entrevista, ele expõe todas as provas descobertas que mostram que realmente o Mar Negro era um lago e, a 91 metros de profundidade, se encontram seus bordos e os vestígios de habitações humanas.



- 59 Qual é o registro mais antigo que se tem contando a história uma serpente na árvore em um jardim?

Registro encontrado nas plaquetas sumérias.

Na narrativa "*Epopéia de Gilgamesh*" encontra-se uma história da deusa do amor *Innana*, que planta uma árvore no seu jardim e nessa árvore serve de abrigo a alguns animais, entre eles, uma serpente.



- 60 Qual é o registro mais antigo que se tem contando a história de menino colocado numa cesta nas águas de um rio?

Registro encontrado nas plaquetas sumérias.

A história da infância de Sargão - *Sharukem* - é, no mínimo, curiosa. Lembre-se, estamos em uma época há 5000 anos. Sua mãe era sacerdotisa de uma pequena aldeia, *Azupiranu*, nas margens do rio Eufrates. As sacerdotisas não podiam conceber, apesar de não serem obrigadas a ficar virgens e, por um descuido, nasceu Sargão. Como sua mãe não podia criá-lo, colocou-o num cesto, calafetado com betume e soltou o cesto no rio Eufrates.

Um aguadeiro, *Aqqi*, encontrou o cesto com a criança e a adotou como filho. Sargão, conseguiu empregar-se como copeiro do rei *Urzababa* de *Kish*, a cidade mais setentrional da Suméria e que, depois de algum tempo, conseguiu destronar, vindo a ocupar o seu lugar. Essa história, escrita em plaquetas de argila, data de, pelo menos, 300 anos antes de Abraão e 1000 anos antes de Moisés.



- 61 Como era a teoria da alma na antiga religião egípcia?

Teorias de 4000 mil anos atrás. O corpo humano era chamado de *khet*, (mais aplicado ao cadáver humano) e sua sombra era conhecida como *chout*. Portanto o homem possui, como elementos visíveis, seu corpo, seu nome e uma sombra. A alma, elemento invisível, era dividida em três partes:

akh,

ba

ka.

O *akh* é uma força espiritual e sobrenatural, o oposto à matéria do corpo. Esse elemento pertence à esfera celestial, não sendo afetado pela natureza humana. “*Encontrar-se com o akh*” significava morrer.

O *ba* é a força espiritual existente no corpo. Seria o equivalente a alma, que os cristãos acreditam possuir. É um espírito universal, que anima o corpo e cuja partida significa a morte. O *ba* fica livre depois da morte, podendo ir aonde quiser. Ele contém as características do seu corpo e quando o abandona, esse corpo morre. Porém, após a morte, pode continuar na Terra como um ser independente e interferir na vida dos outros humanos.

O *ka*, é uma das noções mais abstratas do pensamento egípcio. Seria uma manifestação das energias vitais da pessoa, possuindo uma função criadora e outra conservadora. O *ka* poderia ser explicado como o caráter da alma, ou do *ba*, que precisaria ser constantemente nutrido. Ele seria então um escudo para defender a vida do seu possuidor. Era uma força espiritual que “clonava” a parte boa da personalidade e a imagem do corpo onde habitava. Assim, o *ka*, como uma espécie de proteção, guardava a pessoa, tentando mantê-la sempre em um estado de perfeição. Intimamente ligado à natureza humana, o *ka* necessitava ser alimentado e não podia ficar sem comer e beber. As oferendas de alimentos nas tumbas dos mortos tinham como função principal alimentar o *ka* do falecido.

Essa noção de uma alma composta por três elementos – forças espirituais – com características tão abrangentes é que tornou possível manter a noção de uma vida após a morte, incluindo aí, uma vida posterior ao cadáver.

Então, quando o indivíduo morre, seu akh retornava ao céu, seu ba iria para outro mundo e seu ka ficaria ao lado do corpo, que por isso deveria ser guardado e protegido. Caso o corpo se perdesse, com ele iria o ka e o ba, no outro mundo, ficaria sem identidade.



- 62 Quem foi o primeiro a cultuar uma “santíssima trindade”?

O faraó egípcio *Amenotep IV* - há 3360 anos - um fanático religioso, tinha sua própria religião. Adorava o deus *Aton* - o disco do sol - e, depois de certo tempo, resolveu rebaixar todos os deuses, declarando que o deus supremo era unicamente Aton.

Não contente com isso, mudou seu nome para *Akenaton* - o espírito de Aton - e mandou construir uma nova capital, ao norte de Tebas, que chamou de *Aquetaton* - o horizonte de Aton - mas que ficou conhecida como *Amarna*. Iniciou uma perseguição contra *Amon-Ra* e mandou que se apagasse das inscrições seu nome e obrigou a quem tinha o nome dos antigos deuses a trocá-lo.

Obcecado pela questão religiosa, Akenaton descuidou-se do governo, que iniciou uma derrocada. Ao morrer, seu sucessor, *Tutancaton*, abandonou Amarna, que ficou deserta, restabeleceu o culto aos antigos deuses, banindo Aton, mudando seu nome para *Tutancamon*. Seu sucessor, *Horemeh*, mandou destruir Amarna e apagar o nome de Akenaton e Aton de todos os lugares.

Akenaton foi o único faraó a instituir o culto a um único deus. Quando o povo, revoltado pelo mau governo, o pressionou para reabilitar Ra, Akenaton criou uma trindade sagrada, que se fundia com Aton:

Aton, o disco solar, pai de Ra

Ra, o antigo deus sol, filho de Aton

Shou, filho de Ra

Ou seja, três deuses em um só. Todos eram Aton. Provavelmente pegando carona nesse conceito egípcio, alguns séculos depois, Zoroastro criou o conceito de uma trindade de deuses. Se o caro leitor não pode compreender, talvez esteja pensando agora na Santíssima Trindade e já tenha uma pista de onde os sacerdotes cristãos tiraram essa idéia.

Akenaton, cerca de 2000 anos antes de Abraão, foi o primeiro a instituir o culto a um só deus.



- 63 Qual religião é a primeira em postular teorias como o dualismo, a angeologia e a escatologia? Em que data?

O Zoroastrismo, religião fundada por Zoroastro ou *Zaratustra*, há cerca de 3000 anos.



- 64 Qual a primeira religião a preconizar a vinda de um salvador, que nasceria de uma virgem?

Zoroastro costumava invocar salvadores, os quais apareceriam no mundo como a aurora de um novo dia. Acreditava ser ele próprio, um deles. Depois de sua morte, **a crença em salvadores aumentou**. Esperava-se a sua volta, se não pessoalmente, pelo menos na forma de seus três filhos que deveriam nascer, em

intervalos de milhares de anos, originados de seu sêmen. O ultimo desses três salvadores, *Astvat-ereta*, ou encarnação da justiça, era simplesmente chamado de Salvador (*saoshyans*). Além disso, “*Zoroastro foi o primeiro a propagar as doutrinas de um julgamento individual, céu e inferno, a futura ressurreição do corpo, o último julgamento geral e a vida eterna para o corpo ressuscitado e a alma, novamente reunidos. Tais doutrinas se tornaram tópicos comuns de fé da maioria da humanidade, devido ao seu plágio pelo judaísmo, cristianismo e islamismo, apesar de que, somente no próprio zoroastrismo, encontrarem sua integral coerência lógica.*”

Mary Boyce, *Zoroastrians: Their Religious Beliefs and Practices* (London: Routledge and Kegan Paul, 1979, p. 29)



65 O que é Mitraísmo?

Zaratustra criou um dualismo henoteístico com os deuses *Ahura-Mazda* (*bem*) e *Ahriman* (*mal*). Uma das conseqüências da escravidão dos judeus pela Babilônia (597 AC) e mais tarde sua libertação por Ciro, o Grande, da Pérsia (538 AC), foi que o dualismo de Zoroastro influenciou a crença dos judeus na existência de *HaShatan*, a adversário maligno do deus *Yahweh*, e mais tarde propiciou a evolução da dicotomia cristã Satã-Jeová. O dualismo da religião persa tornou-se o alicerce de um sistema ético que dura até nossos dias.

A influência do profeta persa Zaratustra – conhecido pelos gregos como Zoroastro - nas religiões dos judeus e cristãos e em toda a civilização ocidental é muito pouco conhecida, mas não deve ser subestimada. Sua vida e idéias mudaram a natureza da civilização no ocidente, colocando-a num rumo que se iniciou nas culturas estáticas do antigo Oriente Médio. Sem esse impacto, o judaísmo seria irreconhecível e o cristianismo, provavelmente, jamais teria existido.

Zaratustra forneceu ao pensamento persa (e através dele, ao grego) uma dimensão teológica com uma finalidade e um objetivo a serem alcançados. “*Todas as pessoas,*” declarou ele, “*participavam duma batalha sobrenatural entre o bem e o mal, sendo a terra, assim como o próprio corpo do homem, os cenários dessa batalha*”.

Esse dualismo essencial foi adotado pelos judeus, que, somente após o contato com o Zoroastrismo, incorporaram o demonismo e a crença em anjos em sua religião. Reformando seus ensinamentos, a serpente, que no conto do Gênesis não passava de uma cobra, ficou definitivamente associada ao demônio e a crença em possessões demoníacas, como demonstram os evangelhos, tornou-se uma obsessão cultural.

Zaratustra afirmava que tinha recebido uma revelação divina e tentou estabelecer o culto a um deus supremo (*Ahura-Mazda*) no século VII AC, que, no entanto, depois de sua morte, foi ofuscado pelo antigo politeísmo Ariano. Todavia duraram, até a época atual, vários outros aspectos de sua teologia através das religiões que os absorveram.

O mitraísmo Persa era mais um conjunto de tradições e rituais que uma doutrina estruturada. Todavia, quando os Babilônios adotaram dos persas os rituais e mitologia mitraicos, promoveram um profundo refinamento na sua teologia. Os sacerdotes babilônios associaram *Ahura-Mazda* ao deus *Baal*, *Anahita* à deusa *Ishtar* e *Mithras* a *Shamash*, seu deus de justiça, vitória e proteção (e ao deus do sol do qual o rei Hammurabi “recebeu” seu código de leis em 1.800 AC).

Como resultado das associações solares e astronômicas dos babilônios, Mithras foi reverenciado, mais tarde, pelos adoradores Romanos como “*Sol Invictus*” ou sol invencível. O próprio sol era considerado como “o olho de Mithras”. A coroa Persa, da qual derivam todas as coroas da atualidade, foi projetada para representar o disco dourado do sol consagrado a Mithras.

No século VI AC, o judaísmo foi profundamente transformado pelo contato com o Zoroastrianismo - que era virtualmente a religião oficial da Babilônia naquela época - durante o cativeiro dos judeus na Babilônia.

Até então a concepção da outra vida era imprecisa. Uma vaga existência no *Sheol*, o mundo inferior, terra dos mortos (não confundi-lo com o inferno) era tudo que eles podiam vislumbrar. Porém, Zaratustra tinha assegurado a ressurreição corporal dos mortos, que iriam enfrentar o último julgamento (tanto individual como coletivo) para definir qual seria seu novo destino na próxima vida: o paraíso ou o tormento.

A exposição ao Zoroastrismo também alterou substancialmente o messianismo judeu. Zaratustra profetizou a iminente volta do Salvador do Mundo (*Saoshyant*) que deveria nascer de uma virgem e que comandaria a humanidade na batalha final contra o mal. O messianismo judeu enxertou esses conceitos nas suas antigas crenças em um rei filho de David que libertaria a nação Judéia da escravidão estrangeira.

Foi nessa época, como reação ao seu cativeiro, que começou no judaísmo a era da literatura apocalíptica, baseada em modelos da Babilônia e tendo como padrões sua simbologia. Isso haveria de provocar uma poderosa influência no pensamento mais recente do cristianismo. Com as peças chave tais como ressurreição, julgamento, recompensa ou castigo, salvador, apocalipse e finalmente a destruição das forças do mal, pode-se concluir que a escatologia, dos judeus e cristã, é zoroastrismo do princípio ao fim.

Os babilônios também incorporaram sua crença no destino através do culto mitraico de *Zurvan*, o deus persa do tempo infinito e pai dos deuses Ahura-Mazda e Ahriman. Também incluíram nos ritos do mitraísmo a astrologia, o uso do zodíaco e a consagração das quatro estações do ano.

"A astrologia, que se baseava em dogmas, certamente deveu uma parte de seu sucesso à propaganda mitraica, e o mitraísmo por sua vez é parcialmente responsável pelo triunfo no Ocidente desta pseudociência com sua interminável série de erros e superstições".
Les Mystères de Mithra, p.125 - Franz Cumont

No panteão dos Vedas do Hinduísmo, Mitra era um dos deuses da categoria de *Adityas*, ou princípios regentes do universo. Ele representava a amizade, integridade, harmonia e tudo que fosse importante para o sucesso da manutenção da ordem na existência humana. Costuma ser representado junto com o deus *Varuna*, o guardião da ordem cósmica, cujas atribuições são complementadas pelo guardião da ordem humana.

Era tido também como o espírito do dia, com características solares. Na mitologia Iraniana seu equivalente era *Mithra*, que eventualmente veio a ser venerado como o deus de um dos cultos mais misteriosos, o Mithraísmo.

O Mithra, no Irã antes de Zoroastro, era o deus do sol, da justiça, dos contratos e da guerra. No império romano era conhecido como Mithras e nos séculos II e III

DC era venerado como patrono da lealdade ao imperador. Depois que o imperador Constantino converteu-se ao cristianismo, no começo do século IV, o Mithraísmo foi substituído por esta nova religião.

Antes de Zoroastro – século VI AC– os iranianos tinham uma religião politeísta e Mithra era o seu deus mais importante. Primeiramente, era o deus dos contratos e obrigações mútuas. Numa tábua cuneiforme do século XV AC, que contém um tratado entre os Hititas e os Mitanis, Mithra é invocado como deus do juramento. Além disso, em alguns textos védicos indianos o deus Mitra (a forma indiana de Mithra) aparece como “amigo” e como “contrato”. A palavra mitra pode ser traduzida dessas duas maneiras, porque contratos e obrigações mútuas fazem amigos. Em resumo, Mithra pode significar um tipo de comunicação entre os homens e qualquer fator que estabeleça boas relações entre eles.

Mithra também era chamado de Mediador. Era o deus do sol, da luz solar que banha tudo, assim como também era o deus do juramento. Os gregos e romanos também o consideravam o deus do sol. Era também o deus dos reis e o deus das obrigações mútuas entre os reis e seus soldados, desse modo, era também o deus da guerra. Era também o deus da justiça, que era garantida pelo rei. Em qualquer parte que se cumprisse a justiça e os contratos, Mithra era venerado.

Mithras era cultuado como guardião das armas e padroeiro dos soldados e exércitos. O aperto de mão foi inventado por aqueles que o cultuavam como um sinal de amizade e um gesto para mostrar que se estava desarmado. Quando Mithras se tornou, mais tarde, o deus Romano dos contratos, o gesto de se apertar mãos foi levado para o Mediterrâneo e Europa pelos soldados romanos.

Com a rápida expansão do império persa, o culto a Mithras espalhou-se ao oriente pelo norte da Índia até as províncias mais ocidentais da China. Na mitologia chinesa, Mithras veio a ser conhecido como “O Amigo”. A partir daí, Mithras foi representado em estátuas chinesas como um general militar; e é considerado como sendo um amigo do homem nesta vida e seu protetor contra o mal na próxima.

Na Índia, Mithras era considerado como “Deus da Luz Celestial” e um aliado de Indra, o rei dos céus. Mithras era freqüentemente invocado como Varuna, o deus hindu da lei moral e do discurso verdadeiro. Conhecido como uma combinação de “Mitra-Varuna” acreditava-se que, juntos, controlariam a ordem no mundo, transportando-se numa carruagem resplandecente e vivendo numa mansão dourada com mil colunas e mil portas. Mithras também era venerado nos hinos Védicos. Como no Avesta de Zoroastro, as escrituras hindus reconheciam Mithras como “Deus da Luz”, “Padroeiro da Verdade” e “Inimigo da Falsidade”.

De acordo com o historiador grego Plutarco (46-125) Mithras foi introduzido primeiramente na Itália pelos piratas da Cilícia (sudeste da Turquia) que ensinaram aos romanos os segredos da religião. Esses piratas realizavam estranhos sacrifícios no monte Olimpo, praticando rituais mitraicos, os quais, de acordo com Plutarco “existem ainda hoje e foram ensinados por eles”. Todavia, naquela época, havia muitos cultos estrangeiros na Itália e esses antigos mitraicos não atraíram muita atenção.

Uma das grandes ironias da história é que os romanos acabaram por adorar o deus do seu principal inimigo político, os persas. O historiador romano Quintus Rufus relembra em seu livro “A História de Alexandre” que, antes de partir para a

batalha contra o “país anti-mitraico” de Roma, os soldados persas oravam para Mithras pedindo a vitória. No entanto, depois que as duas civilizações inimigas estiveram em contato por mais de mil anos, o culto a Mithras terminou por espalhar-se dos persas, através dos Frígios (Turquia), até os romanos.

A doutrina Mithraica da alma está intimamente ligada com o mito da criação e com a filosofia de Platão. Como em *Timæus*, a alma do homem desce dos céus. Ela atravessa as sete esferas dos planetas, enfrentando seus vícios (como os de Marte e os de Vênus) e é finalmente aprisionada pelo corpo. A missão do homem é libertar a parte divina (a alma) dos grilhões do corpo para que possa novamente subir através das sete esferas para a eternidade, o imutável reino das estrelas fixas. A ascensão aos céus foi representada pelo próprio Mithra, quando ele deixou a terra na carruagem do deus sol.

O legado de Mithras provocou o surgimento de costumes que ainda hoje são praticados, incluindo o aperto de mão e o uso de coroa pela monarquia. Os seguidores do mitraísmo foram os primeiros no mundo ocidental a pregar a doutrina de direito divino dos reis. Foi o culto ao sol, combinado com o dualismo teológico de Zaratustra que disseminou as idéias sobre as quais o rei sol Luis XIV (1.638-1.715) e outros soberanos do ocidente considerados como divinos mantiveram sua monarquia absolutista.

De todas as religiões pagãs romanas, nenhuma foi tão severa como o Mitraísmo. Nenhuma buscava tamanha elevação moral e nenhuma obteve tão fortíssimo controle sobre as idéias e corações dos seus seguidores como esse culto ao deus sol e ao salvador.

Foi a maior competidora do cristianismo nos séculos II e III DC e nunca a Europa esteve tão perto de adotar uma religião oriental - nem mesmo durante as invasões islâmicas - como quando Diocleciano reconheceu oficialmente Mithras como padroeiro do Império Romano. Porém, no final, o cristianismo sagrou-se vencedor de um conflito inevitável com a fé de Zoroastro pelo domínio do mundo conhecido.



66 Quais as “coincidências” entre o mitraísmo e o cristianismo?

“Se o cristianismo fosse atingido em seu crescimento por alguma doença fatal, o mundo hoje seria Mitraico”. “Renan, J - Marc-Aurèle et la fin du monde antique”

Por mais de 300 anos os governantes do Império Romano adoraram o deus Mithras. Era conhecido através da Europa e Ásia pelos nomes de Mithra, Mitra, Meitros, Mihr, Mehr e Meher. A veneração a esse deus começou há cerca de 4.000 anos na Pérsia, quando foi logo absorvido pelas doutrinas da Babilônia. A fé espalhou-se para o oriente através da Índia e China e chegou ao ocidente através de toda a extensão das fronteiras do Império Romano; da Escócia ao deserto do Saara e da Espanha ao Mar Negro. Foram encontrados locais de culto a Mithras na Inglaterra, Itália, Romênia, Alemanha, Hungria, Bulgária, Turquia, Pérsia (Irã), Armênia, Síria, Israel e no norte da África.

Em Roma descobriram-se mais de cem inscrições dedicadas a Mithras, 75 fragmentos de esculturas e uma série de templos Mitraicos situados em todas as partes da cidade. Um dos maiores templos de Mithras construídos na Itália ficava onde está localizada hoje a Igreja de S. Clemente, perto do Coliseu em Roma.

A enorme disseminação do apelo e popularidade do Mitraísmo, a religião romana quando foi implantado o cristianismo, foi objeto de discussão de vários filósofos e escritores. As surpreendentes coincidências do mitraísmo com o cristianismo sempre chamaram a atenção dos historiadores.

Mithras era adorado por seus seguidores como sendo “a luz do mundo”, símbolo da verdade, justiça e lealdade. Era o mediador entre o céu e a terra e membro de uma Santíssima Trindade. De acordo com a mitologia Persa, Mithras nasceu de uma virgem que era chamada “Mãe de Deus”. O deus permaneceu solteiro por toda a sua vida, sendo valorizados entre seus adoradores os atributos de autocontrole, resistência e renúncia à sensualidade. Mithras representava um sistema de ética no qual era encorajada a irmandade para que se obtivesse a união contra as forças do mal.

Os fiéis de Mithras acreditavam piamente em um paraíso celestial e num inferno terrível. Acreditavam que os poderes bondosos do deus seriam ativados por seu sofrimento e lhes garantiriam a justiça final da imortalidade e a salvação eterna num mundo que estaria por vir. Esperavam por um dia do juízo final no qual os mortos iriam ressuscitar e num conflito final que destruiria a ordem existente de todas as coisas produzindo o triunfo da luz sobre a escuridão.

O fiel era obrigado a se purificar através de um batismo ritual, cuja cerimônia incluía também o consumo de pão e vinho, que simbolizavam o corpo e sangue do deus. Os domingos eram sagrados e o nascimento do deus era celebrado anualmente em 25 de dezembro. Depois de ter completado sua missão na terra, esse deus fez uma última ceia com seus companheiros, antes de ascender aos céus, para, dali, proteger para sempre seus fiéis.

Porém, mesmo com tais terríveis “coincidências”, o mitraísmo não foi o único precursor do antigo cristianismo. Juntamente com Cristo e Mithras, havia inúmeros outros deuses (tais como Osíris, Tammuz, Adonis, Balder, Attis e Dionísio) que, segundo a tradição, haviam morrido e ressuscitado.

Muitos personagens heróicos clássicos, como Hércules, Perseu e Teseu, eram conhecidos como tendo nascidos através de uma união de uma mãe virgem e um pai divino.

Praticamente todas as práticas e festividades de religiões pagãs que não puderam ser suprimidas ou tornadas proibidas foram incorporadas aos rituais do cristianismo, à medida que ele se espalhava pelo mundo.

Finalmente, mais um detalhe: conta a tradição que Zoroastro somente começou a difundir suas idéias, depois dos 30 anos.....

De acordo com tradições persas, o deus Mithras foi encarnado em um salvador humano, esperado por Zaratustra. Mithras nasceu de Anahita, uma mãe virgem, imaculada, venerada antigamente, antes da reforma hierárquica, como deusa da fertilidade. Acreditava-se que Anahita tinha concebido o salvador através do sêmen de Zaratustra preservado nas águas do lago Hamun, na província Persa de

Sistan. Acredita-se que a ascensão de Mithras aos céus ocorreu no ano 208 AC, 64 anos após seu nascimento.

Muitas tradições e ritos sacramentais do cristianismo, particularmente do catolicismo, têm suas origens no zoroastrismo. Sua religião marcava as testas dos fiéis com cinzas, antes que se aproximassem do fogo sagrado, um gesto que foi copiado na tradição da Quarta-feira de cinzas. Um detalhe de sua purificação, antes de participar de um ritual, era a confissão dos pecados, divididos (como fazem os católicos) em pensamentos, palavras e obras.

Tinham também um ritual eucarístico, o ritual do *Haoma*, no qual o deus Haoma, ou somente a sua presença, era sacrificado numa planta. Os fiéis deveriam beber seu suco para obter uma eventual imortalidade.

Finalmente, os zoroastrianos celebravam o dia de todas as almas, demonstrando, como os católicos, uma crença na intercessão de/e para as almas.

Devemos ainda ressaltar que a história dos reis magos, a qual acredita-se, tenham visitado Jesus recém nascido, é similar a uma antiga história de reis magos que procuravam uma estrela que indicava o nascimento de um salvador, no caso, Mithras. Os magos não eram reis, mas sim astrólogos zoroastrianos.

O cristianismo também se apoderou propositadamente da data do aniversário de Mithras, em 25 de dezembro, para ser a de seu Cristo, cuja real data de nascimento é desconhecida e não documentada.

Outra apropriação realizada pelo cristianismo foi a da história da tentação no deserto, já que uma antiga lenda também conta que Zaratustra passou pela mesma situação. O mais importante demônio (*Ahriman*) prometeu a Zaratustra todo o poder na terra se ele abandonasse o culto ao deus supremo. Ahriman falhou, assim como satanás com Jesus.

Finalmente, um interessante paralelo são os três dias que Jesus passou na tumba. Esse trecho pode ter saído de uma crença zoroastriana de que a alma fica no corpo por três dias antes de partir. Três dias seria o tempo que a morte permitiria à alma continuar no corpo e este pudesse ser reanimado.



67 Em que época e quem escreveu a Bíblia judaica?

A tradição diz que foi Moisés quem escreveu o Pentateuco. Essa hipótese, de tão fantasiosa não é levada a sério por nenhum estudioso. De qualquer forma não existem provas disso, nem arqueológicas, nem históricas.

Os primeiros originais foram compostos quando os sacerdotes hebreus eram escravos na Babilônia, há cerca de 2300 anos. Portanto cerca de 1500 a 2000 anos depois de Moisés. Portanto, nada de estranhar que a cultura dos Sumérios tenha sido copiada e adaptada pelos hebreus.

De qualquer forma, não existem originais, nem autográficas, desses primeiros manuscritos. Parece ainda que tais manuscritos foram centenas com inúmeras versões diferentes, baseadas em tradição oral de milhares de anos.

Detalhe: os historiadores possuem as plaquetas de argila originais, contando a história e a religião da Suméria, mas nada possuem de original sobre a Bíblia.



68 Onde estão os originais da Bíblia judaica?

Não existem. A Bíblia hoje usada é baseada em textos *massoréticos*, obra dos eruditos judeus (denominados *massoretas*) que se encarregaram de copiar e transmitir, com fidelidade, a Bíblia. Estes sábios trabalharam desde os primeiros séculos da Era Cristã até a Idade Média. A Bíblia hebraica padrão, utilizada atualmente, é reprodução de um texto massorético escrito em 1088.

Existem ainda os manuscritos do mar morto, descobertos em 1947. São fragmentos, que foram escritos entre 2200 a 1900 anos atrás.

Os cristãos usam a versão grega denominada *Septuaginta* (em grego, 'setenta') porque a lenda afirma que a *Torá* foi traduzida, no século III d.C. (1700 anos atrás) por 70 (ou 72) tradutores, que foram trancados isoladamente e todos apresentaram um trabalho idêntico, o que provou a inspiração de Deus.

Existe ainda a Pessita (ou Peshita) bíblia síria, do século I (1900 anos atrás)



69 Qual é a falha lógica da criação do mundo, conforme está na bíblia dos judeus e cristã?

A seqüência da criação do universo indicada no Gênesis. Se o livro é sagrado, pois foi inspirado pelo próprio deus, não se admite que deus tenha ditado a seqüência abaixo, totalmente errada:

Primeiro dia:

1º criada o céu e a Terra

2º criada a luz

Segundo dia

3º criada a atmosfera

4º criadas as águas

Terceiro dia

5º Criados os vegetais

Quarto dia

6º criados o Sol, Lua e estrelas

Quinto dia

7º criados os peixes e aves

Sexto dia

8º criados animais terrestres

9º criado o homem

Sétimo dia

10º Deus descansou

A moderna interpretação da Igreja é não levar em conta que essa tenha sido a verdadeira ordem cronológica. Mas devemos refletir que, alguém sabendo a verdade, contar essa história sem errar a ordem cronológica é tão simples que não se pode admitir tal erro.

Outro detalhe é a atribuição de virtudes humanas à deus, conforme a teogonia suméria criou os deuses. Por que deus precisa descansar?



70 Fora de Bíblia, em que documentos e de qual cultura, encontram-se menções a Abraão, Moisés, Davi e Salomão?

Nenhum lugar – Não existem referências.



- 71 Os antigos egípcios deixavam gravados em monumentos os fatos importantes de cada dinastia de faraós. Em que local, em que meio (pedra ou papiro), os egípcios gravaram a história dos escravos hebreus, de Moisés, das pragas e do afogamento do exercito do faraó?

Nenhum lugar – Não existem referências.

Segundo a Bíblia os israelitas escravos no Egito, quando foram libertados, eram 600 mil. Ora, uma tal quantidade de gente deveria ter marcado a cultura egípcia a tal ponto que fatalmente haveria registros deles nos anais egípcios. Mas, realmente nada há registrado o que indica fortemente que essa história de Moisés e escravidão no Egito não passa de lenda.

Da mesma forma a Bíblia diz que esses 600 mil israelitas vagaram no deserto por 40 anos. Não existe um só registro arqueológico na região sobre esse deslocamento em tão longo tempo de tantos milhares de pessoas, que igualmente fatalmente deveriam deixar vestígios de sua odisséia. Reforça os indícios de lenda.



- 72 Existe um povo, que passou quase 80% de sua existência como escravo. Qual é esse povo?

Os israelenses. Veja a cronologia e fatos históricos. Celsus, em seu livro “Discurso contra os Cristãos” pergunta: “Que deus é esse que conduz seu povo a um lugar inóspito no deserto e o deixa ali para ser escravizado por quase toda sua existência?”

Época (há)	Evento	Obs	Tempo Passado	Total anos
4000?	Abraão?	Nômades no deserto	300	300
3700?	Moisés?	Egito -escravos	100	400
3600	Josué	Conquista de Canaã	480	880
3120	Saul	As doze tribos	200	1080
2920	Salomão	Término do reinado	80	1160
2840	Israel e Judá	Divisão do reino	40	1200
2800	Sírios	Conquistam 75% do reino	50	1250
2750	Assírios	Exílio na Babilônia -escravos	210	1460
2540	Persas - Ciro	Tomada da Babilônia - escravos	210	1670
2330	Alexandre	Conquista Oriente- escravos	20	1690
2310	Ptolomeu II	Conq Canaã – escravos- dispersão	110	1800
2200	Assírios	Conquista Palestina - escravos	40	1840
2160	Macabeus	Continuam escravos	20	1860
2140	Assírios	Derrota Macabeus - escravos	40	1900
2100	Hircano	Guerra Civil	37	1937
2063	Pompeu	Escravos dos Romanos	129	2066
1934	Revolta	Revolta Judeus –esc dos romanos	4	2070
1930	Tito	Destruição Jerusalem	3	2073
1927	Tito	Queda de Masada	43	2116
1884	Adriano	Bar Kocheba – Diáspora	1834	3950
50	ONU	Criação Estado de Israel	50	4000
0	Israel	Estado Independente		

Marcado em vermelho estão as épocas em que os judeus estiveram independentes. Como nação, descontando-se 300 anos de passagem pelo deserto, fica-se apenas com 887 anos de nação livre. Então do total de 4000 anos de existência 3.113 anos foram passados como escravos. Quase 80%. Repetindo Celsus: “*Que Deus é esse?*” (Cálculos baseados no ano 2000 de nossa era)



73 Quem foi Bar Kocheba?

Em 131, no final do reinado do imperador Adriano, um homem chamado *Bar Cocheba* (Bar Kokhba – *Filho das Estrelas*), **que se dizia o messias**, apareceu em Jerusalém e foi aclamado como messias e libertador pelos judeus. Inicialmente, *Cocheba* formou um exército e conseguiu várias vitórias. Isso enfureceu os romanos, que iniciaram então uma guerra de extermínio definitivo contra os judeus. O poderio romano abateu-se sobre a região de tal forma que suas conseqüências foram sentidas até na Idade Moderna.

Roma iniciou uma campanha para expulsar e eliminar os judeus da região de Canaã. O termo Judéia foi banido. A área tomou o nome de *Síria Palestina*. Os judeus foram proibidos, sob pena de morte, a entrarem em Jerusalém ou próximo a ela. A cidade foi reconstruída para ser um centro romano, e tomou o nome de *Colônia Aelia Capitolina*. Os judeus dispersaram-se (diáspora) pelo mundo, indo habitar regiões que estavam fora do domínio romano: extremo Oriente, o território onde hoje é a Rússia e o norte da Europa. Foi o fim de Israel, que somente em 1.950, conseguiu novamente tornar-se nação independente.

Devo ressaltar que nada tenho contra o povo judeu. Pelo contrário, é um povo que merece toda nossa admiração e respeito, por sua tenacidade e capacidade comprovada de sobreviver sob as mais adversas condições, sem perder sua identidade, tradição e religião. O que foi narrado aqui é simplesmente história e essa é a realidade!



- 74 De quem são os seguintes ensinamentos: “*Os homens nascem em forma corporal, estão limitados a isso, estão tolhidos pela carga de paixões e necessidades do mundo e pagam por seus pecados, até o tempo em que a alma tenha sido purificada através de estágios sucessivos. Deve vagar longe das bênçãos, por trinta mil anos, assumindo, nesse período, toda forma possível de ser mortal.*” Platão em *Phaedo* e em *Republica*, cerca de 500 anos ac.



- 75 No Ocidente, em qual data e quem criou o primeiro sistema completo de filosofia espiritualista, ensinando que as semelhanças entre os indivíduos derivam de uma realidade pré-existente?

Platão: filósofo grego (428 ac) discípulo de pitagóricos, sofistas e Sócrates. Criou a filosofia platônica, o primeiro sistema completo de filosofia espiritualista. Em essência, ensina que as semelhanças entre os indivíduos derivam de uma realidade pré-existente, sendo a dialética ou filosofia de idéias, seu principal tema. As idéias são dispostas de forma hierárquica, ficando no topo a idéia superior, o bem, o próprio deus. Seu discípulo, Aristóteles, escreveu *Metafísica* ou Primeira Filosofia, cujo tema central é ser a matéria incompreensível sem a forma que constitui os seres. No topo da escala dos seres está a forma sem matéria, ou deus – o ato puro.



- 76 Qual era a teoria das esferas celestes e quem a inventou? A data aproximada?
Em **Timaueus**, Platão (500 ac) expõe sua teoria sobre a criação do universo e da alma humana. Segundo ele, a Terra é envolvida por esferas, uma para cada um dos sete planetas. A oitava esfera é a das estrelas fixas. Além da oitava, se encontra o reino do divino. A oitava esfera se move para a direita, numa velocidade constante, sob ação do poder divino. Essa rotação afeta as outras sete esferas, que são obrigadas a girar em sentido contrário. As estrelas fixas da oitava esfera são os berços das almas, existindo uma alma para cada estrela. Devido a rotação, as almas se “despregam” das estrelas e caem, passando pelas sete esferas até chegarem à Terra e se juntarem a um corpo humano. As sete esferas determinam um espaço onde a morte age. Da oitava em diante, reina a imortalidade.
- A alma, em sua queda do mundo divino para o humano, será influenciada pelos planetas das esferas por onde passará, transmitindo, ao ser humano que incorporar, o caráter desses planetas: preguiça, se for influenciada por Saturno; beligerância, por Marte; sede de poder, por Júpiter; luxúria, por Vênus; ambição, por Mercúrio.
- Um detalhe importante dessa teoria é que as almas **NÃO** desejam abandonar as estrelas onde nasceram, elas “caem” devido a rotação da esfera. Assim, sua tendência natural é voltarem – subirem até as estrelas – após a morte do corpo onde estavam presas. Nessa jornada de volta, ficam “limpas” de todas as mazelas que haviam adquirido dos planetas ao descerem. Essa teoria destrambelhada foi totalmente aceita e **vigorou como verdade científica até o século XIX** influenciando determinadamente várias religiões, principalmente a cristã. Hoje continua sendo uma das bases da astrologia.



- 77 O que era a “música das esferas” e até quando se acreditou nela como “verdade científica inabalável”?
- Platão comprou três manuscritos de **Filolau**, de onde tirou a idéia das esferas. Além disso reforçou a teoria daquele filósofo da famosa música das esferas, que era o som contínuo e afinado, produzido pelos planetas ao se moverem dentro de suas respectivas esferas, que, ao se combinarem, produziam uma música melodiosa e perfeita. A teoria da música das esferas perdurou como **dogma científico até o século XIX**. Mas, por que ninguém escuta tal música? Resposta de Platão: *“Porque estamos tão acostumados com ela, pois a escutamos desde o nascimento, que não mais a percebemos”*. OK?



- 78 O que é astrologia?
- A Astrologia – não confundir com astronomia, ciência verdadeira – é a pseudociência que supostamente interpreta uma suposta influência dos corpos celestes sobre a existência humana. Até os anos de 1800, esteve ligada à astronomia, não havendo diferença entre elas.
- As observações feitas no céu começaram com os Sumérios na Mesopotâmia. Os sumérios criaram os deuses e inferiram que o céu era o local onde habitavam. Daí, inferiram também que os astros que estão nos céus, se não fossem deuses, estavam numa categoria muito próxima a eles. Então, como os deuses controlavam tudo que se passava na Terra, seria lógico que descobrir qual deus estava regendo a terra na hora do nascimento de alguém, era encontrar o destino

daquela pessoa.

Antes de 3000 ac, os sumérios haviam mapeado o céu e batizado as constelações visíveis. Também identificaram cinco corpos celestes que vagavam pelos céus a que os gregos chamaram de planetas (“errantes”). Juntando a esses cinco planetas mais dois, que acreditavam também serem planetas – o Sol e a Lua - compuseram o famoso grupo dos sete, que influencia o mundo até hoje.

Platão acreditava em sete esferas no céu, os árabes acreditam em sétimo céu, os hebreus idem, sete são os dias da criação, sete são as pragas do Egito, sete são os dias da semana (dedicados aos sete planetas) e daí por diante.

Por falar em dias da semana, em todos os países esses dias são dedicados e têm o nome desses sete astros: Sol, Lua, Marte, Mercúrio, Júpiter, Vênus e Saturno. Menos nos países de língua portuguesa cujos dias da semana foram renomeados pela Igreja Católica sob alegação de que eram homenagens pagãs. E, diferentes do mundo, por essa imbecilidade, ganhamos domingo, sábado e as “feiras”.

Há cerca de 2000 ac, os Babilônios, na mesma Mesopotâmia, além de usarem o sistema sexagesimal – horas, minutos e segundos – criaram o conceito de zodíaco. Zodíaco é faixa do céu contendo constelações fixas onde aparentemente os planetas, o sol e a lua se movem em seqüência.

Então tendo as constelações como plano de fundo imutável, dividiram esse plano em 12 partes, cada uma contendo uma constelação, na sua maioria identificada por nomes de animais. Assim os gregos batizaram essa faixa de “zodíaco” que significa “ciclo dos animais”.

Assim era possível ligar as constelações, na Terra, à épocas do ano; e no céus, aos deuses. A teoria diz que existem forças imutáveis no universo, emanadas de cada deus, que tornam cíclica a vida na Terra, que é influenciada totalmente por essas forças. Assim, por exemplo, o deus Marte regia uma certa constelação e por isso todos os que nasciam sob a regência dela, tinham os atributos de marte.

Foi baseado nessa teoria sem qualquer base científica que Ptolomeu compôs seu modelo do universo, cujo centro era a Terra e que ficou valendo até o século XVIII.

A superstição exagerada e sem fundamentos dos sumérios ainda está presente atualmente, onde a cultura científica das pessoas difere muito pouco daquelas de 5 mil anos atrás. Daí a crença em astrologia, na qual se acredita como se acredita em religião: um simples conceito errado que toma o local vazio no cérebro das pessoas. Hoje, milhões de pessoas no ocidente acreditam cegamente em astrologia. Na Índia, a astrologia sempre foi uma inabalável crença e jamais perdeu força.

De posse dessas informações o astrólogo conhecendo a data do nascimento de uma pessoa, procura em uma carta para descobrir qual era o planeta que estava em qual constelação naquela data. Com isso e com as características do planeta (ou seja, do deus que rege aquele planeta) infere os traços de caráter da personalidade do “pato” – que paga por esse serviço – além de prever sua vida futura, agrupando essas informações em algo chamado horóscopo (“ver a hora”).

A ciência atualmente nada pode fazer contra essa devastadora onda de superstição e ignorância, além de apresentar séries de experiências onde se comprova que os astros não influenciam a vida de ninguém ou de mostrar que a precessão do eixo da terra, durante esses séculos fez mudar o local das constelações, fazendo com que as “casas” do zodíaco que os sumérios viam, estejam adiantadas em cerca de

duas casas, hoje. Ou seja, o que parecia imutável – a posição das constelações – na realidade também se movimenta. Isso faz desmoronar toda a base sobre a qual foi construída a teoria do zodíaco. Mais uma paspalhice antiga que engana os néscios até hoje.



- 79 No livro “*Discurso Contra os Cristãos*” o historiador Celsus (séc II dc) relata a versão que corria entre os judeus daquela época para a fuga de Maria para o Egito. Qual é essa versão?

Celsus, nobre romano, foi um escritor e historiador do século II que pesquisou profundamente o cristianismo. Seu maior trunfo foi ter todas as provas nas mãos, pois quando escreveu ainda não tinha se passado nem 100 anos depois da morte de Jesus. Assim pode consultar várias fontes, principalmente na Judéia, para escrever seu livro “*Sobre a Doutrina Verdadeira: Um Discurso Contra os Cristãos*”.

Nos círculos judeus se acredita que Jesus tinha feito seus milagres através de artes mágicas aprendidas no Egito. No compêndio de contos *Tol'doth Yeshu*, baseados em tradições do *talmud* e *midrash*, Jesus é descrito como alguém que aprendeu encantamentos no Egito e retornou a Jerusalém onde “desencaminhou Israel” pela sua obra.

No século IV houve a determinação da Igreja cristã para que todos os seus escritos fossem destruídos, o que foi feito. Porém, um patriarca da Igreja, chamado Orígenes, escreveu um livro, por sinal inconsistente, chamado “*Contra Celsus*” onde, para tentar refutar o que Celsus tinha escrito, copiou longos textos dele. Assim, os historiadores atuais puderam remontar todo o livro de Celsus, que pode ser lido hoje (*On the True Doctrine: A Discourse Against Christians – R. Joseph Hoffmann – Oxford University Press – New York- 1987*)

Vejamos o que Celsus relata no Capítulo II de seu livro:

"Vamos imaginar o que um judeu – deixemos de lado o filósofo – pode perguntar a Jesus: "Não é verdade, bondoso senhor, que você forjou a história de seu nascimento de uma virgem, para encobrir rumores sobre a verdade e circunstâncias desagradáveis sobre sua origem? Não seria o caso que, longe de ter nascido na cidade real de David, Belém, você realmente nasceu numa cidadezinha pobre de uma mulher que ganhava a vida como tecelã? Não seria o caso que, quando seu pecado foi descoberto, a saber, que estava grávida de um soldado Romano chamado Panthera, ela foi expulsa pelo seu marido – o carpinteiro – acusada de adultério? Não é fato, ainda, que, em sua desgraça, vagando longe de sua casa no silêncio e humilhação, ela deu à luz a um filho? E o quê mais? Não é verdade que você se empregou como operário no Egito, lá aprendendo sortilégios e adquirindo notoriedade da qual você, agora, se gaba entre seus conterrâneos?" (Celsus – Um Discurso Contra os Cristãos)



- 80 Quais os escritos de autoria de Jesus ou dos apóstolos?

Jesus e os apóstolos nada escreveram. Lembrar que não existem escritos antes do século III. A Igreja diz que está no evangelho a razão dessa falha: “*Ide, pois, ensinai a todas as nações (...)*” Ora, se esse evangelho foi escrito 4 séculos depois de Cristo, ele não pode ser usado para provar nada.

As razões para essa falta de escritos, provavelmente foram:

- Analfabetismo comprovado dos discípulos
- Falta de convicção dos seguidores de Jesus sobre o sucesso da nova seita
- Analfabetismo geral dos povos
- Falta de convicção de Jesus, que estaria apenas encenando ser o messias

Os que viveram junto a Jesus, analfabetos em sua esmagadora maioria, TESTEMUNHARAM e contaram o que viram para outras pessoas escreverem. Segundo a tradição, o único que escrevia era João. Até disso não se tem provas.

O mais interessante é que o próprio Jesus não escreveu nada. Por que? Quais seriam as razões? Falta de tempo? Era também analfabeto? Ou na realidade, Jesus viveu como um desconhecido e de repente, já quase com 30 anos, num acesso de loucura resolve criar uma seita, arranja um grupo de seguidores e logo depois é morto, sendo endeusado por estes, após sua morte?

Vejamos mais:

"Jesus não deixou nenhum escrito; mas ordenou aos seus discípulos que dessem testemunho do que tinham visto e ouvido. Recolhem, pois, as suas palavras e seus atos e, divinamente inspirados, escrevem essas narrações que a Igreja aceitou como regra da fé. Tais são os Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João." (Cantú, C - **História Universal** – Editora das Américas)

A Igreja admite que os apóstolos nada deixaram em escritos:

"A voz dos apóstolos retumbou por toda a terra; porém, como sua humildade não nos deixou memórias em todos os países em que passaram, temos que encerrar-nos quase que exclusivamente no mundo romano."
(Cantú, C - **História Universal** – Editora das Américas)

Ou traduzindo os eufemismos: Os apóstolos não tinham condições de escrever - eram analfabetos - e, portanto, nos países que passaram, nada deixaram escrito. Temos que ficar com o mundo romano, pois é de Roma que vão sair os escritos - 4 séculos depois de Cristo - para fundamentar o cristianismo.



81 Qual é a falha lógica na história da matança dos inocentes feita por Herodes?

No evangelho de Mateus existe a narração do nascimento de Jesus, onde se conta a vinda dos magos para adorarem o recém chegado. Antes passaram pelo rei Herodes e contaram-lhe que tinha nascido alguém que, no futuro seria um grande rei. Herodes ficou preocupado e pediu que os magos, quando voltassem, lhe dissessem onde estava esse futuro rei, que ele também queria visitá-lo. Os magos foram embora reverenciaram Jesus e, “em sonho” foram avisados para não mais encontrar Herodes, e assim fizeram. Herodes ao saber que os magos fugiram, baixou um decreto para matar todas as crianças de zero a dois anos de Belém, o que foi feito, causando uma grande comoção e cumprindo uma antiga profecia sobre essa matança.

Mas, um anjo apareceu José e o mandou fugir e ficar no Egito até que Herodes morresse, o que aconteceu no ano 4, quando a família foi avisada por outro anjo e retornou a Israel.

A falha lógica: Deus sabe o futuro. Se Deus sabia que Jesus não causaria nenhum perigo ao reinado de Herodes, por que permitiu que houvesse essa matança de inocentes?

Na verdade essa história é contestada até por outro evangelista, Lucas, que nada diz sobre magos, Herodes, matança de inocentes e fuga para o Egito. Inclusive textualmente diz que desde o nascimento, Jesus era levado ao templo todos os anos e narra a história de Jesus ensinando no templo aos 12 anos. Já essa parte não existe em nenhum dos outros evangelhos. Todos pulam essa parte da vida de Jesus, saindo diretamente para seu batismo já com 30 anos.

Provavelmente essa história de doze anos foi enxertada para rebater a história dos judeus, que contavam que Jesus viveu no Egito até os 30 anos, quando voltou para a Judéia, tentando melhorar de vida e, com sortilégios e mágicas, enganar o povo.



- 82 Se você quiser ler os originais dos evangelhos onde terá que ir?
A nenhum lugar. Os originais dos evangelhos não existem. A versão mais antiga do Novo Testamento, datando do século IV, está guardada no Vaticano.



- 83 Quem escreveu a edição mais antiga do novo testamento cristão que ainda é utilizado?

Um monge chamado Jerônimo, ou para os católicos, São Jerônimo, no século IV. A falta de escritos originais sempre foi a pedra no sapato da Igreja. A grande desculpa é que os livros foram inspirados por Deus. É dogma, ou seja, uma afirmação que não pode ser discutida. É o cúmulo da restrição ao pensamento.

Veja o que se tenta explicar:

*"Os primeiros escritores cristãos, mais ocupados da virtude que da ciência, cuidaram de expor os dogmas da fé, os preceitos da moral e os ritos do culto; a maior parte das suas obras são pois catecismos em que se respira o ardor da convicção. Porém para afirmar a verdade tiveram de combater o erro e mostrar a concórdia da fé com a razão, não somente **produzindo as provas históricas da revelação**, mas estabelecendo um sistema de especulações racionais fundamentadas sobre esta: Os Santos Padres, considerando pois que a religião e a filosofia como derivadas da mesma fonte, trataram de conciliá-las por meio da fé."* (Cantú, C - **História Universal** – Editora das Américas)

Vamos traduzir os eufemismos: Os primeiros escritores, não tinham nenhum meio de provar as histórias que contavam. Puseram-se a explicar a fé pela fé, sem provas. Desse modo, forjaram as provas que apresentam hoje. A ênfase é dada na fé. É necessário que se creia, sem qualquer comprovação.

E mais:

"Admitida a revelação, todas as dúvidas lógicas estavam esclarecidas (...) a doutrina provém de uma fonte infalível, apresenta o critério da certeza. É assim que a Igreja argumentava, conquanto certos padres, conservando os hábitos da escola, exigissem da ciência o que, talvez, só a fé podia lhes fornecer. " (Cantú, C - **História Universal** – Editora das Américas)

Traduzindo: A história é tão difícil de acreditar, tão improvável, tão insensata, que é necessário acreditar - ter fé - em coisas como ressurreição, ascensão, milagres e prodígios e que foi o próprio Deus quem revelou que tais histórias são verdadeiras.

Vejamos o que nos diz o padre Antônio Pereira de Figueiredo na sua BIBLIA SAGRADA, editada com total aprovação da Igreja Católica:

"Os catálogos do novo testamento são os dos concílios de:

- *Hipona (393)*
- *Cartago (397)*
- *Florença (1441)*
- *Trento (1546)*

Os livros do novo testamento foram todos escritos em grego. O primeiro catálogo de livros foi elaborado por Eusébio de Cesaréia em 324 e foram considerados autênticos pelo consenso universal. A tradição somente admite 4 evangelhos."

(Figueiredo, Padre A P – **A Bíblia Sagrada** - Editora das Américas)

Devemos prestar bem atenção: A autenticidade do catálogo de Eusébio é confirmada pelo consenso universal! Grande prova de autenticidade! Que é o consenso universal? E a data? Quase 4 séculos depois da morte de Cristo!

É claro que houve algo escrito. A questão é por quem, onde e quando. O imperador Juliano cita escritos cristãos. Igualmente o fazem Taciano, Marcião, Celso e Tertuliano.

Nos "*Anais*" de Tácito" encontra-se a referência que Jesus foi condenado ao suplício no reinado de Tibério, sendo Poncius Pilatos o governador da Judéia. Plínio também refere-se a um certo Jesus e seus sectários. O que prova apenas o que não se nega: que Jesus existiu e foi morto. O Pe. Figueiredo quer colocar como prova da autenticidade dos evangelhos o seguinte:

- *A referência a eles feitos pelos romanos.* Isso prova apenas a existência de escritos e de Jesus. Mais nada. Não prova que os escritos que temos hoje eram cópias autênticas daqueles a que se referiam os romanos
- *Barnabé, Clemente e Policarpo colocavam em suas epístolas, citações do Novo Testamento, precedidas das seguintes expressões: "por que o Senhor diz no Evangelho" ou "como está escrito".* Ora, é uma infantilidade querer argumentar que isso prova alguma coisa.
- *Um evangelho conta a mesma coisa que outro.* Se todos são baseados na mesma história, no mínimo têm que se assemelhar. Porém, na verdade, existem incongruências formidáveis entre os evangelhos.

O que não se discute é o seguinte: Lucas, Marcos, Paulo, entre outros, escreveram baseados em testemunhos.

Os Evangelhos

Mateus

"Não há certeza de seu verdadeiro nome. É chamado de "O Telonês", filho de Alfeu. É conhecido sob o nome de Levi. Não se sabe se foi realmente apóstolo."

(Figueiredo, Padre A P – **A Bíblia Sagrada** - Editora das Américas)

Essas informações são da própria Igreja Católica. A Igreja não tem os originais, não sabe a época em que foi escrito, nem em que língua.

O que a Igreja Católica nos apresenta:

- a tradição universal diz que esse é o primeiro evangelho
- não se sabe a origem de Mateus
- não se conhecem seus dados biográficos
- a tradição diz que apostolou por 12 anos na Palestina
- Parece que seu evangelho foi escrito antes da dispersão dos apóstolos

- Se admite que seu evangelho foi escrito em aramaico
- Erasmo de Roterdã, no século XVI, o colocou em dúvida
- Seu evangelho não obedece a ordem lógica nem a ordem cronológica dos fatos e é considerado verdadeiro de acordo com o testemunho da tradição

Ou seja, sem o original e cheio de dúvidas assim, sem provas, não se pode acreditar no que temos hoje.

Marcos

Diz a tradição que Marcos foi o secretário de Pedro. Isso devido a Pedro ser analfabeto. Não se sabe ao certo sua identidade. Há dúvidas se era chamado Marcos ou João Marcos.

Sobre seu evangelho, não se sabe a data em que foi escrito, não se tem original - há somente uma compilação - e como Marcos não era testemunha ocular, acredita-se que escreveu baseado em testemunhos de Pedro.

Lucas

Não se sabe quando se converteu ao cristianismo. Não se têm os originais. Existem manuscritos e versões antigas, referindo-se a "segundo Lucas".

João

Sobre o evangelho de João, sabe-se, com certeza, que não existe o original, não se sabe a data em que foi escrito e, segundo a própria Igreja Católica, "a tradição é unânime em atribuir a João este evangelho." (Figueiredo, Padre A P – **A Bíblia Sagrada** - Editora das Américas)

Nos diz, ainda o Pe. Figueiredo:

"As igrejas primitivas se empenhavam ao máximo para possuir um documento autêntico sobre o estabelecimento do cristianismo. Do século I ao VI, procuram estabelecer um texto fixo, do século VI ao X, acontece a fossilização dos textos e de 1477 a 1525, com o advento da imprensa, surgem as edições principais do Novo Testamento."

(Figueiredo, Padre A P – **A Bíblia Sagrada** - Editora das Américas)

Desde o princípio, aqueles que tinham vivido a história e tinham o suficiente discernimento para não se fanatizar, puseram em dúvida o cristianismo. Em 1835, na Alemanha, David Strauss, com seu livro "*A vida de Jesus criticamente analisada*", coloca o cristianismo como um amontoado de idéias, de invenções e de preceitos, pertencentes a diversas seitas em diversos tempos. Voltaire, no século XVIII, reuniu várias teses e argumentos, empregados por Celso, Porfírio e Juliano, demonstrando que o cristianismo era uma fraude. Scheleirmacher, filósofo e filólogo alemão estudou a vida inteira esse problema e disse: "*Felizes nossos pais, que, estranhos ainda à exegese, acreditavam, homens simples e leais, em tudo que lhes ensinavam. A história perdía, ao contrário da religião, que, com isso, só lucrava.*"

Agora preste atenção:

"O Evangelho e os Atos dos Apóstolos, contando unicamente o que é relativo à doutrina, deixavam à curiosidade uma extensa gama de perguntas a fazer. Alguns cristãos trataram então, para satisfazer essa curiosidade, de compor narrações concernentes à

vida de Cristo, coligindo fatos alterados como sempre pela tradição que eles ouviam dizer de outros e acrescentando circunstâncias de sua invenção. Essa é a origem dos evangelhos apócrifos." (Cantú, C - **História Universal** – Editora das Américas)

Ou seja, esses evangelhos, por apresentarem tantos milagres e situações inverossímeis, foram, pela Igreja, descartados. Mas veja que a própria Igreja admite que se escreviam fantasias e que o tempo e a tradição vão alterando os fatos. Agora, quem garante que os Evangelhos que a Igreja adota hoje, não são fruto da imaginação de seus prepostos?

Pense bem: Os evangelhos são as pedras angulares, o sustentáculo, de todo o cristianismo. E, de repente, você, que sempre pensou que os livros que temos agora se originam de escritos autênticos, escritos por quem dizem que os escreveram, se confronta com uma dura realidade: não há provas de nada que aconteceu nos 390 primeiros anos do cristianismo. Nada ficou. A própria igreja admite que os textos do princípio do cristianismo se transformaram em pó. Na época, os escritos eram feitos em pergaminho - caríssimo e só ao alcance dos mais ricos - papiros e membranas. Esses últimos eram usados para se escrever os textos cristãos e tinham a particularidade de não durarem mais de 200 anos. Os pergaminhos foram usados do século IV ao século X e depois desse, usaram-se papel e pano.

"Quer o texto original dos livros, escrito diretamente pelo hagiógrafo, pessoalmente ou mediante seu secretário com sua final aprovação, quer as cópias que deles foram feitas nos três primeiros séculos (40-300 DC), desapareceram. Os textos originais por inteiro e as cópias em quase toda sua totalidade. Isso em razão da matéria sobre a qual se escreveram, que era, na sua grande maioria, papiro, folha para escritura de um lado baratíssima e vulgar, mas de outro, frágil e facilmente corruptível. Conservaram-se até nossos dias alguns fragmentos das cópias em papiro que são um precioso testemunho do texto inspirado:

- *Papiro P1 contem Mt 1, 1-9, 12, 13, 14-20*
- *Papiro P2 contém Lc 1-5*
- *Papiro P8 contém Atos 4-6*
- *Papiro P13 contém Hb 2-5, 10-12*
- *Papiro P46 várias porções do Antigo e Novo testamento*

Contudo, somente o primeiro e o último são anteriores ao século IV. Desde então os textos dos livros neotestamentários foram copiados, a maioria das vezes, durante anos, em pergaminho, que é matéria mais sólida e duradoura, chegando até hoje, muitos deles, praticamente intactos. Dentre eles, salientam-se os seguintes: Códice Vaticano, Sinaítico, Alexandrino, Basileense, Cantabrigense e Códice reescrito de Efreim.

Textos assim continuamente copiados por pessoas em circunstâncias várias, e a mão, deviam sofrer alterações de diversas espécies, ainda que acidentais, voluntárias umas, involuntárias outras. Esforços sucessivos foram feitos para a adoção de um texto que apanhasse lições divergentes que pareciam seguras, para com elas corrigir-se um certo códice tomado como base.

Na Idade Média, o Império Oriental ou Bizantino, formou o seu, com a união de lições divergentes, harmonização de lugares paralelos, eliminação de passagens difíceis ou ásperas. É o chamado texto comumente recebido, porque prevaleceu da renascença em diante até faz bem pouco tempo, contrapondo-se ao latino da Vulgata, que, no entretanto, está bem mais próximo dos originais. Chegou o período de crítica. Descobriram-se códices mais antigos e respeitáveis. Notaram-se os defeitos desse códice comumente recebido. Surgiram as edições críticas. Entre elas a do Pe. Agostinho Merk, jesuíta, que está de acordo com o estado atual da ciência e segue à risca todas as prescrições da Santa Sé. (grifo é nosso)

Versões veneráveis pela antigüidade foram feitas de todo o Novo testamento. Para o ocidente foi feita uma, chamada de "velha latina"- nome que abarca, ao que parece,

mais de uma- comum, antes de findar o século II; e mais tarde a Vulgata, de valor incalculável e carregada de merecimentos, a qual é obra de S. Jerônimo. No Oriente existem as versões sírias, armênia, copta, etíope, etc."

O trecho acima, está na Bíblia Sagrada do padre Figueiredo, vol XV, pág 270. Ao lê-lo, verifica-se que, na realidade, obter o Novo Testamento foi uma luta inglória. A confusão é imensa. O autor do texto acima o Pe. Figueiredo tenta provar a autenticidade dos evangelhos, mas o que faz é cada vez mais complicar a situação.

Provar a autenticidade de quê? Não existem escritos originais. Provar a autenticidade de cópias que ele mesmo reconhece como alteradas ao bel prazer do copista? Provar autenticidade de uma tradição oral de 4 séculos? Provar a autenticidade de testemunhos orais ou de escritos em que a pessoa escreve que testemunhou determinado fato? Impossível!

A Igreja, sabedora dessa impossibilidade, cria então a teoria da revelação divina. Ou seja: essa tradição oral é verdadeira porque foi o próprio Deus que a revelou. Mais uma vez, isso é uma zombaria, um insulto à inteligência.

Essa é a explicação dada pela Igreja para a não existência de NENHUM, NENHUM DOCUMENTO ORIGINAL dessa época.

O novo testamento, como o conhecemos hoje, foi escrito, pela Igreja, no século IV. Vamos repetir: foram escritos, por monges, 400 anos depois da morte de Cristo!

Disso tudo tiramos uma só lição: em 400 anos, uma história passando de boca em boca, flutuando ao sabor dos interesses os mais variados e rodando entre pessoas analfabetas, ignorantes e fanáticas, não pode ser levada a sério. E nós somos levados a acreditar nela sem contestar!

Mas vejamos mais. Vamos ver o que nos diz a própria Igreja.

"No século II - 200 anos depois - havia textos esporádicos, difundidos em vários locais: havia versões sírias, latinas, cópticas, africanas, entre outras. Havia ainda o Diatessaron de Taciano"

(Figueiredo, Padre A P – **A Bíblia Sagrada** - Editora das Américas)

E mais:

"Hermas, contemporâneo dos apóstolos, soube de muitas verdades através da revelação e consignou-as no seu livro PASTOR, dividido em visões, preceitos e semelhanças. Este livro foi, durante certo tempo, considerado canônico." (Cantú, C - **História Universal** – Editora das Américas)

Preste atenção! Duzentos anos depois, havia várias versões. Quem escreveu essas versões? Quem as copiou? O que seria verdadeiro e falso nelas? Não se sabe. E esse livro, Pastor, revelado por Deus, por que deixou de ser canônico?

"No século III, surge um texto mais puro, preparado em Alexandria, talvez por Orígenes. Na Síria, aparecem vários evangelhos, o mesmo acontecendo em Roma." (Figueiredo, Padre A P – **A Bíblia Sagrada** - Editora das Américas)

Veja, que os textos foram "purificados". Sofreram cortes e possíveis acréscimos.

"No século IV, aparecem a Recessão Natioqueana, os Cânones e Códices de Eusébio e a Edição de Eutálio. Surgem as Epístolas de Paulo e os Atos dos Apóstolos. Apronta-se a Vulgata." (Figueiredo, Padre A P – **A Bíblia Sagrada** - Editora das Américas)

Aí está, 400 anos depois, aparecem os livros que nós usamos hoje. Mas os textos continuaram a aparecer.

"Quando a paz foi concedida à Igreja - ano de 320 - os pastores cuidaram em escrever sua história e os materiais recolhidos serviram para compor as narrações que apareceram no século IV" (Cantú, C - **História Universal** – Editora das Américas)

A Vulgata é a Bíblia usada nos nossos dias. Ela foi escrita por Jerônimo, por volta de 320.

"As tradições literárias estavam menos enraizadas na Itália e menos ainda na Espanha, nas Gálias e na África, do que na Grécia. É por isso que o desenvolvimento dos espíritos foi ali menos apurado, porém mais original. A língua altera-se, mas o estilo renasce; e o que falta aos escritores de pureza e correção é suprido pela energia do sentimento, pela riqueza das imagens, pela elevação das vistas e, sobretudo pela novidade do fundo: mérito notável numa literatura que, desde o berço, não tinha feito mais do que traduzir e ordenar" (Cantú, C - **História Universal** – Editora das Américas)

Veja bem que os textos, não são confiáveis. Pela parte sublinhada acima, para justificar a falta de exatidão colocam-se elementos que são próprios de ficção e não da história verdadeira.

"Jerônimo achou-se arrastado, nos seus escritos como em sua vida, pelo fogo de sua imaginação, **o que faz que neles se encontre, a par de admiráveis belezas, erros e extravagâncias.** A expressão é sempre enérgica, muitas vezes natural; mas, muitas vezes também citações inoportunas, que uma vasta erudição lhe fornece, reflexões frias e triviais, o defeito de não saber parar a tempo, destroem o efeito que ela deveria produzir (...) **A sua imaginação consegue, não obstante, ainda ornar as matérias mais áridas** (...) e (...) fazem estimar a leitura de suas obras.

As mais importantes são as de crítica sagrada. O papa Damaso encarregou-o de rever a versão itálica dos Evangelhos, **reputada a mais fiel, porém que as interpolações e as alterações haviam corrompido. Aqueles que possuíam um exemplar do Evangelho tinham o costume de anotar à margem, as variantes que achavam noutros, às vezes até simples tradições orais. Pouco a pouco os copistas distinguindo mal o texto primitivo das anotações, foram transcrevendo tudo e daí resultaram, segundo expressão do próprio Jerônimo, não mais quatro Evangelhos, porém quatro concordâncias dos Evangelhos. Se a isso juntarmos a inépcia de alguns desses copistas, a presunção de outros que imaginaram fazer correções de sua cabeça, necessariamente compreendemos que a forma primitiva do livro sagrado se houvesse de achar singularmente mudada.**

Jerônimo, tendo empreendido expurgá-lo desses elementos heterogêneos, recorreu primeiro aos textos gregos mais antigos, talvez os de Panfílio e o de Orígenes. Porém, não teve paciência para corrigir todas as passagens que reconheceu terem sido alteradas pela comparação, **de sorte que em algumas partes seu comentário não está em relação com a revisão** (...) Durante quinze anos, aplicou-se em fazer a tradução do Antigo Testamento (...) Fez-se então uma guerra muito viva à sua tradução, que não obstante, adotada pela Igreja, com exclusão da antiga Vulgata, veio a ser o fundamento daquela que o Concílio de Trento declarou autêntica.

Jerônimo conta que os Nazarenos de Beroi, na Síria, lhe deram uma cópia de um evangelho sírio-caldeu, que traduziu para o latim e grego. Era intitulado "**Segundo os Egípcios** ou **Segundo São Mateus**". Mas como se perdeu, **não sabemos se era o original do deste evangelista que possuímos em latim ou um quinto evangelho.** A última suposição é a mais provável, segundo a acusação que Teodoro de Monpsueste fez contra São Jerônimo, de ter composto um novo evangelho." (Cantú, C - **História Universal** – Editora das Américas)

Vamos pensar: Os livros eram copiados à mão. Eram objeto de luxo, caríssimos. Precisava-se de tinta, pincéis, penas, material em que escrever e, principalmente, quem escrevesse. Ler e escrever, naquela época - como em alguns países ainda hoje - não era prioridade. A prioridade era sobreviver. Ter livros em casa, quem os escrevesse e quem os lesse era como ter um helicóptero no quintal nos nossos dias. Era privilégio de uns poucos.

O que você chama hoje de livro sagrado, se o foi algum dia, e duvidamos disso, hoje, sem dúvida alguma, é uma versão totalmente manipulada, escrita para atender os interesses de muitos soberanos, durante esses 2000 anos.

"No século V aparecem os textos Antioqueano, Bizantino e a Peshita. No século VI, os códices de Púrpura. No século VII, além das Antioqueanas e Bizantina, temos ainda a Heraclense e Palestinense." (Figueiredo, Padre A P – **A Bíblia Sagrada** - Editora das Américas)

"Antes de ser lido, o Evangelho foi palavra; antes de ser escrito, foi pregado; antes de ser lido, foi ouvido." (Figueiredo, Padre A P – **A Bíblia Sagrada** - Editora das Américas)

Inacreditavelmente, a citação acima é usada para PROVAR a existência de um evangelho oral. Veja:

"Logo, existiu um evangelho oral antes de ser escrito. Efetivamente, Jesus não deixou escrito algum. Convinha que assim fosse: um texto intermediário entre Jesus e seus discípulos, desviaria a atenção destes para si; depois, ao Mestre repugnava escrever sobre suas próprias ações e virtudes; e, afinal, um texto seu dificultaria a ação do magistério vivo da Igreja. Também os apóstolos, de início, transmitiam vocalmente o Evangelho, porque a ordem que lhes dera Jesus fora não escrever livros e sim proclamar a Boa Nova por toda parte (...) E isso era compreensível: os seus ouvintes não desconfiavam da memória deles (...) então a afirmação da testemunha ocular e auricular era tudo (...)"

(Figueiredo, Padre A P – **A Bíblia Sagrada** - Editora das Américas)

Resta saber como nosso padre Figueiredo ficou sabendo que o Mestre nada queria escrever e como ele ficou sabendo da ordem de Jesus para não se escrever livros. A realidade: todo mundo era analfabeto, talvez Jesus não o fosse, mas o povo não sabia ler e Jesus, mesmo que acreditasse no seu papel de messias, certamente não acreditava que seus seguidores fossem ter o sucesso que tiveram.

Veja o argumento usado para autenticar a versão grega do evangelho:

"Antes que desaparecesse o Evangelho Primitivo aramaico, a Providência havia proporcionado a versão grega dele" (Figueiredo, Padre A P – **A Bíblia Sagrada** - Editora das Américas)

E mais:

"O tradutor anônimo conhecia bem as duas línguas (...) Mais do que tradução literal, sua obra é adaptação livre, procurando mais exprimir o sentido do que verter a palavra por palavra (...)" (Figueiredo, Padre A P – **A Bíblia Sagrada** - Editora das Américas)

Antes de sumir foi traduzido e a tradução foi livre. Como é que nosso bom padre ficou sabendo disso? Sem comentários! É um verdadeiro festival de versões! Todas baseadas em tradição oral de cerca de 400 anos !

Encerrando, se colocarmos como hipótese a não existência de revelação divina, a não validade de testemunhos e que a tradição oral de 400 anos foi corrompida, a tese da validade do cristianismo, se esboroa, acaba, desvanece.

Após o período sombrio da Inquisição, uma instituição absurda, similar em

tamanho, fanatismo e crueldade às perseguições movidas pelos imperadores romanos aos cristãos, que por si só deveria fazer com que as crenças, dogmas, revelações e milagres do cristianismo fossem postos em dúvida, começaram a aparecer aqueles que, livres do risco de serem queimados vivos, através de estudos, raciocínio isento e lógica colocaram em xeque essa doutrina.



84 Dê exemplo de, pelo menos um, versículo da Bíblia cristã que foi alterado recentemente.

Estudiosos calculam que existem cerca de 300 mil discrepâncias entre textos nas diversas Bíblias que circulam atualmente no mundo. Ou seja, como no dizer popular, “o papel aceita tudo”. Assim, a “palavra de deus” é mudada a gosto de quem publica. Um exemplo:

Eclesiastes 1,15

(Bíblia Sagrada, Pe. Antônio Pereira de Figueiredo – Editora das Américas, edição de 1950, traduzindo acertadamente a versão original latina onde se lê “Stultorum numeri infinitus est” - Edição católica)

“Os perversos dificilmente se corrigem e o número de tolos é infinito”

Eclesiastes 1,15

(Bíblia Sagrada - Editora Abril – 1967 – Edição católica)

“O que é torto não pode ser endireitado e que falta não pode ser levado em conta”

Deixo a cargo do leitor descobrir outras, que de tantas, é uma tarefa fácil. No mesmo livro “Eclesiastes”, quase todos os versículos foram mudados.



85 Quem foi o fundador do islamismo?

O profeta Maomé (570-632) fundou o Islam, palavra que significa “submissão”. A origem do Islam é atribuída a uma visão na qual o anjo Gabriel apareceu ao ainda pagão Maomé. Muitas explicações têm sido propostas para explicar tais visões, indo desde inspiração divina, possessão demoníaca, distúrbios psiquiátricos, sonhos, tranSES, ataques até simples mentiras e fraudes.

Os muçulmanos possuem seis crenças principais:

1. Em Alá (*Allah*), que é o único e supremo deus;
2. Em anjos;
3. Nos livros sagrados;
4. Nos profetas (por exemplo, em Abraão (*Ibrahim*), Moisés (*Musa*), Davi (*Dawud*) e Jesus (*Isa*), o penúltimo profeta. Maomé (*Muhammad*) é o último profeta;
5. No dia do juízo final: o dia em que todo ser humano será avaliado para decidir se irá para o céu ou inferno;
6. Em predestinação (destino): Alá já decidiu o que vai acontecer. Os muçulmanos acreditam, que, apesar disso, os humanos podem agir por sua livre escolha.

Alá (Allah)

Alá é nome que os muçulmanos usam para designar o deus único e supremo, que criou e reina sobre tudo.

O principal preceito que os muçulmanos seguem é a obediência à vontade de Alá, cujos atributos são:

- Alá é eterno, onisciente e onipotente
- Alá sempre existiu e sempre existirá
- Alá sabe tudo o que pode ser conhecido
- Alá pode fazer tudo o que pode ser feito
- Alá não tem corpo nem forma
- Alá não pode ser visto
- Alá não pode ser ouvido
- Alá não tem sexo
- Alá é justo
- Alá recompensa os bons e castiga os maus
- Alá, porém é misericordioso

Os fiéis podem se aproximar de Alá pela oração e recitando o Corão.

Os muçulmanos adoram apenas a Alá, porque ele é o único digno disso. Acreditam ainda que:

- Somente existe um Deus
- Deus não tem filhos, nem parentes, nem companheiros
- Deus não foi criado por outro ser
- Não existem outros deuses, nem iguais, nem inferiores e nem superiores a Alá.

Para se tornar muçulmano, basta recitar o *Shahadah*, em frente a duas testemunhas. Esse é o primeiro pilar do Islamismo. O *Shahadah* consiste unicamente na seguinte prece: “**Creio que existe um único Deus, Alá, que criou todo o universo e que Maomé (que descansa em paz) é seu último profeta na Terra.**”

O segundo pilar do Islamismo são as preces, que devem ser feitas diariamente, com o fiel prostrado e voltado em direção a Meca.

O terceiro pilar do Islamismo é o **Zakat**, ou seja um “dízimo” de 2,5% sobre os rendimentos anuais que todo crente deve dispor, uma vez por ano, entregando a uma organização que faça caridade.

Resumo do Início do Islam:

Ishaq, na sua monumental biografia de Maomé, “*Sirat Rasoul Allah*”, conta:

“Quando sua mãe estava grávida, teve uma visão e uma voz falou a ela: Teu filho será o Príncipe desta Nação. Quando ele vier a este mundo você deverá dizer: Eu o coloco sob a proteção do único Deus, contra a maldade de toda pessoa invejosa. E deve chamá-lo de Maomé”.

Na sua gravidez, ela notou que dela saía uma luz que iluminava até os castelos da

Síria. Nessa época, antes do profeta nascer, morreu seu pai, *Abduallah ibn Abdul-Muttalib*.

Maomé nasceu em Meca, em 570. Novamente Ishaq nos conta:

"Quando ele nasceu, um judeu em Medina viu uma estrela cadente riscar o céu e avisou aos seus amigos que um profeta tinha nascido."

Segundo Ishaq, a mãe de Maomé procurou então uma ama de leite para que cuidasse dele. Ela o ofereceu a muita gente, mas ninguém queria ficar com ele por o considerarem órfão. Apesar de ter avós, as pessoas achavam que teriam prejuízo criando um órfão de pai.

Porém uma árabe, da tribo de *Banu Sad*, chamada *Halima*, chegou a Meca, com sua família, uma jumenta e uma camela, todos quase morrendo de fome, pois tinham viajado pelo deserto em condições precárias. Ela não tinha leite para amamentar seu filho e os filhos das outras mulheres de seu marido. Os animais também estavam secos, sem uma gota de leite.

Halima notou que todos enjeitavam o pequeno Maomé e, antes de iniciarem a viagem de volta para sua tribo, mesmo em uma situação desesperadora, resolveu adotá-lo. Assim que o tomou nos braços seu leite voltou, em tanta quantidade que ela pode amamentar todas as crianças, até que se fartassem. E, milagrosamente, os animais também se encheram de leite. Seu marido exclamou que ela estava com um menino abençoado.

Na viagem de volta, a sua jumenta que, na vinda, estava quase desfalecendo de fraqueza, corria tanto que os outros não podiam acompanhá-la. Chegando à *Banu Sad*, um deserto inclemente, os membros da tribo notaram que os carneiros da família de Halima estavam repletos de leite. Todos se admiravam, pois os carneiros dos outros que pastavam junto com os da sua família, continuavam secos e com fome.

Quando Maomé ficou forte, com quatro anos, Halima o devolveu a sua mãe. Porém os efeitos milagrosos em sua tribo cessaram. Então ela voltou até Amina, a mãe de Maomé, e suplicou que ela o deixasse levar novamente. Depois de muita insistência, Amida concordou.

Porém, depois de um mês, o irmão de leite de Maomé chegou amedrontado e contou a seus pais que, enquanto ele e Maomé estavam vigiando as ovelhas, apareceram dois homens, vestidos com mantos brancos, que agarraram Maomé, abriram sua barriga e arrancaram seu coração. Todos correram até o pasto e encontraram Maomé, aparentemente sem qualquer ferimento. Depois, já adulto Maomé contou o ocorrido, dizendo que os dois homens traziam uma bandeja com neve. Abriam sua barriga, retiraram seu coração e dele extraíram uma substância escura, que jogaram fora. Depois lavaram seu coração com a neve e o colocaram no lugar. Depois disseram que ele valia mais do que toda a nação.

Diante do ocorrido, Halima e os outros ficaram temerosos que Maomé estivesse possuído por um espírito mau e foram para Meca para o devolverem a sua mãe.

Em Meca, antes de ser devolvido, Maomé se perdeu de Halima, que o procurou desesperadamente e não o encontrou. Seu avô, *Abdul-Muttalib*, orou junto à *Kaaba* e logo Maomé foi encontrado por dois homens e devolvido.

Quando Maomé tinha seis anos, sua mãe morreu. Então, ele foi criado, primeiramente por sua avó, até seu avô morrer. Daí em diante foi criado por um tio. Esse tio observava rigorosamente os ritos religiosos e Maomé cresceu dentro das obrigações pagãs que eram crença de seu tio. Isso incluía rezar três vezes,

prostrado, voltado em direção a Kaaba, e observar vários ritos importantes, especialmente o de Ramadan, o mais longo de todos, que dura 30 dias.

O tio de Maomé era mercador e, com doze anos, ele começou a acompanhá-lo até a Síria, em seu comércio. Ali, teve oportunidade de entrar em contato com as práticas religiosas dos judeus e cristãos e se sentiu atraído pelas qualidades espirituais dessas religiões. Então, começou a desejar ardentemente encontrar um meio de também ter aquele tipo de experiência espiritual.

Em uma de suas viagens um monge cristão chamado *Bahira* o avisou que ele era um escolhido de deus e que havia gente (três homens, cristãos ou judeus, chamados *Zurayr*, *Tammam*, e *Daris*) querendo matá-lo. Porém, Bahira, guiado por Alá, conseguiu que desistissem da idéia e fossem embora.

Depois da adolescência, foi contratado por uma parente, uma rica viúva de nome *Khadija*, que o incumbiu de viajar a negócios para ela. Ela também estava envolvida em uma nova religião, o *Hanifismo*, que tinha aparecido pouco antes de Maomé nascer. Os Hanifs, que eram poucos, rejeitavam o politeísmo, adoravam somente Alá, um dos deuses do panteão pagão, e o representavam pela Lua.

Maomé se transformou em um hábil negociante e era considerado simpático e elegante por seus contemporâneos. Logo, deu um jeito de se casar com Khadija, num acordo que era vantajoso para ambos. Ela tinha 40 e Maomé 20 anos de idade.

Maomé, então, se voltou para as crenças religiosas e meditação, devido a alguns fatores:

- Seus primeiros anos sob a tutela religiosa de seu tio
- Suas observações de natureza espiritual e monoteísta das religiões dos Cristãos e Judeus, durante suas viagens.
- A influência de sua esposa, Khadija, envolvida com o monoteísmo hanifista
- Sua convivência com os parentes cristãos de Khadija, especialmente seu primo *Waraqah bin Naufal*, que foi criado tanto nas tradições da *Torah* como nos Evangelhos.

Desse modo, freqüentemente, ele se retirava para sua caverna favorita no sopé do Monte Hira, a cerca de 2 quilômetros de Meca, para meditar sozinho. Ele assim procedia, especialmente no mês do Ramadan, quando orava, jejuava e praticava o *Tahannuth*, um conjunto de rituais pagãos que eram habituais em sua tribo. Depois disso, contornava a pé a Kaaba, por sete vezes.

Nas vezes que ficava sozinho na caverna, ele tentava descobrir uma maneira de “reinstalar” a verdadeira religião de Adão, Noé, Abraão, Moisés e Jesus, entre outros profetas, e de como substituir os vários deuses das diversas tribos árabes, com essa nova e verdadeira religião. Apesar de admirar muitos aspectos do judaísmo e cristianismo, nessa altura de sua vida, ele tinha chegado a conclusão de que elas estavam cheias de falhas e superstições, que tinham que ser extirpadas da sua nova religião. Ele sempre discutia seus propósitos com sua família e parentes mais chegados e, ganhou entre eles, a fama de um homem sábio e piedoso.

Foi em uma dessas meditações na caverna, que Maomé teve a primeira visão. Sua

segunda esposa, *Aisha*, contou depois que essa visão aconteceu durante um sonho, que surgiu sob a forma de uma luz brilhante.

Ishaq descreve:

"O anjo Gabriel veio até mim, 'disse o profeta', enquanto eu estava dormindo, trazendo uma manta de brocado com algo escrito nela. Leia! 'Disse ele'. O que devo ler? 'Perguntei' (Maomé era analfabeto). O anjo então me apertou tão fortemente que pensei que ia morrer. Isso aconteceu por mais duas vezes até que, pensando que ele não iria me soltar se eu não lesse, eu li. Imediatamente o anjo foi embora e acordei".

Maomé ficou aterrorizado. Ishaq continua:

"As criaturas que eu mais odiava na Terra eram os poetas e os homens possuídos pelo demônio. Eu pensei: 'Pobre de mim. Eu sou um poeta possuído... Vou subir nessa montanha e me atirar lá de cima. Talvez, morrendo eu encontre a paz".

Todavia ele não se atirou. Ishaq narra:

"Quando eu estava me preparando para me suicidar, ouvi uma voz: 'Maomé, você é o profeta de Alá!' Levantei a cabeça para ver quem estava falando e vi o anjo Gabriel sob a forma de um homem com um pé de cada lado da linha do horizonte. Enquanto o observava, fiquei paralisado".

Quando voltou para casa, Maomé disse para *Khadija* que estava enlouquecendo. Depois de ouvir o relato, *Khadija* disse: “*Alegra-te por tua boa sorte. Tu foste escolhido para ser o profeta de Alá, e ele não vai te abandonar*”. *Khadija* era monoteísta e acreditava em Alá como único deus.

Depois, ela consultou seu primo, *Naufal*, que declarou: “*Se o que você conta é verdade, seu marido é um profeta.*”

Maomé ficou aliviado ao ouvir isso de uma autoridade como *Naufal*. E, tentou se encontrar novamente com o anjo, mas, apesar de ir à montanha freqüentemente, durante três anos nada aconteceu. Ele já estava pensando novamente em suicídio, quando teve outra visão do anjo, que lhe dizia: “*Tu és o profeta de Alá*”.

Maomé decidiu pregar a nova religião e cerca de doze anos depois, passou por outra experiência sobrenatural. Estava ele, certa noite, na casa de seu falecido tio, em Meca, quando, um anjo chegou até ele e fez um corte em seu corpo, do pescoço até a barriga, arrancando então seu coração e colocando nele a sabedoria e a crença; em seguida, o devolveu ao seu lugar.



- 86 O Alcorão é o livro sagrado do islamismo, porém a vida do seu fundador está contada em outro livro que também é considerado sagrado pelos islâmicos. Qual é esse livro?

A vida de Maomé aparece em várias fontes; sendo uma delas, a de um de seus mais respeitados biógrafos, *Ibn Ishaq*, que recebeu a tarefa do Califa de Bagdá, 130 anos depois de sua morte, de registrar tudo o que se conhecia sobre ele.

A principal fonte de Ishaq foram as *Hadith* (tradições) que eram coletâneas das palavras e atos de Maomé. Os originais das *Hadith* eram mantidos em uma caixa e compunham-se de anotações em folhas, pedaços de pergaminhos e outros tipos de materiais assemelhados, bastante frágeis e deterioráveis.

Outra fonte foi a poderosa tradição oral existente entre os árabes, um hábito na maioria das suas sociedades, totalmente analfabetas. O material era memorizado e passado adiante de uma geração a outra.

Parece que Ishaq era muito minucioso, pois registrou tudo o que encontrou, mesmo quando um material parecia contraditório e, de acordo com as tradições ocidentais, até mesmo desagradável. Os autores da Hadith foram *Tabari*, *Muslim*, e *Bukhari*.

Portanto, *Sirat Rasoul Allah* (A Vida do Mensageiro de Alá) foi escrito por *Ibn Ishaq* em 768 e publicado por *Ibn Hisham* em 833. Outro livro que traz a biografia de Maomé é “*As Expedições de Maomé*”, escrito por *Al-Waqidi* em 822.



- 87 Dentre milagres feitos pelo profeta e várias passagens fantásticas, o livro citado acima narra uma viagem que o profeta fez a Jerusalém, saindo de Meca e voltando, tudo isso em uma só noite. Como foi feita tal viagem e qual é sua conseqüência política que perdura até hoje?

No livro *Sirat Rasoul Allah*, capítulo 5, “Viagem Noturna”. Confira.

*"O apóstolo de Alá disse: "Quando eu estava dormindo no lado norte da Kaaba, o anjo Gabriel veio e me chutou. Eu me sentei, mas nada vi; e então voltei a me deitar. Ele voltou novamente e aconteceu a mesma coisa. Porém quando ele voltou pela terceira vez, ele segurou meu braço e saiu voando comigo até o portão da mesquita. Então avistei uma mula, toda branca, parecendo meia mula e meio burro, com duas asas saindo de suas patas traseiras e com as patas dianteiras colocadas tão longe quanto a vista podia alcançar. (Era **Buraq**, o animal que tinha conduzido os profetas anteriores a Maomé). Quando me aproximei dela para montar, a mula ficou arisca, mas Gabriel colocou sua mão na crina dela e disse: 'Por que estás com medo, Buraq? Nenhum servo de Alá que já te montou é mais favorecido que Maomé'. Então a mula ficou parada e eu montei nela".*

O apóstolo de Alá, acompanhado de Gabriel foi então transportado para Jerusalém, no templo, onde se encontraram com todos os profetas que já existiram, incluindo Abraão, Moisés e Jesus. Ele se juntou a eles e orou com eles. Depois subiu por uma imensa escadaria, até chegar aos céus e visitou todos os sete estágios em que se divide o céu, se encontrou com Alá e negociou com ele, quantas orações os fiéis deveriam fazer por dia. Alá queria que fossem cinqüenta, mas Maomé o convenceu a deixar por cinco. Então foram trazidos dois jarros, um contendo vinho e outro contendo leite. O apóstolo bebeu o leite, mas não tocou no vinho, e Gabriel disse: "Que tu fiques sabendo dos fundamentos da religião, assim como também teu povo: o vinho é proibido a todos."

Depois o apóstolo de Alá montou em Buraq e retornou a Meca e de manhã contou a sua sobrinha que tinha passado a noite orando no templo em Jerusalém. Nessa época, Jerusalém não possuía templo (ele foi destruído em 70) e a moça achou que ele estava louco e lhe pediu: "Maomé, por favor, não divulgue essa história. Todos vão achar que é mentira e vão zombar de ti". Porém, Maomé, teimoso, disse que ia contar para todo mundo. E contou aos Quraysh o que tinha acontecido com ele, mas a maioria deles exclamou: "Está claro que isso é uma bobagem! As caravanas gastam um mês para ir de Meca a Jerusalém e outro mês para voltar! Como pode Maomé fazer esse percurso em apenas uma noite?" Então a multidão pensou exatamente como a sobrinha, achou que ele era um louco mentiroso e quase o linchou. Foi salvo por um amigo chamado Abu Bakr.

A conseqüência política desta viagem feita em uma mula voadora: empunhando a história de que o profeta Maomé esteve em Jerusalém, os islâmicos, hoje, alegam ter direito também sobre Jerusalém e a cidade fica dividida em três partes: cristãos, judeus e muçulmanos.



88 Quais os escritos de autoria do profeta fundador do Islamismo?

Nenhum. Maomé era analfabeto, como atestam os próprios antigos imans. Hoje, os islâmicos tentam elevar o profeta ao patamar de um sábio e culto, alegando que ele era mercador e, portanto, obrigatoriamente deveria saber ler. Esse argumento é fraco, pois a troca de mercadorias e o comércio é tão antigo quanto a civilização e sabemos que saber ler e escrever não era prioridade até a invenção da imprensa, pelo simples motivo que não havia o que ler. Além disso, a leitura era uma espécie de conhecimento secreto que somente os mais poderosos podiam ter acesso: reis, nobres e monges. Para ser mercador é necessário apenas saber contar e fazer cálculos básicos com números.



89 O que é Kaaba?

Kaaba também conhecida como *Ka'bah*, *Kabah* e *Caaba*, é o centro do lugar mais sagrado do Islam, a Mesquita Sagrada de Meca, *Al Masjid Al-Haram*. Em volta da Kaaba existe uma área circular de cerca de 20 km de raio, onde somente os islâmicos podem pisar. Meca (*Makkah*) fica na Arábia Saudita.

Kaaba significa um quarto ou casa no formato de um cubo. É uma estrutura de pedra em forma de cubo, que fica bem no centro de Mesquita Sagrada. A Kaaba foi construída pelo profeta Abraão com a finalidade de ser a morada de Deus, do único e supremo Deus.

A Kaaba marca o centro onde os fiéis ficam girando em volta durante a peregrinação obrigatória a Meca (*haji*) fazendo suas orações.

Em um dos cantos da Kaaba, do lado externo, fica a Pedra Negra. Ela é usada pelos peregrinos para contar as voltas que deram ao redor da Kaaba. Acredita-se que essa pedra negra seja um meteorito, que os muçulmanos consideram sagrado.

Há uma corrente dentro do islamismo que acredita que a Pedra Negra tem poderes sobrenaturais. Acreditam que a pedra veio do céu, na época de Adão e Eva e que foi levada para Kaaba pelo próprio Abraão. Segundo esses fiéis, a pedra negra tem o poder de purificar seus pecados, absorvendo-os. Dizem que no começo, era uma pedra de um branco puríssimo, mas que foi ficando preta pelos pecados que absorve através dos séculos. Antes de Maomé, a Kaaba guardava no seu interior cerca de 360 ídolos que eram cultuados como deuses.

Tocar ou beijar a Pedra Negra causa um grande impacto nos fiéis, já que acreditam que isso vai pesar favoravelmente a eles no juízo final. A única razão para tal procedimento é acreditar-se que o Profeta Maomé a tenha beijado. Não existe nenhuma intenção de se adorar a pedra. Ela apenas representa um reconhecimento do fiel de que ela foi posta ali diretamente pela mão de Deus.



90 O que é Hejira?

Numa cidade próxima a Meca, chamada Yathrib, Maomé teve grande sucesso e converteu grande parte da população. Porém em Meca, onde Maomé pregava, a tribo dominante, os Quraysh, desejava continuar adorando os antigos deuses e começou a persegui-lo e a seus seguidores. Muitos foram expulsos da cidade e fugiram para os campos, para Yathrib e para a Abissínia.

Diante do recrudescimento da perseguição, Alá deu a Maomé permissão para

iniciar uma luta de morte contra os infiéis.

O povo de Meca, temeroso pelo derramamento de sangue, tornou a perseguição implacável. Maomé ordenou então a seus seguidores que emigrassem para Yathrib. Maomé ficou em Meca aguardando um sinal divino para fugir.

Porém os habitantes de Meca ficaram receosos que fossem atacados por Yathrib, onde o profeta tinha encontrado abrigo e grande numero de seguidores. Assim, fizeram um plano para matá-lo e cercaram sua casa à noite.

O profeta foi avisado por um anjo que lhe deu a permissão para fugir, cegou seus perseguidores e se escondeu em uma gruta por três dias. No terceiro dia ajudado por amigos, fugiu para Yathrib, de onde reuniu forças para retornar e conquistar Meca. Essa cidade foi rebatizada depois para “*Medina*” (cidade do profeta). A essa fuga se deu o nome de hejira (*hijra*) ou Emigração. Marca também o início da era muçulmana. (622)



91 Qual é a história das Irmãs Fox?

O espiritismo é uma seita que se baseia na pretensa comunicação com os mortos. Vimos anteriormente que o conceito de “espírito” nasceu com o homem das cavernas ignorante. O espírito é a peça mestra no quebra cabeça da teoria da imortalidade, ou seja, o corpo morre, mas algo invisível, imaterial, consciente e pensante, é imortal e sobrevive ao corpo que habitava.

Não é preciso ser muito inteligente para descobrir que toda teoria que acena com um drible na morte, será muito bem aceita pelos mortais, que têm consciência que vão morrer.

Portanto a crença em espíritos e no animismo apareceu junto com a fala do homo sapiens, ainda no tempo das cavernas. Incrivelmente, devido seu apelo à imortalidade, conseguiu resistir a 100 séculos de avanço da humanidade. Hoje há mais de 10 mil anos do início da civilização, tais crenças continuam firmes e defendidas por uma legião de seres humanos.

Como tal teoria diz que o espírito – ou alma – sobrevive ao corpo, era primordial entrar em contato como ele, o que foi feito, durante séculos por oráculos, feiticeiros, pajés e similares. Até o século XI tais oráculos eram poucos e a sua consulta era difícil e mesmo não disponível à toda população. Após essa data, com a instalação no ocidente da Inquisição, tornou-se quase impossível essa consulta, fato que após o século XV, onde a pretensa comunicação com os mortos era punida com a fogueira, fez com que praticamente desaparecesse tal prática.

Em janeiro de 1846, em Orne, França, uma jovem de quatorze anos chamada *Angélique Cottin* notou que uma mesinha perto de si se movimentava sozinha. Depois o fato aconteceu com vários objetos pesados, que igualmente deslocavam-se em várias direções na sua presença.

Todos pensaram que estavam diante de uma possessão demoníaca e levaram a moça ao padre da localidade para que a exorcizasse. Este se recusou a fazer tal ato e chamou médicos de cidades vizinhas para examiná-la. Estes testemunharam que havia algo estranho com a moça e algum tempo depois a enviaram a Paris.

A Academia de Ciências da França nomeou uma comissão para estudar os fenômenos que, em seu relatório final, assinado por 6 cientistas, nega a autenticidade dos fenômenos produzidos por Cottin. Esse foi o primeiro laudo científico sobre manifestações pretensamente extra normais.

Dois anos depois, em 1848, em Hydesville, New York, na casa de um ferreiro

chamado John Fox, estranhos estalos começaram a acontecer no quarto das filhas mais novas de Fox, Margaret (Maggie) e Katharine (Katie). As jovens disseram que os estalos eram comunicações com o espírito de um mascate assassinado ali. Na noite de 31 de março (véspera de Primeiro de Abril, o dia da mentira) as moças fizeram uma apresentação para sua mãe, quando disseram que se comunicariam com um certo “Mr. Splitfoot” (pé deslizante). Estranhamente, o espírito não se dava bem com a luz e, portanto, o ambiente teve que ficar na penumbra.

Elas disseram para o “espírito” repetir o que elas faziam. Bateram palmas duas vezes e o espírito respondeu com dois estalos. Bateram palmas quatro vezes. O espírito respondeu com quatro estalos.

Então passaram a fazer perguntas ao espírito quando ele deveria responder com um estalo para “sim” e dois estalos para “não”.

Através desse sistema puderam descobrir que ele era o espírito de um mascate que foi assassinado e enterrado na adega da casa. Escavações posteriores não encontraram ninguém enterrado no local, mas isso não desanimou as pessoas, quando a notícia se espalhou que as irmãs também podiam se comunicar com outros espíritos.

Diante da sua popularidade, elas se mudaram para Rochester e abriram um escritório em Nova York. Atribuindo todos os fenômenos de assombração da casa a espíritos de mortos, trataram de criar demonstrações para provar a existência de tais entidades. Suas apresentações foram tão bem recebidas que a irmã mais velha, Leah Fish, fundou uma “sociedade espírita”.

O sucesso entre o povo ignorante foi tremendo e em 1852, em Cleveland, realizou-se o primeiro congresso espírita. Dois anos depois, estima-se que havia cerca de 10 mil médiuns em atividade nos EUA.

Logo, essa sociedade foi tomando forma de religião, denominada “Espiritismo”, quando se criou um cerimonial para o culto, com uma abertura, onde se cantavam hinos, uma sessão de comunicação, na penumbra, com os espíritos e um final, com preces e mais cantos de hinos. Com isso se começou a arrecadar dinheiro, que entrava fácil.

As irmãs Fox, percebendo a ansiedade que todos tinham em comunicar-se com seus entes queridos já falecidos, foram, então responsáveis pela volta desse tipo de procedimento, proibido e caçado pela Inquisição, além de popularizarem o seu acesso. Agora, tudo estava mais fácil e todos podiam ser atendidos.

Leah organizou apresentações em Nova York, quando Katie e Maggie fizeram a fama. Daí, saíram excursionando por todo país, arrebanhando milhares de crentes em seus “poderes”. Como consequência disso, surgiram milhares de “médiuns”, nos Estados Unidos, que também faziam tal comunicação. Obviamente, cobrando por seus serviços.

Alguns especialistas examinaram o caso das irmãs Fox e concluíram que as comunicações eram fraudes, realizadas com as juntas de certas partes do corpo, especialmente os pés. Em sessões controladas, os “espíritos” se enganavam e davam respostas erradas às perguntas feitas. Outro detalhe descoberto foi que os estalos acabavam, quando se controlavam os pés de Maggie. (*Mulholland 1938, 34–38*). Porém, diferentemente de Angélique Cottin, com as irmãs Fox não houve uma análise científica dos fenômenos, não existindo, portanto, nenhum estudo satisfatório sobre a atuação das irmãs.

Quarenta anos depois, Maggie confessou publicamente, em 21 de outubro de 1888, na Academia de Música de Nova York, que tudo não passara de fraude. Maggie estava no palco, sentada em um caixote e contou tudo, enquanto na platéia, os espíritas vaiavam e gritavam. Em seguida demonstrou para a platéia como fazia os estalos com os pés.

Maggie declarou na época: *"Acho que está na hora que esse desgraçado assunto de "espiritismo" tenha fim. Ele se espalhou pelo mundo e, a não ser que seja contido, causará grande mal. Fui a primeira a iniciá-lo e tenho direito de denunciá-lo. Minha irmã Katie e eu éramos crianças pequenas quando essa terrível falácia começou. Eu tinha oito anos e ela seis e meio. Nós éramos umas crianças perversas e sempre amedrontávamos nossa mãe, que era uma boa mulher que se assustava com facilidade. (...)A gente amarrava uma maçã num barbante com uma mola e batíamos com ela no assoalho. Minha mãe ficava escutando as batidas sem descobrir o que era e sem suspeitar de nós, que éramos muito pequenas. Depois de escutar algumas batidas, se assustava e corria para fora de casa, chamando os vizinhos, para contar esse fato estranho. Vendo seu medo, foi assim que tivemos a idéia de fazer os estalos com os pés."*

Katie declarou: *"Minha irmã foi a primeira que descobriu que a gente podia produzir estalos com as juntas e depois com os dedos dos pés. Depois de bastantes treinos podíamos produzir os estalos com ambos os pés, com muita facilidade, em um quarto escuro."*

Margaret também contou que sua irmã Leah, sabia da farsa e que, quando ela viajou com as duas meninas por todo o país, eles tinham treinado e decorado a resposta para várias perguntas. Quando não sabiam o que dizer, respondiam com generalizações vagas, a principal ferramenta dos charlatões espíritas.

Leah esperava ficar rica com essas apresentações, pois descobriu que as pessoas pagam para serem enganadas enquanto relutam em desembolsar para se educar. *(John Mulholland - 1938, 43)*

Porém algum tempo depois, como era de se esperar, Maggie retornou a dar consultas espirituais, pois estava precisando de dinheiro. Morreu em 1895 e ao seu funeral acorrem milhares de espíritas de luto.

Hoje, os espíritas dizem que sua confissão é que foi uma farsa, feita por necessidades financeiras e para se vingar de alguns de seus rivais. Porém, suas declarações também foram inteiramente confirmadas por sua irmã, além dela ter demonstrado com perfeição, para a platéia, como fazia os estalos.

Em 1904, surgiu a notícia de que, um cadáver foi encontrado na adega da fazenda dos Fox, em uma parede falsa, bem como o baú do mascate. Os espíritas fizeram do local um santuário e alegam que isso prova a história das irmãs Fox.

Mas a coisa não é tão fácil assim. Para começar, ninguém sabe o nome do tal mascate. Nem os espíritos conseguiram descobrir o nome, apenas as iniciais CB, onde se diz taxativamente que B é o sobrenome.

Para todo nome sugerido, jamais se encontrou qualquer evidência de sua existência. A tal parede falsa, não passa da fundação de um cômodo de quatro paredes. O NYT declarou sobre os espíritas e seu "esqueleto": *"Como sempre, eles não estão medindo esforços para sabotar as investigações e assumindo muitas coisas como verdade para tomarem lugar das provas que se exigem para confirmar suas alegações."*

Em 1852 na França, a divulgação sensacionalista feita pela imprensa das

“maravilhas” produzidas pelas Irmãs Fox, bem como dos milhares de “comunicações” feitas por milhares de médiuns que pululavam nos Estados Unidos, transformaram o país. Além das pretensas comunicações com o espírito de mortos, os jornais apresentavam a lista de pessoas instruídas e bem posicionadas que aderiram à nova seita. A comunidade científica e instruída americana, massivamente, torcia o nariz para essa fantasia, aceita apenas pelos que estavam mal resolvidos emocionalmente pela certeza da morte.

Mais uma vez o “efeito *Jeanne Dixon*” funcionou aqui. Quando, por exemplo, um médico aderiu ao novo culto, a propaganda generalizava, atribuindo à TODA classe médica o apoio aquelas teorias. O efeito na população inculta era bombástico.

Então, a maior potência mundial da época, a França, se viu envolvida, numa explosão espírita. A moda se alastrou e apareceram milhares de médiuns e foram criadas dezenas de sociedades para o estudo dos espíritos. Os aproveitadores agiam e faziam muito dinheiro, tal como acontecera no outro lado do Atlântico.

Seguindo a onda, um professor obscuro francês (*depois que ficou famoso, como sempre, seus biógrafos, baseados em histórias contadas pelo próprio, o fizeram brilhante*) chamado *Hyppolite Leon Denizard du Rivail*, nascido em 1804, depois de analisar a situação caótica em que se encontrava o assunto, resolveu criar regras para que se pudesse compor um arcabouço teórico que embasaria uma nova seita.

Fazendo uma formidável mesclagem de conceitos retirados de todas as religiões, principalmente das teorias erradas de Platão, adicionados a conhecimentos científicos da época – muitos deles completamente errôneos - compôs uma teoria esdrúxula e complicada, de cunho supostamente científico. Na miscelânea que produziu, as antigas teorias religiosas agradaram o grande público sem conhecimentos e a roupagem pseudo-científica enredou os mais cultos.

Porém, ninguém pode ir para a praça e apresentar ao povo uma teoria de sua autoria. Não terá crédito. Para conseguir a aprovação da massa, o recurso sempre usado pelos espertos é o da “revelação”. Os “profetas” antigos recebiam a revelação do próprio deus. Rivail, espertamente, não chegou a esse extremo, o que deixaria uma grande parte de pessoas desconfiadas. Não. Ele entregou a tarefa da revelação aos espíritos. E nem a ele foi dada essa revelação. Declara que o seu principal código foi compilado de milhões de sessões, através de todo mundo, onde os espíritos de diversos sábios se manifestaram aos médiuns.

De posse de todos esses relatórios, após verificar sua “autenticidade” (como os coletou e como os aferiu, não se sabe), Rivail publicou em 1857 a primeira edição do seu “*Livro dos Espíritos*”, repleto de incongruências e fantasias, onde partindo sempre de hipóteses implausíveis, meras especulações pseudo-científicas, ele tenta provar suas teses.

Em uma sessão um espírito lhe revelou que ele tinha sido, em outra encarnação, um sacerdote celta, de nome Allan Kardec. Foi com esse pseudônimo que Rivail ficou famoso.

Com essa codificação tornou possível criar uma religião, que fez um sucesso tremendo na França e nos Estados Unidos até a década de 1930. A partir daí, com os avanços da ciência e o aumento do nível cultural das populações desses países, o sucesso decaiu, estando hoje restrito praticamente ao Brasil, onde estima-se uma adesão de cerca de 20% da população.

Leon Denis, um dos “papas” do espiritismo no seu livro – *O problema do ser, do*

destino e da dor – Paris 1908, acreditava que a Ciência iria confirmar as teorias do espiritismo e fazer surgir uma prova que pudesse fornecer um fundamento (“base essencial”) às teorias esdrúxulas formuladas por Kardec. Veja:

"Em alguns anos de labor paciente, de experimentação conscienciosa, de pesquisas perseverantes e a nova educação (eufemismo para o espiritismo) terá encontrado sua fórmula científica, sua base essencial. Esse acontecimento será o maior fato da História, desde o aparecimento do Cristianismo".

Essa afirmação seria forte suficiente para dismantelar as teorias de Denis, pois se nota que ele mesmo julgava faltar fundamentos primordiais à doutrina. Porém o que acontece é que a ciência teima em, sistematicamente, torpedear cada nova teoria inventada por seus seguidores.

Denis, que estava em 1908 - e, caso pudesse aparecer em pleno século XXI, na certa rasgaria esse amontoado de sandices que escreveu - num momento de lucidez nos pede para não levar muito a sério seus escritos ao proclamar: *"... as crenças e os conhecimentos de um tempo ou de um meio parecem, para o tempo ou o meio onde reinam, a representação da verdade, tal qual a podem alcançar e compreender os homens dessa época..."*.

Foi, por exemplo, o caso dos marcianos, que Kardec descreveu detalhadamente, sendo seguido por milhares de médiuns, em série interminável de sessões sobre o assunto, até que a ciência demonstrou não haver habitantes em Marte. O efeito Jeanne Dixon novamente se faz presente. Todos esses espíritos que, por décadas, transmitiram informações sobre os habitantes de Marte, brincaram com a humanidade, passando falsas informações. Mas, quase cinco décadas de brincadeiras são esquecidas, diante de “novas” revelações apresentadas continuamente.

Mas os erros e falácias amontoam-se e como consequência, as falsetas que os “espíritos” fizeram nas teorias de Rivail, divulgando conhecimentos errados, são tantas, que derrubaram até o efeito Jeanne Dixon.

Um dos “papas” do espiritismo no Brasil, o médium Chico Xavier, disse certa vez *“que mais vale uma mentira que conforta que uma verdade que fere”*. Sem querer, encontrou a mais perfeita definição para o espiritismo.

—oo00oo—

- 92 Todos sabem que o sol é gasoso. Qual o fundador de uma seita religiosa que declarou o seguinte: *“o sol é um globo composto por matéria sólida, cercado de uma atmosfera luminosa ou fotosfera, que não está em contato com sua superfície.”*

Allan Kardec, no “Livro dos Espíritos”. Aqui o “espírito” brincou com Kardec, passando informação falsa. O pior é que Kardec afirma que só publicou depois de conferir a “autenticidade”.

—oo00oo—

- 93 Quem declarou *“a geração espontânea é evidentemente levada a efeito em seres inferiores”*?

Allan Kardec, no “Livro dos Espíritos”. Mais uma falseta dos “espíritos”. Deixa prá lá. É só mais um “errinho”. O resto está certo!

—oo00oo—

- 94 Quem declarou “*Há um fluído etéreo que preenche o espaço e penetra nos corpos: esse fluído é o éter ou matéria cósmica primitiva, geradora de todos os seres e do mundo (...) São inerentes ao éter as forças que presidem as metamorfoses da matéria (...) essas formas múltiplas (...) conhecidas na Terra sob os nomes de gravidade (...) magnetismo, eletricidade (...) Em outros mundos elas se apresentam sob outros aspectos (...) forças em número indefinido se desenvolvem em escala inimaginável (...).*” ?

Allan Kardec, no “Livro dos Espíritos”, segundo ensinamentos do espírito de Galileu. Como vimos anteriormente depois de cerca de quarenta anos após essa publicação, verificou-se que a teoria do éter era falsa. E agora, “espírito de Galileu”?



- 95 Galileu foi obrigado a se retratar diante da inquisição, ao defender o heliocentrismo. Porém foi punido. Qual foi a punição imposta pela igreja católica? Pena de reclusão perpétua. Galileu ficou preso em casa até morrer.



- 96 Uma pessoa afirma que recebeu de um anjo chamado Moroni, placas de ouro contendo uma doutrina escrita em hieróglifos do Egito antigo, que ele traduziu para um livro, fundando uma religião. Dizer quem foi essa pessoa, o lugar, a data do acontecimento, o nome do livro e da religião.

John Smith Jr. o filho de um fazendeiro nos arredores de Nova York, que em 1827 recebeu de um anjo chamado Moroni, placas de ouro contendo uma doutrina, que ele traduziu para o inglês num livro chamado “O Livro dos Mórmons”, fundando assim a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (LDS) – os Mórmons. Em 1820, Smith, com 15 anos, conta que recebeu a visão de Jesus, onde ele lhe dizia que todas as igrejas que existiam estavam corrompidas e a sua missão era fundar uma igreja verdadeira.

Smith contou que na noite de 21 de setembro de 1823, um anjo chamado *Moroni* apareceu a ele e mostrou o local onde estava enterrada “uma arca de pedra contendo placas de ouro gravadas com as escrituras dadas pelo próprio Salvador a um anjo chamado Mórmon, um dos primeiros habitantes da América, descendentes diretos dos judeus que foram habitar a Palestina em 600AC. Na arca estavam ainda duas pedras mágicas – *Urim* e *Thummin* - que seriam usadas para traduzir as inscrições das placas de ouro”.

Smith era filho de uma família de fazendeiros pobres e um golpista. Ficou famoso com suas histórias de que, através de vidência, podia achar tesouros enterrados, minas de ouro, de prata, de sal, etc. Igualmente alegava que tinha contato com os habitantes da Lua, descritos como pessoas altas vestindo longos camisolões brancos.

Em 1826, foi acusado de estelionato, charlatanismo e fraude, quando um parente de *Josiah Stool* (Stowell) o levou aos tribunais dizendo que ele estava extorquindo dinheiro dele com a promessa de descobrir ouro, através de vidência. Smith, na maior cara de pau, se defendeu dizendo que Stool o tinha “contratado” para procurar ouro. Nunca se descobriu a sentença desse processo, sabendo-se apenas que Smith foi obrigado a abandonar a cidade e que não foi condenado, pois Stool se recusou a depor contra ele.

Em 22 de setembro de 1827 Moroni deu permissão para que Smith se apoderasse

das placas de ouro. A história de como Smith se livrou dos que queriam pegar esse tesouro, as pedras mágicas que traduziam as placas, como era feita a tradução do primeiro livro traduzido, do seu sumiço e da análise dos caracteres por peritos, é fantasiosa, inverossímil e hilária, mas não cabe aqui.

O certo é que Smith somente revelou suas visões em 1938. Passou 18 anos guardando segredo que conversava com Jesus e com Moroni (assegura que teve mais de 100 visões). E mais: só quem viu as tais placas foram 11 parentes de Smith e, depois de traduzidas, Moroni as tomou de volta. Ninguém mais as viu.

Enquanto isso Smith se cercava de arruaceiros de todo tipo, formando uma verdadeira quadrilha que era expulsa das cidades em que tentava se estabelecer.

Smith foi processado por mais de 30 vezes, sendo as principais acusações, extorsão através de fraudes contras as pessoas realizadas com exorcismos e assistência de anjos e falências fraudulentas.

Em Ohio foi processado por assalto, agressão, casamento sem licença, tentativa de assassinato, conspiração, violação de leis bancárias, fraudes e enriquecimento ilícito.

No Missouri foi julgado por baderna, assalto e rapto. Os mórmons liderados por Smith causaram tanto tumulto que o Governador do estado baixou um decreto chamado de “*Extermination Order*”. Todos os baderneiros foram presos em 29/12/1838. Smith e outros ficaram presos por 4 meses e meio, sob as acusações de assassinato, incêndio culposo, roubo, rebelião e traição. O governo do estado os expulsou e foram para o estado de Illinois. Escolheram a cidade de Nauvoo, onde as corte criminais eram famosas por concederem habeas corpus indiscriminadamente. Foi com esses habeas corpus que Smith pode se livrar de mandados de prisão expedidos por juízes do Missouri e por juízes federais. Smith, com isso, se julgou acima da lei e começou a cometer crimes.

Em 1844, apesar de todos os contratemplos, a seita estava forte e possuía mais de 100 templos e cerca de 100 mil adeptos.

Smith tinha se tornado prefeito da cidade de Nauvoo, e criara uma milícia armada para protegê-lo, chamada “*Legião de Nauvoo*”. Em junho de 1844, um jornal chamado “*Nauvoo Expositor*” publicou uma série de reportagens acusando Smith e outros mórmons de assediarem mulheres casadas na cidade, trazendo o testemunho de 16 delas.

Smith mandou a “*Legião*” destruir as oficinas do jornal, obrigando os seus diretores a fugir para se manterem vivos. O governador de Illinois, ao saber do fato, mandou ao chefe de polícia de Carthage, uma cidade vizinha, prender Smith que fugiu. Mas foi encontrado depois e preso na cadeia de Carthage. As acusações eram de perjúrio, adultério, assalto, baderna, difamação e resistência à prisão.

A Legião de Smith não queria depor as armas e ameaçava invadir a cadeia e soltar Smith. A população de Nauvoo, diante do fato, se reuniu e marchou para cadeia de Carthage onde um bando invadiu as celas matando o irmão de Smith, Hyrum, que também estava preso. Em seguida partiram para Smith, que armado com um revólver matou duas pessoas antes de ser morto.

Nesse momento, essa boa “*bisca*” virou “*mártir*” e seus sucessores resolveram ir para o deserto, onde não seriam incomodados e lá fundaram a cidade Salt Lake City, onde a nova Igreja prosperou e hoje tem centenas de milhares de seguidores.



março de 1844 e 22 de outubro de 1844?

William Miller foi o mentor de Ellen White - que afirma ter tido mais de 2.000 visões e precursor de uma nova seita cristã. Miller, nascido em Massachusetts em 1782, previu a vinda de Jesus, e o conseqüente fim do mundo, por **QUATRO** vezes!

Era um fazendeiro ateu que recebeu uma “revelação” importante após fazer vários cálculos baseados nas épocas da Bíblia: o fim do mundo, com data e hora. Esse dia era 3 de abril de 1.843. De posse desta informação privilegiada, Miller deixou a fazenda (1.831) para tornar-se pregador itinerante e percorreu vários estados americanos, anunciando o fim do mundo. Miller ganhou um grande aliado na própria natureza, que proporcionou espetáculos de queda de meteoritos em 1.833, halos em volta do sol e o aparecimento de um cometa em 1.843.

Os jornais publicaram as profecias e o seguiram passo a passo. Miller afirmava que o mundo seria destruído pelo fogo, salvando-se somente aqueles que estivessem com ele. Sua fama espalhou-se e aumentou com os fenômenos naturais acontecendo à medida que a data fatídica se aproximava.

No dia marcado, milhares de crédulos (o próprio Miller calculou que seriam 10 mil), que tinham certeza da veracidade da profecia, reuniram-se na Nova Inglaterra, esperando a queimada final. Existem relatos documentados em jornais da época, que, nesse dia, muitos fiéis em todo território americano, convencidos principalmente pelo cometa que tinha aparecido, se suicidaram, após matar toda família. Centenas venderam tudo que tinham e foram aos cemitérios envoltos em mortalhas brancas para esperar a morte e a “salvação”. Como todos sabemos, nada aconteceu no dia 3 de abril de 1843.

Miller não se desconcertou. Reunindo seus seguidores, proclamou que havia um erro de cálculo e que iria recalcular a data. Após algumas semanas de estudo apareceu com a nova data: 7 de julho de 1843. É inacreditável, mas todos - fanatizados e cegos - acreditaram e se prepararam para o novo fim do mundo. A mesma cena se repetiu: venda dos bens, deslocamento de multidões, suicídios e tragédias.

Chegou o dia 7 de julho. Nada. Chegou o dia 8 de julho. Nada. Novamente, Miller, diante de milhares de fanáticos, avisou que faria novo cálculo. Após algum tempo, surgiu com a notícia: a nova data era 21 de março de 1844.

Novamente lhe deram crédito e começaram os preparativos para o final.

Repetem-se as cenas anteriores. Chega o dia 21 de março. Nada. Com a maior desfaçatez, Miller, sentindo que todos ainda confiavam nele, comunicou que errara novamente e que, cúmulo dos cúmulos, iria anunciar breve a nova data. Essa foi marcada para 22 de outubro de 1844.

Como também nada aconteceu nesse dia, os fiéis, depois dessa quarta falha, começaram a duvidar e a ficar revoltados. Principalmente aqueles que tinham vendido tudo o que tinham, ao saberem que Miller possuía todos seus bens e estava muito bem de vida.

Dessa vez, os fiéis, que chegaram à casa dos 100 mil, começaram a se dispersar, mas a idéia de Miller sobreviveu e entre aqueles que continuavam a acreditar nele, estavam Joseph Bates, James e Ellen White que entre 1844 e 1855 fundaram um movimento que hoje se chama Adventistas do Sétimo Dia.



Mais de 200 vezes.

Exemplos abaixo. Veja em que ano seria o fim do mundo e repita comigo:
Enquanto houver cavalo, São Jorge não anda a pé (provérbio da casa do chopp)

Ano	Fonte
44	Judéia - Theudas se declarou o Messias prevendo o fim do mundo
53	Fim do mundo para os Tessalonicenses, aterrorizados por Paulo
80	Ben Zakkai, que esperava o Messias nessa época
100	O rabino Eliezer ben Hyrcanus, a volta do Messias em 40 anos
130	Rabbi Jose, o Galileu: a volta do Messias seria dentro de 60 anos
381	Retorno de Cristo - Tichonus, um escritor do séc IV
400	Hipolitus calculou que esta seria a data do fim do mundo
400	Rabino Dosa séc II
435	Rabino Judah ha-Nasi (135-220)
470	Rabino Hanina séc III
500	Um teólogo cristão, baseado nas medidas da arca de Noé
500	Hipólito (170-236) e Lactancio (250-330)
950	Tratad do Anticrsito escrito por Adso Montier–en-Der
989	Aparição do cometa Halley
990	Durante toda essa década o fim do mundo foi esperado por todos
1000	Previsão que causou a maior histeria mundial
1002	Se não foi em 1000, será em 1002
1004	A Persius Flaccus, Satires III
1006	A Supernova de 1006, - The Astronomical Journal 70 (1965)
1010	Glaber, Ademar, Annales Lemovicenses, ad an. 1010
1012	Hugh of Fleury, MGH SS 8
1014	Annales Quedlinburgenses, MGH SS, III p.82-3
1018	Head and Landes, Peace of God, pp. 347-50
1022	John of Ripoll, Ademar of Chabannes, cf. I Corinthians
1024	Gesta episcoporum cameracensium, II, 52; MGH SS V,
1025	Niethard Bulst, Deutsches Archiv, 30 (1974), p.485; France, p.294-7
1046	Deliberatio supra hymnum trium puerorum, IV, ll.447-75
1033	Aniversário de 1000 anos da crucificação de Cristo
1135	Monge calabrês Joachim de Fiore , morto em 1250
1186	“Carta de Toledo”
1202	Monge calabrês Joachim de Fiore , morto em 1250
1415	Profecia dos Taboritas
1420	Profecia dos Taboritas de Tcheco-eslovaquia
1526	Muntzer na Alemanha
1533	Anabatistas
1533	Michael Stiefel (1486-1567) – marcou hora: 19 de outubro de 1533
1534	“Profeta” Jan Mattijs - marcou data: 5 de abril de 1534
1572	Benedictus Aretius de Berna (1505-1547)
1621	Sir Henry Finch
1656	Conversão dos judeus e depois bummmmm! – Mary Cary
1666	Peste bubônica e número da besta (666) Londres
1715	Isaac Newton (quem diria!) – segunda vinda de Cristo
1809	Mary Bateman, através de sua galinha mágica
1814	Médium espírita Joanna Southcott
1836	John Wesley, fundador da Igreja Metodista
1843	William Miller, fundador do Millerismo
1844	William Miller, fundador do Millerismo
1859	Rev Thomas Parker, ministro de Massachusetts

- 1874 Retorno invisível de Cristo – Charles Taze Russell – Torre de Vigia
- 1881 Mãe Shipton (1400)
- 1910 Cometa Halley
- 1914 Armagedon - Torre de Vigia – Testemunhas de Jeová
- 1914 Charles Russel - Torre de Vigia – Testemunhas de Jeová
- 1918 Torre de Vigia – Testemunhas de Jeová
- 1920 Torre de Vigia – Testemunhas de Jeová
- 1925 Torre de Vigia – Testemunhas de Jeová
- 1941 Torre de Vigia – Testemunhas de Jeová
- 1953 David Davidson no livro "The Great Pyramid, Its Divine Message".
- 1957 Torre de Vigia – Testemunhas de Jeová
- 1960 Piazzzi Smyth no livro "Our Inheritance in the Great Pyramid."
- 1967 Vários profetas
- 1970 David Berg e sua seita "The Children of God"
- 1970 The True Light Church of Christ
- 1975 Torre de Vigia – Testemunhas de Jeová
- 1977 Invasão de abelhas assassinas nos Estados Unidos
- 1979 Walter M. Simmons – marcou data: 10 de setembro de 1979
- 1981 Bill Maupin & The Lighthouse Gospel Tract Foundation, Tucson.
- 1982 The Lighthouse Gospel Tract Foundation, Tucson
- 1982 Tara Centers
- 1984 Testemunhas Jeová
- 1984 Bhagwan Shree Rajneesh
- 1986 David Berg e sua seita "The Children of God"
- 1987 The Harmonic Convergence
- 1988 Rosh Hashanna
- 1988 Bill Maupin & The Lighthouse Gospel Tract Foundation, Tucson
- 1988 Colin Deal no livro "Christ Returns"
- 1988 J R Church (Book: Hidden Prophecies in the Psalms)
- 1989 Edgar Whisenaut "89 Reasons why the Rapture is in 1989"
- 1990 David Koresh do "Branch Davidian"
- 1991 Grupo da Austrália: data 31 de março de 1991 às 9:00 horas
- 1991 Menachem Schneerson, um rabino - data: 9 de setembro de 1991
- 1992 Mission For The Coming Days, coreano – 28 de outubro de 1992
- 1992 Terceira guerra Mundial - Hyoo-go (Rapture) movement
- 1994 F. M. Riley "1994 the Year of Destiny" - The Last Call
- 1994 Torre de Vigia – Testemunhas de Jeová
- 1994 John Hinkle da "Christ Church Los Angels" - 9 de junho de 1994
- 1994 Harold Camping no seu livro "Are You Ready?" 15-09-1994
- 1995 Testemunhas de Jeová
- 1996 Médiun Sheldon Nidle- data 17 -12- 1996
- 1996 "The Return of Jupiter: End of the world in the light of the Bible"
- 1996 James Ussher em 1658 – data do fim do mundo: 23-10-1996
- 1997 Stan Johnson of the Prophecy Club- data: 12 set 1997
- 1997 International Association of Psychics – data :29/07/97
- 1997 Cientista russo Vladimir Sobolyovhas da Rerikh Academy
- 1997 Aum Shinri Kyo - seita japonesa
- 1997 Dan Millar, of Surrey, BC, Canada and Bob Wadsworth of the Biblical Astronomy – dat: 10 abr 97
- 1997 The Vortex of the Star of David Luskville, Quebec – data: 8/3/97
- 1997 Sacerdotal Knights of National Security – dat: 27/11/97
- 1997 The Temple Mount and Land of Israel Faithful Movement: 20/10/97
- 1998 Numerology: Porque 666 vezes 3 é igual a 1998

- 1998 Taiwanese cult operating out of Garland Texas - data:31/03/98
- 1998 Marilyn Agee no seu livro "The End of the Age" data: 31/03/98
- 1998 Centro, organização das Filipinas
- 1998 Medium Edgar Cayce -data: 26/02/98
- 1998 The Church of the Subgenius – data:5/07/95
- 1998 Taiwanese Christian-Buddhist spiritual – data: 31/03/98
- 1998 The House of Yahweh, Abilene
- 1999 medium Charles Criswell King – data:18/08/99
- 1999 Kirk Nelson usando as previsões de Edgar Cayce – data: 30/09/99
- 1999 God's Salvation Church in Texas Hon-Ming Chen
- 1999 "Great Conjunction" of Jupiter and Saturn – data:11/08/99
- 1999 Sun Magazine - Anti-Christ– data:11/08/99
- 1999 Branch Davidian – data: 6/08/99
- 1999 Dotson Meade , “perito bíblico” – data:19/12/99
- 1999 Sun Magazine – o papa John XXIII prev de 1962 - Apocalypse Really Soon: ABC news, Jan 5, 1999
- 1999 Concerned Christians - Apocalypse Really Soon: ABC news, Jan 5, 1999
- 2000 House of Yahweh -Apocalypse Really Soon: ABC news, Jan 5, 1999
- 2000 Sukyo Mahikari - Apocalypse Really Soon: ABC news, Jan 5, 1999
- 2000 Elohim City - Robert Millar -Apocalypse Really Soon: ABC news, Jan 5, 1999
- 2000 5/05/200 – alinhamento de todos os planetas
- 2000 Michael Drosnin, author of "The Bible Code," – 3ª Guerra Mundial
- 2000 Dr. Dale SumburËru
- 2000 Lester Sumerall; Book: I Predict 2000 AD
- 2000 Sun Magazine de 24/6/97: O papa João XXIII predisse em 1962 que Christ apareceria no céu em New York City em 25/12/2000
- 2000 Sun Magazine de 24/6/97: O papa João XXIII predisse em 1962 que o fim do mundo começaria com a explosão de uma bomba atômica em um grande cidade da Europa por terroristas da Líbia
- 2000 William Cooper
- 2000 Weekly World News de 18/11/97: a CIA capturou um alien que teve sua nave avariada no deserto do Novo México em 20 de junho de 1997. Esse alien informou que o fim do mundo seria em 2000.
- 2000 The Great Conjunction of Jupiter and Saturn in front of Taurus 31/03
- 2000 Dan Millar, estimando que a data da volta d o messias é 21/09/2000
- 2001 Jack Van Impe - Evangelical Christian
- 2001 Charles Spiegel, um professor e psicólogo aposentado, declara que a Atlântida irá emergir no Caribe em 2001
- 2001 Sun Magazine de 14/10/97 noticia que a Arca de Noé será encontrada intacta no monte Ararat na Turquia em 31/01/2001
- 2004 Arnie Stanton escreveu em 16/09/97 que o asteróide Toutatis iria colidir com a Terra em 29/09/2004, eliminando a vida na Terra
- 2007 Shelby Corbett, of Bradenton, Florida
- 2007 Hal Lindsay's revision
- 2008 Marilyn J. Agee - data do fim do mundo: 31/05/2008

AGUARDE:

- 2010 Scott Mandelker, que alega ter a alma de um ET
- 2011 ‘We Are Almost There" by Harold Camping and Brian Miller D.S. 21/10/2011

- 2012 Religiões Da Nova Era de acordo com os calendários Maia e Asteca data: 21 de dezembro de 2012.
- 2012 Michael Drosnin, autor do "The Bible Code," encontrou uma mensagem escondida no Pentateuco que prediz o choque de um cometa aniquilando a vida na Terra
- 2016 Um artigo na revista "Weekly World News" relata que o Professor Lloyd Cuningdale de Salt Lake, encontrou uma cápsula do tempo, deixada aqui pelos aliens que iniciaram a vida na Terra, contendo várias profecias. Diz que nesse ano, devido à guerra biológica entre as nações, uma dessas doenças se espalhará e eliminará a humanidade da face da TERRA.
- 2034 John Denton. (Bible Research & Investigation Co)
- 2047 The Church of !BLAIR! – data: 14/09/2047



- 99 No século XX apareceram invenções, descobertas e façanhas, que jamais nenhum ser humano imaginou na antiguidade. Citar o nome de videntes, espíritos, médiuns ou paranormais que, até o século XIX inclusive, tenham mencionado, com detalhes e com clareza (por exemplo: *nos anos de 1800 um francês inventará um modo de curar a raiva*), em suas previsões para o futuro:
- o uso da energia elétrica em forma de corrente alternada, da qual depende o mundo hoje;
 - a invenção da lâmpada elétrica;
 - a invenção do motor elétrico;
 - a invenção do cinema;
 - a invenção do telefone e do rádio;
 - a invenção da TV;
 - a invenção do transistor;
 - a invenção do computador e da microeletrônica;
 - a descoberta e uso do petróleo e seus derivados;
 - o uso de veículos automotores que domina o planeta hoje;
 - a invenção do avião e do avião a jato;
 - a invenção de foguetes para exploração espacial;
 - o uso de celulares e internet;
 - o pouso de homens na lua;
 - a invenção da vacina contra raiva;
 - a cura da lepra;
 - a cura da tuberculose;
 - os armamentos nucleares, inclusive porta aviões;
 - a I e II Guerra Mundial;
 - a bomba atômica e a destruição das cidades japonesas;
 - o uso de raio-x e tomografia na medicina;
 - o transplante de coração e órgãos;
 - a ligação da Inglaterra e França por um túnel, explicando quando e onde aconteceria;
 - a Revolução Francesa de 1789;
 - a revolução comunista na Rússia em 1917;
 - a construção e queda do muro de Berlim e o colapso do comunismo na URSS

Pode confiar: ninguém, mas ninguém mesmo jamais fez qualquer profecia que

detalhasse claramente nomes, datas, locais e ocorrências. Portanto tais profecias não existem.

A explicação é simples: a arte de fazer profecias exige uma técnica; e um de seus principais mandamentos é evitar detalhamentos. A profecia deve ser vaga e encriptada, ou seja, de difícil compreensão, com termos misteriosos, com sentido dúbio, de interpretação variada, podendo significar tudo, incluindo-se aí, o nada.

Nostradamus talvez seja o mais divulgado autor de “profecias” no século XX e começo do século XXI. A mídia é a grande responsável por fazer propaganda dele, na constatação de que a pseudociência é uma atração de grande audiência.

O mérito de Nostradamus é ter aprimorado a receita para fazer profecias. Primeiramente ele diz que são profecias. Parece óbvio, mas se ele não fizesse essa advertência, o que escreveu seria considerado o que realmente é: lixo esotérico. Segundo, diz que as encriptou para que somente alguns pudessem decifrá-las. De que adianta escrever, então, se quem vai ler não entende o que está escrito?

Depois de consumir esse lixo como verdade (no canal History, aparece um historiador brasileiro declarando “*Nostradamus foi o vidente que mais acertou no mundo...*”) o público eleva Nostradamus à categoria de um quase deus, sem conhecer nada mais do que viu na insidiosa tela da TV.

Nostradamus escreveu suas profecias no século XVI. No prefácio delas, em carta dedicada a seu filho César, ele diz “*Tua chegada tardia, César Nostredame (...) me fez passar longas e contínuas noites de vigília para deixar-te por escrito estas memórias (...) para que os homens se beneficiem com que a essência divina me permitiu conhecer, com **ajuda dos movimentos dos astros***”. Sem comentários.

Então prosseguindo, trilhando o caminho da “revelação”, dizendo que é “inspirado por deus” e as profecias emanam dele **através dos astros**: “*(...) tudo é regido pelo poder incomensurável de Deus, que nos inspira, não pela embriaguez dos sentidos, nem por momentos de delírio, mas através de afirmações astronômicas, as predições são animadas pela vontade divina e, especialmente, pelo espírito da profecia*”.

Depois dessa indicação marota, continua ele tentando explicar porque não faz as previsões de forma clara e explícita: “*(...) resolvi não escrever minhas predições porque os governos, as seitas e os países sofrerão mudanças tão diversas, mudanças tão diametralmente opostas às condições presentes, que, se eu revelar o que será futuro os homens dos governos, das seitas, das religiões e os homens de convicção vão considerar essas profecias tão contrárias ao que desejam seus ouvidos fantasistas, que serão levados a condenar aquilo que será presenciado e reconhecido nos séculos futuros. (...) Por tudo isso, deixei de me expressar em linguagem popular e retirei minha pena do papel; **depois, resolvi estender minha declaração sobre o advento do comum, por meio de frases crípticas e enigmáticas, sobre as ocorrências futuras, mesmo as mais próximas, e as que eu intuí***”.

A sua crença na astrologia o domina totalmente e, com essa verdade subjetiva, julga que pode avalizar seu trabalho: “*(...) Mas, por meio dessa eternidade indivisível, por uma poderosa agitação epileptiforme, **as causas são conhecidas pelo movimento do céu**. (...) Pois a compreensão da inteligência não pode ver o oculto, a **não ser pela voz do zodíaco**. (...) com exceção da **astrologia, por meio da qual**, com a ajuda da inspiração e da revelação divinas, em contínuas vigílias e cálculos, redigi minhas profecias. (...) que as coisas que devem acontecer **podem ser profetizadas pelas luzes noturnas e celestes**, que são naturais, e pelo espírito da profecia; não que pretenda me atribuir a denominação e a ação de profeta, mas recebi uma inspiração revelada (...) compus os livros de profecias, cada um com cem quadras astronômicas, e procurei fazer descrição de modo obscuro. Essas quadras constituem os vaticínios*”.

perpétuos de hoje até 3797”.

Finalizando a carta, Nostradamus faz um resumo do que será o futuro: “*Saiba que os homens de letras farão referências abundantes sobre o modo pelo qual vi o mundo, antes da conflagração mundial, que provocará tantos bombardeios, e revoluções tão intensas, que raro será o país não atingido por seus efeitos, e durará até que tudo esteja morto, exceto a história e os lugares. Antes e depois dessas revoluções em vários países, diminuirá a quantidade de chuvas e tombará do céu uma tal abundância de fogo e projéteis incendiários, que nada escapará a esse incêndio. E isso ocorrerá antes da última conflagração. Pois, antes que a guerra feche o seu século, e no fim do seu último período, ela reinará sobre esse século. Uns serão atingidos pela revolução durante muitos anos, e outros, pela ruína, durante um número maior de anos mais longos. E agora, que somos conduzidos pela República, com o auxílio de Deus todo-poderoso e eterno, antes que ela complete seu ciclo, a monarquia voltará, depois da Idade de Ouro. Pois, segundo os signos celestes, a Idade de Ouro voltará, depois de tudo preparado, quando o mundo estiver próximo de uma revolução, que modificará tudo, de cima a baixo. E depois do momento em que escrevo, deverão se passar cento e setenta e sete anos, três meses e onze dias; virão a peste, um longo período de fome e de guerras, e mais inundações entre esse momento e o final predeterminado; antes e depois, a humanidade diminuirá em número e os homens serão tão poucos que serão insuficientes para povoar os campos, que ficarão livres por tanto tempo quanto foram ocupados. E isto, depois do julgamento visível do céu; antes que cheguemos ao sétimo milênio, que será o fim de tudo. Estaremos, então, nos aproximando do oitavo milênio, onde se encontrará o firmamento da oitava esfera, cuja dimensão é conhecida, onde o grande Deus eterno virá pôr fim à revolução, e as constelações retomarão seus movimentos; voltará o movimento superior, que tornará a Terra estável e firme, e seu curso não durará pelos séculos dos séculos, se Sua vontade não for cumprida. (...) Tudo é previsto por um sopro divino, e graças ao espírito angélico que inspira o homem que profetiza, mostrando-lhe os vaticínios consagrados pela unção da iluminação, eliminando toda a fantasia, por meio de várias aparições noturnas e por uma certeza diurna; e ele profetiza pela ciência da astronomia, com a ajuda da mui santa predição futura, que consiste apenas na sua coragem livre. Compreenda neste momento, meu filho, que, segundo meus cálculos, segundo a inspiração revelada, a espada da morte se aproxima de nós neste momento, sob a forma de epidemia, e da guerra mais horrível que já se viu, provocada por três homens, e pela fome; e essa espada golpeará a Terra e voltará freqüentemente, pois os astros indicam, com seu movimento (...)*

Veja que tudo é vago. Um dos mais famosos intérpretes das profecias de Nostradamus, Jean Charles de Fontbrune, que se diz o único a manter a fidelidade com a tradução, explica, em livro de 1980, baseado nas quadras das profecias que o século a que Nostradamus se refere acima, é o século XX. Para ele, estava clara a eclosão de uma guerra mundial exterminadora em 2000.

O que os intérpretes das quadras fazem é simplesmente verificar os fatos históricos ocorridos e forçá-los que se casem com quadras escolhidas aleatoriamente. Como nada aconteceu em 2000, todo o esforço de Fontbrune, e outros, para encaixar fatos nas quadras, principalmente prevendo acontecimentos depois de 1980, foi por água abaixo.

Como foi lido acima, Nostradamus declara que no oitavo milênio, ocorrerá a vinda de deus. Ele está utilizando o ridículo conceito de esferas de Platão, ou seja dividindo a história da humanidade em oito esferas, tal como Platão fez com o universo, afirmando que a oitava esfera era o paraíso, a morada de deus. Belo vidente esse! Mas, aqui surge a dúvida: Oito mil anos, antes ou depois de cristo? Fontbrune esclarece dizendo que são oito mil anos desde a criação do homem como narrada pela Bíblia: “*A profecia de Nostradamus foi escrita no século XVI e se refere quase totalmente — dois terços da obra — ao século XX*”.

Eis como chegou a essa conclusão: “*Na realidade, a profecia de Nostradamus termina*

no fim do sétimo milênio, segundo a cronologia da Bíblia, ou seja, no fim da Era de Peixes, mais ou menos no ano 2000 da era cristã. Esse dado também foi disfarçado por Nostradamus por um cálculo astucioso, que só pode ser reconstituído a partir da cronologia bíblica, e que é indicado na "Carta a Henrique, Rei de França, segundo", e que é o seguinte:

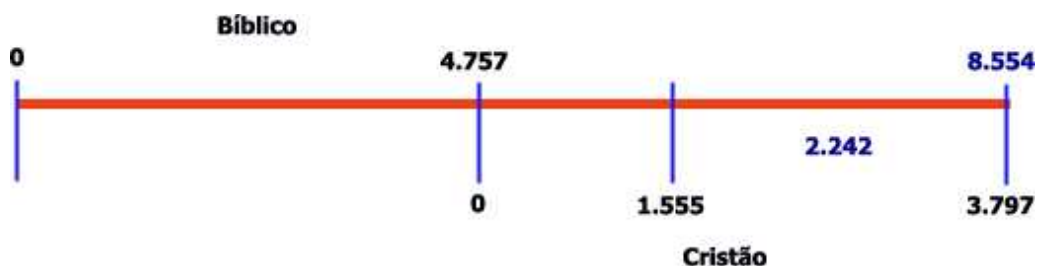
<i>O primeiro homem, Adão, existiu antes de Noé</i>	<i>1.242 anos</i>
<i>Depois de Noé, veio Abraão</i>	<i>1.080 anos</i>
<i>Depois, veio Moisés</i>	<i>515 anos</i>
<i>Entre o tempo de Davi e Moisés</i>	<i>570 anos</i>
<i>Entre o tempo de Davi e Nosso Salvador Jesus Cristo</i>	<i>1.350 anos</i>

Temos assim um total, de Adão a Jesus Cristo, de 4.757 anos.

Ora, na "Carta a César", Nostradamus escreve: "Escrevi os livros de profecias e eles contêm os vaticínios perpétuos desde agora (quando escrevo) até o ano 3797". Do tempo em que escreveu (a "Carta a César" datada de 1555) até 3797 há uma diferença de 2242 anos.

Se juntarmos esse espaço de tempo à cronologia bíblica, já citada, teremos: 4757 + 2242 = 6999, na citada cronologia, ou seja, 1999 na cronologia cristã, data indicada claramente por Nostradamus como a do início das guerras do Anticristo (...)

Aqui, Fontbrune mostra sua esperteza. A conclusão disparatada para forçar aparecer o ano de 1999 é tão evidente que somente por julgar os leitores muito tolos é que alguém se atreveria a fazer tais cálculos. A confusão fica instalada pela mistura de dois sistemas de contagem de tempo: o bíblico e o cristão. Suponhamos que tais datas sejam verdadeiras. Vamos colocá-las em um gráfico linear:



Na parte de cima temos a contagem do tempo pelo sistema bíblico, ou seja, vai do ano 0 até 4.757 que marca o nascimento de Cristo. Na parte de baixo, a contagem cristã, que marca o ano zero como aquele do nascimento de Cristo. Então, linearmente, o ano 3.797 pela contagem cristã é o ano 8.554 pela contagem bíblica.

Então, matemática e logicamente não se pode misturar os calendários, pois são sistemas diferentes. Fontbrune faz isso com a maior cara de pau e soma 2242 com 4757. Uma soma que não faz sentido. E acha o valor de 6999. E mais espantosamente, sem qualquer fundamento diz que 6999 é igual a 1999 no calendário cristão. O sujeito é um brincalhão.

Mas por que 1.999? Nostradamus somente menciona duas datas em todas as suas profecias: 1.999 e 1.792. Eis o que diz sua quadra:

X-72

*"L'an mil neuf cent nonante neuf sept mois
Du ciel viendra un grand Roy d'effrayeur
Ressusciter le grand Roy d'Angoulmois
Avant après Mars regner par bonheur".*

Tradução:

“No ano de 1999, sétimo mês
Do céu virá um grande Rei do pavor
Ressuscitar o grande rei de Angoulmais
Antes depois Marte reinar pela felicidade”

O que isso significa, cada um deverá julgar por si mesmo. Como nada aconteceu em julho de 1999, não desceu nenhum rei apavorante do céu, nem houve guerra mundial, voltamos a concluir: isso não passa de lixo.

A tradução é forçada em todos os casos, sempre para encaixar fatos na quadra, quando uma verdadeira profecia é que deveria encaixar a quadra nos fatos.

Veja o que Fontbrune diz: *"Uma profecia que se realiza transforma-se em história. Ilustraremos essa afirmativa com um exemplo. Nostradamus escreveu sobre Napoleão:*

*CENTÚRIA VII — QUADRA 13
"De la cité marine et tributaire
la tête rase prendra la Satrapie
Chassez sordide qui puis sera contraire
Par quatorze ans tiendra sa tyrannie".*

Tradução: "Do porto sob domínio estrangeiro — o pequeno homem de cabelos curtos tomará o poder. Ele perseguirá os sórdidos revolucionários, o vento da história mudará de direção. E exercerá sua tirania durante catorze anos".

Mas esta não é a verdadeira tradução da quadra. Veja o correto:

“Da cidade marinha e tributária
O cabeça-chata tomará a satrapia
Caçando sórdido que depois será contrário
Por quatorze anos manterá sua tirania”

Note bem a diferença da tradução literal para a tradução enfeitada e forçada de Fontbrune. Do jeito que Nostradamus escreveu, a quadra não tem nexos, nem se menciona, em nenhuma hora, Napoleão. Quem diz que se refere a Napoleão é Fontbrune, isso é conclusão dele, depois de procurar na história um personagem que se encaixasse na quadra. Assim para dar sentido, os tradutores como esse, forçam um fato histórico se encaixar nela.

Mas não de uma vez só. Fontbrune diz que o “profeta” não escreveu cronologicamente. Ou seja, uma quadra pode prever fatos de um século e a próxima quadra, prever fatos de um século anterior aquele. Ou seja, mais uma “conclusão interpretativa” de Fontbrune. Na quadra acima, ele diz que as duas primeiras linhas se referem a fatos de 1799 e as duas últimas se referem a fatos ocorridos em 1814. Isto é, uma quadra de quatro linhas fazendo profecias em vários anos de diferença. É o cúmulo do “encaixe”.

As “profecias” de Nostradamus estão contidas 4.772 versos escritos em francês arcaico, todas no estilo acima. Não menciona nomes, nem lugares, nem datas. Todas são escritas de forma enigmática, dando lugar a várias interpretações, de quaisquer tipos.

O que salta à vista é que em meados de 1500, Nostradamus mal sabia sobre o

Novo Mundo. Portanto não “previu” nada sobre os Estados Unidos ou o continente americano. Por outro lado nota-se que acreditava ser o papado o maior poder da Terra, que somente cresceria com o passar dos séculos, com o papa se tornando o maior líder político do mundo. Para ele, a maior desgraça seria a queda de Roma, o que ele enfatiza em suas profecias como a maior catástrofe mundial.

Finalizando, para vender seus livros, os “intérpretes” realizam peripécias, como Fontbrune, e conseguem seus objetivos. A escatologia faz sucesso.

Eis algumas das previsões de Fontbrune, feitas em 1980, interpretando as quadras de Nostradamus, para o ano de 1999:

- Terceira Guerra Mundial, com grandes batalhas navais e armas atômicas
- Guerra na França
- Fim do sistema monetário
- Execução de 300 mil prisioneiros de guerra
- Revolução na Itália
- Ruína moral em Roma
- Lutas em Marselha
- Invasão da Itália
- Fuga de João Paulo II de Roma
- Aparecimento de um cometa visível por 7 dias
- Morte de papa no dia em que o cometa desaparecer
- Revolução na Espanha
- Pilhagem do Vaticano
- Guerra Na Grécia e no mar vermelho
- Príncipe Charles ferido na Inglaterra
- Divisão da Igreja católica em duas
- Destruição de Genebra
- Invasão da Inglaterra pelos Russos
- A França destrói Istambul
- A Suíça invadirá a França
- O papa sucessor de João Paulo II irá residir em Aventino, pois o Vaticano foi destruído
- A guerra feita pelo anticristo irá de 1999 até 2026.

Existem centenas de previsões de Fontbrune e de todas elas, que ele diz que Nostradamus fez para 1999, não acertou uma. E da série de eventos que está na pergunta acima, não mencionou sequer uma.

Se o leitor ainda acredita em Nostradamus vá estudar suas mais de 4 mil quadras e se convencer da fraude. Para poupar esse trabalho, pode confiar: Nostradamus não passa de uma piada.



- 100 A deusa BASTET – corpo de mulher e cabeça de gato – foi adorada e venerada por milhões de pessoas, por cerca de três mil anos no antigo Egito. O deus elefante LORD GANESCH, tendo seu culto mais de 5 mil anos – 50 séculos - é o o segundo deus mais popular na Índia de hoje, sendo cultuado de forma radical por milhões de hinduístas. E assim existem divindades cultuadas em diversas religiões. Os cristãos acreditam em Jesus e num séquito de personagens montados em seu redor, numa crença que já passa dos 2 mil anos. Se você acredita em um

desses deuses, julga os outros falsos.

Por outro lado, pessoas que dizem ter “recebido revelação divina”, considerados santos pelos que os seguem, têm a vida pessoal e privada repleta de erros e arbitrariedades e geralmente enriquecem às custas dos fiéis. Se você segue um destes “profetas”, julga os outros falsos. Se realmente os outros são falsos, qual é a única **explicação racional** para o fato de existirem **milhões de pessoas** que acreditam neles através dos séculos?

Para responder essa pergunta necessitamos conhecer alguma teoria sobre falácias lógicas. Uma muito comum é aquela que se chama *post hoc*, e se resume a, quando um acontecimento precede outro a tendência é concluir que o primeiro é a causa do segundo.

Por exemplo: Durante séculos a malária foi uma doença inexplicável. Os observadores notaram que muitas pessoas que saíam à noite, contraíam a moléstia. Dessa forma, chegaram à conclusão que o ar da noite era o causador da malária e tomaram todas as precauções para que o ar noturno não penetrasse nas habitações. Quando se descobriu a verdadeira causa, viu-se que a noite só entrava na história por que o mosquito atacava no escuro.

A expressão latina é "*post hoc, ergo propter hoc*" o que significa "depois disto, portanto devido a isto". Das 20 ilusões de lógica esta é a mais comum e a causadora de conflitos e mal-entendidos longos e inúteis.

Os humanos detestam a incerteza e a dúvida. Qualquer explicação, mesmo incorreta, é melhor que nenhuma. Assim as superstições derivam, quase todas, de um raciocínio post hoc.

Você está andando na rua e de repente avista um gato preto. Mais tarde, no mesmo dia, descobre que perdeu a carteira. Pronto! A causa dessa perda foi ter cruzado com um pobre gato preto. Daí, vem a conclusão tola de que gato preto dá azar.

Analisando o fato, porque a carteira foi perdida? Na grande maioria das vezes, por culpa do próprio dono. Distração, bolso furado, colocação em local inapropriado, acontecimento não programado (um escorregão, batedor de carteiras, queda na calçada), etc. Várias serão as causas, porém, provavelmente nunca o gato preto. Mas, infelizmente, grande parte das pessoas, por simples ignorância, vai culpar o coitado do bichano. É mais simples e não precisa pensar muito.

Outro exemplo formidável é a astrologia, que foi criada quase que juntamente com a religião, sendo inteiramente baseada em raciocínio post hoc. Os astros se movem de tal maneira, portanto acontece isso e aquilo. Totalmente ilógico. Também o aparecimento de cometas era, dependendo da região, prenúncio de sorte ou de azar.

As empresas de marketing, se aproveitam desse raciocínio para anunciar seus produtos. Fume tal cigarro e você encontrará aventura. Beba tal bebida e conquiste a pessoa amada. Use tal creme dental e tenha dentes iguais aos do modelo visto na TV.

O grande prejuízo para a humanidade é que, mesmo depois de provada a falsidade de um raciocínio post hoc, a grande maioria da população continua a crer e divulgá-lo. É o caso da astrologia e das incontáveis superstições que toda cultura possui.

A lógica post hoc engana, principalmente em três situações:

1. Depois de um acontecimento, acontece outro. Parece que o primeiro é causa do segundo, mas, na realidade não é. É o caso do gato preto, dos cometas, etc.
2. Pode ser que o primeiro acontecimento realmente afete o segundo, mas de maneira secundária e irrelevante. É o caso da inflação no Brasil, quando um ministro da fazenda veio a público dizer que a inflação tinha aumentado devido ao aumento no preço do chuchu. É claro, que se há aumento no preço, isso pode causar inflação. Mas, culpar o chuchu pela inflação de um país é demais!
3. Pode ser que os acontecimentos se efetivem paralelamente, sem que se saiba ao certo qual é o efeito ou o fator que os esteja provocando. Pode haver um terceiro fator, provocando os dois primeiros. Por exemplo, a queda da bolsa em Nova York e um aumento do dólar no Brasil, no mesmo dia. Os dois acontecimentos são paralelos e pode ser que o primeiro seja a causa do segundo ou ambos sejam provocados por um aumento da inflação ou que não estejam relacionados. Pode acontecer que a bolsa caiu em Nova York, devido a falência de uma grande indústria e o preço do dólar subiu no Brasil, devido a um ato de um ministro que assustou o mercado.

O que se deve sempre ter em mente é que os acontecimentos são causados por múltiplas razões, formando uma cadeia. Um fato paralelo pode fornecer um indício. Mas para cada indício correto existem dezenas de indícios falsos. E concluir sobre indícios falsos é inferir.

Os motivos exponenciais para que alguém faça inferições são:

- a) falta geral de conhecimentos corretos, principalmente do funcionamento de seu corpo e, especialmente do seu cérebro
- b) falta de raciocínio lógico. O raciocínio somente é produtivo se for feito partindo-se de princípios e conhecimentos verdadeiros. O raciocínio é ferramenta para lidar com a informação. Se for falsa, as conclusões do raciocínio o serão também.
- c) Fé. A fé conduz o ser humano a conclusões SEM PROVAS, à limitação da descoberta do conhecimento verdadeiro e ao fraco desenvolvimento do raciocínio. Quando se tem fé, se tem uma crença e para isso se abdica de raciocinar com lógica e de concluir.

Aqui chegamos à nossa questão inicial. Tomemos o exemplo de Lord Ganesch, o simpático deus elefante do hinduísmo. Recentemente, foi divulgado em todo o mundo que, nos altares desse deus a estátua de Ganesch estava bebendo leite, fornecido às colheradas pelos fiéis. Ganesch é extremamente popular e quase todo hinduísta possui um pequeno altar dentro de casa com uma estátua dele.

São centenas de milhões de pessoas que acreditam nele, hoje, em pleno século XXI. O reverenciam e trazem flores e alimentos que depositam nos altares. E oram. E as orações são recebidas e os pedidos “realizados”.

Assim, *Banerjee Pandra* orou para sair do aluguel e em três meses, conseguiu um empréstimo para comprar uma casa. *Salma Gandraschi* orou a Ganesch durante um ano, fazendo jejuns e ofertas e, por final, seu filho que estava desempregado há muito tempo, conseguiu um bom emprego. *Raavi Siruadathi* teve sua filha de 6 anos picada por uma serpente naja e orou durante quatro dias a Ganesch, mas sua filha morreu no quinto dia. *Jeerna Sathmaran*, ora há mais de uma década para

Ganesch, para que traga de volta seu marido, que se separou dela, mas até agora não foi atendida.

Pandra e Gandraschi **INFEREM** que conseguiram o que pediram graças à intercessão de Ganesch. Estão satisfeitos e adorando esse deus cada vez com mais amor. Já Raavi, também continua adorando Ganesch com a mesma intensidade. Se sua filha morreu, ele **INFERE** que foi por vontade superior à dele e à de Ganesch. Ou talvez, sua oração não tenha trazido com ela a sinceridade que deveria e Ganesch resolveu puni-lo por sua falta de fé. Assim **INFERE** que a culpa é dele mesmo e não do deus. Sathmaran apenas crê e aguarda uma graça, enquanto cumpre os rituais. Espera ser atendida, algum dia. Os deuses funcionam assim e os humanos não podem perder as virtudes da fé e da esperança.

Pense bem nesses exemplos e pense que são idênticos ao que acontece no mundo com qualquer outro deus. Mas se Ganesch é deus verdadeiro e os outros? Ganesch é verdadeiro ou falso? Se existem adoradores de outros deuses é por que oram e **TAMBÉM SÃO – OU NÃO - ATENDIDOS**, como no exemplo acima.

O que não se percebe é que, durante nossa vida, todos os dias, acontecem fatos bons e ruins. No mínimo dois de cada, **independentemente do deus a quem se ora**. A atribuição da causa desses eventos é de nossa inteira responsabilidade, ou seja, depende de cada um interpretar o que aconteceu e tirar conclusões, quer por um caminho lógico, sensato e baseado em conhecimentos verdadeiros, quer **INFERINDO**.

Note-se que se uma pessoa atribui **TODOS** os eventos à ação da mão de deus – do deus que ela acredita ser verdadeiro - essa inferição leva à conclusão de que esse deus também é o responsável pelos acontecimentos que afetam outras pessoas que oram a outros deuses. Ou seja fica desconsiderada a hipótese desse deus se zangar ou não atender aqueles que não acreditam nele. Se alguém acredita em Jesus, então justifica dessa forma os pedidos atendidos aos que crêem e cultuam Ganesch. E a recíproca é verdadeira. Tal raciocínio somente leva a uma conclusão lógica: Não é preciso cultuar nenhum deus. Todos serão atendidos, independente de culto.

Veja ainda que o bom e o mau são subjetivos. Se alguém, que deseja assassinar outro, é morto por este na luta, o bem do que escapou é o mal do que morreu. A moral da história é sempre contada pela visão de uma parte. Ou seja, aquele que escapa de um desastre de avião diz que foi a “*mão de deus*” que o salvou. Já os que morreram, **não mais podem falar para declararem que foi “a mão de deus” que os destruiu**. Assim somente se ouve a voz dos beneficiados declarando o que inferiram, acentuando a parte positiva da história.

Portanto, todos adoram todos os tipos de deuses, **por que inferem que tais deuses atendem seus pedidos**. E crêem nisso com todo ardor. Fica a cargo do leitor descobrir, inferindo ou concluindo racionalmente, o que é falso e verdadeiro nessa tragédia.

E, *last but not least*, as estátuas bebedoras de leite de Ganesch foram desmascaradas e se provou que era uma fraude.

Bibliografia:

Obras consultadas e sugestões para consulta:

- A. BOISSIER, *Mantique babyloninne et Mantique hittite*. P. (Geuthner), 1935.
- A. Erman: *L'Egypte des Pharaons* (Payot); *La Religion des Egyptiens* (Payot);
- A. Ermart e H. Ranke: *La Civilisation Égyptienne* (Payot);
- A. L. PERKINS, *The comparative Archaeology of Early Mesopotamia*. Chicago, 1949.'.
- A. LAYARD, *The Monuments of Nineveh*. Londres, I, 1849; 11,1853.
- A. MOORTGAT, *Frühe Bildkunst in Sumer*. Leipzig (Hinrichs), 1935.
- A. MORET, *Histoire de L'Orient*. P. (Presses Universitaires), 1936.
- A. PARROT, *Les fouilles de Mari: Syria, - Archéologie mésopotamfenne*.
- A. PARROT, *Ziggurats et Tour de Babel*. P. (Albin Michel), 1949.
- A. SALONEN, *Die Wasserfahrzeuge in Baby/onien nach sumerischakkadischen Ouellen*. Helsingfors (Societas Orientalis 'Fennica), 1939.
- A. T. OLMSTEAD. *Babylonian Astronomy. Historical Sketch: American Journal of Semitic Languages*, LV (1938), págs. 113- 129.
- Arthur Weigall: *Histoire de l'Egypte Ancienne* (Payot).
- Athenaum, Paul Johnson - *A History of Christianity* - New York, 1976
- B. MEISSNER, *Babylonien und Assyrien*. Heidelberg (C. Winter), 1924.
- B. MEISSNER, *Die Babylonisch-Assyrische Literatur*. Wildpark- Potsdam, 1927.
- Beny, Roloff. *Iran: Elements of Destiny*. McClelland and Stewart Ltd. London, 1978.
- Biblia Sagrada – Editora Abril, 1967
- Bibliographie Égyptologique Annuelle publicada em Leyde Port r e Moss,
- C. FOSSEY, *La Magie Assyrienne*. P. (Leroux), 1902. .
- C. J. GADD, *History and Monuments of Ur*. Londres (Chatto et Windus), 1929.
- C. J. GADD, *The Stones of Assyria. The Surviving Remains of Assyrian Sculptures. Their Recovery and their original positions*. Londres. (Chatto et Windus), 1936.
- C. L. WOOLLEV, *Ur Excavations. The Royal Cemetery*. Londres, 2 vol., 1934.
- C. L. WOOLLEY, *The Development of Sumerian Art*. Londres, 1935. - *Ur Excavations. V. The Ziggurat and its Surroundings*. Londres, 1939.
- Celsus - “A Doutrina Verdadeira – Um Discurso Contra os Cristãos” – Trad Inglês R. Joseph Hoffmann – Trad. Português: L Valentin – Oxford University Press, New York
- Ch. F. JEAN, *Le Milieu Biblique avant Jésus-Christ, La Littérature*. P. (Geuthner), 1923. - *La Littérature des Babylaniens et des Assyriens*. P. (Geuthner), 1924.
- Ch. F. JEAN, *Le Milieu Biblique avant Jésus-Christ. 111. Les idées religieuses et morales*. P. (Geuthner), 1936.
- Ch. F. JEAN, *Le Milieu Biblique avant Jésus-Christ. I. Histoire et Civilisation*. P. (Geuthner), 1922.
- Ch. FOSSEV, *Manuel d'Assyriologie*. P. (Leroux), I, 1901 (Conart), 11,1926.
- Christiane Desroches-Noblecourt: *L'Art Égyptien* (P.U.F.);
- Cumont, Franz. *Les Mystères de Mithra*. Dover Publications, Inc. New York, 1956.
- Cumont, Franz. *The Oriental Religions in Roman Paganism*. Dover Publications, Inc. New York, 1956.
- DE SARZEC e L. HEUZEY, *Découvertes en Chaldée*. P. (Leroux), 2 vol., 1884-1912.
- Dimont, Max I - *The Jews, God and History*
- E. A. SPEISER, *Excavations at Tépé Gawra*. Philadelphia (University Press), I, 1935.
- E. A. W. BUDGE, *The Rise and Progress of Assyriology*. Londres (1925). (Déchiffrement.)
- E. BOTTA e E. FLANDIN, *Le Monument de Ninive*. P. (Imprimerie Nationale), 1850.
- E. CAVAIGNAC, *Histoire de L'Antiquité*. P. (Fontemoing), 1917. - *Les Listes de Khorsabad: RA, XL (1945-46)*, págs. 17-26.
- E. CUO, *Etudes sur le Droit babylonien. Les Lois assyriennes et les Lois hittites*. P. (Geuthner), 1929.
- E. DHORME, *La littérature babylonienne et assyrienne*. P., 1937.
- E. Drioton e J. Vandier: *L'Egypte, des Origines à la Conquête d'Alexandre* (P.U.F., 1938 e 1975). .

- E. EBELING, Geschichte des Alten Morgenlandes. Berlin (Gruyter), 1929.
- E. EBELING, Tod und Leben nach den Vorstellungen der Babylonier, Berlin (De Gruyter), I. 1931.
- E. J. BANKS, Bismya or the lost City of Adat. New York (Putnam), 1912.
- E. M. BRUINS, Sciences-Avenir, juillet 1951, pág. 315.
- E. MACKAY, Report on the Excavation of the "A" Cemetery at Kish: Field Museum of Natural History. Anthropological Memoirs, I. 1, Chicago, 1925. - A Sumerian Palace and the "A" Cemetery at Kish, Mesopotamia. Chicago (Field Museum of Natural History. Anthropological Memoirs, Chicago, 1929. - Report on Excavations at Jemdet-Nasr, Iraq. Chicago (Field Museum of Natural History), 1931.
- E. SPEISER, Mesopotamian Origins. Londres (Oxford University Press), 1930.
- E. UNGER, Sumerische und Akkadische Kunst. Breslau. 1926. - Assyrische und Babylonische Kunst. Breslau (Hirt), 1927.
- Eliade, Mircea. Patterns in Comparative Religion. The World Publishing Company. Cleveland, 1958.
- Eymerich, N e La Peña, F de - Directorium Inquisitorium - Ediub -© 1993
- Encyclopaedia Britannica
- Etienne Drioton e Jacques Vandier: Les Peuples de L'Orient Méditerranéen (P.U.F.):
- Etienne Drioton e Pierre du Bourguet: Les Pharaons à la Conquête de L'Art (Desclée de Brouwer);
- F. R. STEELE, The Lipit-Ishtar Law Code: American Journal of Archaeology, LI (1947), G.
- CONTENAU, L'Épopée de Gilgamesh. P. (Artisan du Livre), 1939.
- F. THUREAU-DANGIN, A. BARROIS, G. DOSSIN, M. DUNAND, Arslan-Tash. P. (Geuthner), 2 vol., 1931.
- F. THUREAU-DANGIN, M. DUNAND, L. CAVRO, G. DOSSIN, Til-Barsib. P. (Geuthner), 2 vol., 1936.
- F. THUREAU-DANGIN, Rituels Accadiens. P. (Leroux), 1921. -
- FIGUEIREDO, Pe. A J - Bíblia Sagrada - Editora das Américas - São Paulo - 1950
- François Daumas: La Vie dans l'Égypte Ancienne (P.U.F.);
- G. CONTENAU, De la valeur du nom chez les Babyloniens et de quelques-unes de ses conséquences: Revue de l'Histoire des Religions, LXXXI, 3 (1920), págs. 316-332. - La Religion sumérienne, dans Histoire des Religions. I. P. (Quillet), 1948, págs. 339-351. - La Médecine en Assyrie et en Babylonie. P. (Maloine), 1938. - La Divination chez les Assyriens et les Babyloniens. P. (Payot), 1940. - Le Déluge babylonien. Descente d'Ishar aux Enfers. La Tour de Babel. P. (Payot), 1941. - La Magie chez les Assyriens et les Babyloniens. P. (Payot), 1947. - Notes d'iconographie religieuse assyrienne: RA, XXXVII, 4 (1940-41), págs. 154-170.
- G. CONTENAU, L'Asie Occidentale Ancienne, dans L'Histoire de L'Orient Ancien. P. (Hachette), 1936. - Les tablettes de Kerkouk et les Origines de la civilisation assyrienne: Babyloniaca. P., 1926. - Sur le déchiffrement: Revue des Etudes Sémitiques et babyloniaca, 1940, págs. 56-67.
- G. CONTENAU, Manuel d'Archéologie Orientale. P. (Aug. Picard)
- G. CONTENAU, Musée du Louvre. Les antiquités orientales, I, Sumar, Babylonie, Elam. P. (Morancé), 1927. - 11. Monuments hittites, assyriens, phéniciens, perses, judaïques, chypriotes, araméens. P. (Morancé), 1930. - L'Art de l'Asie Occidentale ancienne: P. (Van Oest), 1928. - L'art Antique: Orient, P. (A. Colin), 1930.
- G. DOSSIN, Archives rares de Mari. Correspondance de Sham-shi-Addu. P. (Imprimerie Nationale), 1950.
- G. FURLAN, La Civiltà Babilonese e Assira. Rome (Istituto per l'Oriente), 1929.
- G. FURLANI, La Religione Babilonese e Assira. Bologne (Zanichelli), 2 vol., 1928-1929. - 11 Sacrificio nella religione dei Semiti di Babilonia e Assiria: Acc. Lincei, 1931, série VI,
- G. FURLANI, Leggi dell'Asia Anteriore Antica. Rome (Istituto per l'Oriente), 1929.
- G. GOOSSENS, La révision de la chronologie mésopotamienne et ses conséquences pour l'histoire orientale: Muséon, LXI. 1948.
- G. J. GADO e R. C. THOMPSON. A Middle-Babylonian Text: Iraq 111 (1936), págs. 87-96.
- G. MASPÉRO, Histoire Ancienne des Peuples de L'Orient Classique. P. (Hachette), 3 vol., 1895-1908.
- G. PERROT e Ch. CHIPIEZ, Histoire de L'Art dans L'Antiquité. P. (Hachette), t. 11, 1884.

- Georges Posener: Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne (Fernand Hazan);
 Georges Posener: Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne;
 GORDON LOUD e Ch. B. ALTMAN, Khorsabad. . The Citadel and the Town. Chicago Univ. Press, 1938.
 GORDON LOUD, Khorsabad. . Excavations in the Palace and at a City Gate. Chicago (University Press), 1936.
 Grégoire Kolpaktchy: Livre des Morts des Anciens Egyptiens (Omnium littéraire);
 H. DE GENOUILLAC, Fouilles de Tello. P. (Geuthner). Epoques Présargoniques (1934), Epoques d'Ur, IIIe dynastie et de Larsa (1936).
 H. E. SIGERIST, A History of Medicine. I. Primitiva and Archaic Medicine. Nova Iorque (Oxford Univ. Press), 1951.
 H. FRANKFORT, Archaeology and the Sumerian Problem. Chicago University Press),
 H. FRANKFORT, More Sculpture from the Diyala Region. Chicago, 1943.
 H. FRANKFORT, Tell-Asmar and Khafaje, Chicago (University Press).1936).
 H. FRANKFORT. La Royauté et les dieux. P. (Payot), 1951.
 H. LENZEN, Die Entwicklung der Zikkurat von ihren Anfängen bis zur Zeit der III Dynastie von Ur. Leipzig (Harrassowitz),1942. .
 H. R. HALL e C. L. WOOLLEY, Ur Excavations. I. AI-Ubaid. Londres (Oxford University Press), 1927.
 H. R. HALL, La Sculpture babylonienne et assyrienne au British Museum. P. (Van Oest) , 1928.
 H. SCHAEFER e W. ANDRAE, Die Kunst der Alten Orients. Berlin (Propylaen-Verlag.), t. 11, 1925.
 H. VINCENT, La représentation divine orientale archaïque: Mélanges Syriens. P. (Geuthner), I (1939), págs. 373 s. - De la Tour de Babel au Temple: Revue Biblique. 1946, págs. 403-440.
 Hieroglyphic Texts and Paintings, publicada em Oxford.
 Hinnells, John R. Persian Mythology. Peter Bedrick Books. New York, 1985.
<http://www.borndigital.com/tarsus.htm>
 I. Les Etapes. P. (Albin Michel), 1946. - Tello, Vingt campagnes de fouilles. P. (Albin Michel), 1948. .
 J. DE MORGAN, Les Premières Civilisations. P. (Leroux), 1909.
 J. JORDAN (Dr.), A. SCHOTT. (Dr.), Ester vorläufiger Bericht über die von der Notgemeinschaft der Deutschen Wissenschaft in Uruk-Warka unternommenen Ausgrabungen. Berlin (De Gruyter),
 J. KLIMA, Au sujet de nouveaux textes juridiques d'époque pré-hammurabienne: Archiv Orientalni XVI (1949), págs. 334-356.
 J. R. KUPPER, Correspondance de Kibri-Dagan, P. (Imprimerie Nationale), 1950.
 Jacques Pirenne: Histoire de la Civilisation de L'Égypte Ancienne (Albin Michel);
 Jacques Vandier: La Religion Égyptienne (P.U.F.);
 Jean-Philippe Lauer: Le Mystère des Pyramides (Presses de la Cité);
 Jean-Philippe Lauer: Le Mystère des Pyramides; Naissance et Rivalité des Premiers Empires (Rencontre);
 Kansas University – Bill Thayer
 Kramer, H e Sprenger, J - Malleus Maleficarum -
 L. DE CLERCO, Catalogue de la Collection De Clercq, t. I. P. (1885). .
 L. DELAPORTE, Catalogue des Cylindres Orientaux du Musée du Louvre. P. (Hachette) I. 1920, 11. 1923.
 L. DELAPORTE, La Mésopotamie. P. (Renaissance du Livre), 1924.
 L. HEUZEY e F.THUREAU-DANGIN, Nouvelles fouilles de Tello par G. Cros, P. (Leroux), 1910.
 L. LEGAIN, Ur Excavations. Archaic Seal impressions. Londres, 1936.
 L. SPELEERS, Les Fouilles en Asie Antérieure. Liege (Vaillant-Carmanne), 1928.
 L. W. KING, A History of Babylonia and Assyria. . Sumer, Akkad, A History of Babylon, 1915. Londres (Chatto et Windus).
 L. WATELIN e S. LANGDON, Excavations at Kish. P. (Geuthner), 111, 1930; IV (1934).
 L. WATERMAN, Royal Correspondance of The Assyrian Empire. Ann Arbor (University),

- L. WOOLLEY, Les Sumérie (Pavot), 1930.
- Lentin, Jean Pierre - Je Pense donc je me trompe -- © 1994 – Editions Albin Michel SA
- Leonard Cottrell!: Les Epouses des Pharaons;
- Leonard Cottrell: Les Epouses des Pharaons (Robert Laffont);
- Les Civilisations anciennes du Proche-Orient,
- M. BRION, La Résurrection des Villes mortes. P. (Payot), 1948.
- M. DAVID, Les dieux et le destin en Babylonie. P., 1949.
- M. E. L. MALLOWAN, J. CRUIKSHANK ROSE, Prehistoric Assyria. . The Excavations at Tall Arpachiyah 1933. Londres (Milford), 1935.
- M. E. L. MALLOWAN, The Excavations at Tall-Chagar-Bazar, 1934- 1935. Survey of the Habur. Londres (Humphrey Milford), 1936. .
- M. J. LAGRANGE, Stude sur las religions sémitiques. P. (Leef- fre), 2.. ed., 1905.
- M. JASTROW, Die Religion Babyloniens und Assyriens. Giessen (A. Töpelmann), 3 vol., 1907-1912. .
- M. RUTTEN, Atomes, aoCít 1950, pág. 270 s. - Sciences: Avenir, julho 1951, pág. 314.
- M. RUTTEN, Babylone (Coleção Que sais-je?). P. (Presses Universitaires), 1948.
- M. RUTTEN, Le paysage dans l'art de la Mésopotamie ancienne: Syria, 1941, págs. 137-154. - Arts et Sites du Moyen Orient Ancien. (Coleção Arts. Sites et Techniques). P. (Larousse), 1950.
- M. RUTTEN, Notes de paléographie cunéiforme: Revue des Etudes sémitiques et Babyloniaca, 1940, págs. 1-53 - Mém. XXXI (1949), págs. 151-167.
- M. VON OPPENHEIM, Tell-Halaf. Trad. P. (Payot), 1939.
- Morris, Desmond – The Naked Ape
- O. NEUGEBAUER, Mathematische Keilschrifttexte. Berlim (Sprin- ger), 1937.
- Orgel, Leslie o. - The Origins of Life – Molecules and Natural Selection- © 1973 – John Wiley and Sons, Inc
- P. (Coleção Que sais-je?J, P. (Presses Universitaires), 1945.
- P. (Geuthner), 1932, Esquisse d'une Histoire du SysMme Sexagésimal. - Textes mathématiques baby/oniens. Haia, 1938. - Observations sur l'algebre babylonienne: Archeion (Rome), XIX (1937), L'Art de la Mésopotamie ancienne au Musée du Louvre. Présen tations par M. Rutten, dans Encyc/opédie photographique del/art. P. (Editions Tel), a partir de 1935.
- P. DELOUGAZ e SETON Lloyd, Pre-Sargonid Temples in the Diyala Region, Chicago, 1942. Th. DOMBART, Der babylonische Turm. Leipzig, 1931.
- P. DHORME, La Religion assyro-babylonienne. Paris (Gabalda), 2.. ed., 1910. - Choix de textes religieux assyro-babyloniens. P. (Gabalda), 1907. - Les Religions de Babylonie et d'Assyria. (Collection Mana, 11). P. (Presses Universitaires), 1945.
- P. HANDCOCK, Mesopotamian Archaeology. Londres (Macmillan), 1912.
- P. JOUGUET, J. VANDIER, G. CONTENAU, E. DHORME, A. AV- MARD, F. CHAPOUTHIER, R. GROUSSET. Les Premieres Civilisations, t. I de Peuples et Civilisations. P. (Presses Universitaires), 1950.
- Paul Barguet: Le Livre des Morts des Anciens Egyptiens (Editions du Cerf);
- Perowne, Stewart. Roman Mythology. Hamlyn Publishing Group Ltd. London, 1969.
- Pierre Montet: La Vie Quotidienne en Egypte; L'Egypte Éternelle;
- Pierre Montet: Les Scénes de la Vie Privée dans les Tombeaux Égyptiens de J'Ancien Empire; La Vie Quotidienne en Egypte au Temps des Ramsés (Hachette); L'Egypte Éternelle (Fayard) ;
- R. C. FLAVIGNV, Le dessin de l'Asie Occidentale ancienne et las conventions qui le régissent. P., 1941.
- R. C. THOMPSON e R. W. HUTCHINSON, A Century of Explora tion at Nineveh. Londres (Luzac), 1929.
- R. CAMPBELL THOMPSON, The Assyrian Herbal. Londres (Luzac), 1924. - On the Chemistry of the Ancient Assyrians. Londres (Luzac), 1925. - The Devils and Evil Spirits of Babylonia. Londres (Luzac), 2 vol., 1903-1904. - The Reports of Magicians and Astrologers of Nineveh and Babylon. Londres (Ibid.), 2 vol., 1900.
- R. KOLDEWEY, Das wiedererstehende Babylon. Leipzig, 1925.

R. LABAT, *Le Caractere religieux de la Royalité assyro-babylonienne*. P. (A. Maisonneuve), 1939.
 R. LABAT, *Le Poema de la Création*. P., 1935. - *Hémérologies et Ménologies d'Assur*. P., 1939.
 Racht: *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne* (Larousse);
 S. A. PALLIS, *The Babylonian Akitu Festival*. Copenhagen, 1926.
 S. B. MERCER, *The Tell-el-Amarna Tablets*. Toronto (Macmillan), 2 vol., 1939. R. PFEIFFER, *State Letters of Assyria*. New Haven, 1935.
 S. LANGDON, *Excavations at Kish*. P. (Geuthner), I, 1924.
 S. SMITH, *Early History of Assyria, to 1000 B. C.* Londres (Chatto et Windus), 1928
 SAGAN, C – *The Demon-haunted World – Companhia das Letras*, 1997
 Serge Sauneron: *Les frères de l'Ancienne Egypte*;
 Serge Sauneron: *Les Prêtres de l'Ancienne Egypte* (Seuil);
 Siegfried Morenz: *La Religion Égyptienne* (Payot);
 Siegfried Morenz: *La Religion Égyptienne*;
 Stephen Van Eck - Route One, Box 62, Rushville, PA 18839-9702.
 Th. A. BUSINK, *De Toren van Babel*. Batavia, 1938.
 The Cambridge Ancient History. Cambridge (University Press)
 Topographical Bibliography of Ancient Egypt
 V. CHRISTIAN, *Altertumskunde des Zweistromlandes*. Leipzig, 1938.
 V. GORDON CHILDE, *L'Orient préhistorique*. P. (Payot), 1945.
 V. PLACE, *Ninive et l'Assyrie*, P. (Imprimerie Impériale), 3 vol., 1867. .
 V. SCHEIL, *Dés lois de Hammurabi: Mémoires de la Délégation en Perse*. P. (Leroux), t. IV (1902).
 - *Recueil de lois assyriennes*. P. (Geuthner), 1921.
 V. SCHEIL, *Une saison de fouilles à Sippar: Mémoires publiés par les membres de l'Institut français d'Archéologie orientale du Caïre*. Le Caïre, 1902.
 Vermaseren, M.J. - *Mithras, The secret god* - Barnes & Noble, Inc. New York 1963)
 Vie et Mort d'un Pharaon: Toutankhamon (Hachette);
 W. ANDRAE, *Die Archaischen Ischartempel in Assur*. Leipzig (Hinrichs), 1922. - *Die Jüngeren Ischart-Tempel in Assur*. Leipzig (Hinrichs), 1935. - *Das wiedererstandene Assur*. Leipzig (Hinrichs), 1938.
 W. H. WARD, *The Seal-Cylinders of Western Asia*. Washington (Carnegie Institution), 1910. O.
 WEBER. *Assyrische Plastik*. Berlin (E. Wasmuth), 1924.
 Will Durant: *Histoire de la Civilisation* (tome I).

A Book of World Religion, de E. G. Parrinder (Hulton Educational);
 A Concise History of France, de Douglas Johnson (Thames&Hudson);
 A Concise History of Russian Art, de T Talbot Rice (Thames&Hudson);
 A Dictionary of Egyptian Civilization, de Georges Posener (Methuen);
 A History of Latin America, de George Pendle;
 A History of Architecture on the Comparative Method, de Sir Banister Fletcher (Athlone Press);
 A History of Far Eastern Art, de Sharman E. Lee (Thames & Hudson);
 A History of Modern Japan, de Richard Storry (Penguin);
 A History of New Zealand, de Keith Sinclair (Penguin);
 A History of the Jewish People, de James Parkes (Life, Collin);
 A History of Weaponry, de Courtlandt Canby (Leisure Arts, Ltd.);
 A Pictorial History of Inventions (Weidenfel&Nicholson);
 A Short History of Africa, de Roland Oliver e J. D. Fage (Penguin);
 A Study of History, de Arnold Toynbee (Oxford University Press);
 África Handbook, editado por Colin Legum (Penguin);
 African Mythology, de G. Parrinder (Hamlyn);
 An Encyclopedia of World History, de William L. Langer (Harrap);
 Ancient Civilizations (Barrie and Jenkins);
 Ancient Europe: a Survey, de Stuart Piggott (Edinburgh University Press);
 Ancient Mexico, de Ignacio Bernal (Thames&Hudson);

Arms and Armour of Old Japan, (Chancelaria de Sua Majestade);
 Art of Ancient Egypt, de K. Michaellowski (Thames&Hudson);
 Art of Ancient Mexico, de Jacque. Soustelle (Thames &Hudson);
 Art of the Bizantine Era, de David Talbot Rice (Thames& Hudson);
 Art Treasures in Russia, de D. e T. Talbot Rice (Hamlyn);
 Arts of Mankind (Thames&Hudson);
 Asia Handhook, editado por Guy Wint (Penguin);
 Astronomy, de Patrick Moore (Oldbourne);
 Aztecs of Mexico, de G. C. Vaillant (Penguin);
 Castles from the Air, de W. Douglas Simpson (Batsford);
 Celtic Mythology, de P. MacCann (Hamlyn);
 Chinese Architecture and Town Planning, de Andrew Boyd (Tiranti);
 Civilization, de Keuneth Clark (John Murray, BBC);
 Civilizations of the Indus Valleys Morrimer Weeler (Thames&Hudson);
 Crusader Castles, de R Feddeue J. Thomson (Murray);
 Dawn of the Cods, de Jacquetta Hawkes (Chatto &Windus);
 Dictionary of Archaeology, de E. Bray e D Trump (Allen Lane);
 Divine Kingship in Africa, de William Fagg (Museu Britânico);
 Early Christian and Byzantine Architecture, de W MacDonald (Studio Vista);
 Early Man, de F. Clark Howell (Life Nature Library);
 Epic of Man, editado por Courdandt Canby (Time-Life Intemational);
 Everyday Life in Bible Lands (National Geography Society);
 Evolulion (Life Nature Library);
 Excavations at Verde Sir Leonard Woolley (Benn);
 Foundations of Chinese Art, de W. Willet (Thames&Hudson);
 Framework for Dating Fossil Man, de Kenneth Oakley (Weidenfeldj& Nicholson): Geography of
 World Affairs, de J. P. Cole (Penguin);
 Germany, editado por Roger, Morgan (MacDonald);
 Gothic Cathedral, de Wim Swaan (Elek);
 Great Ages of Man (Time-Life Inrernational);
 Great Civilizations (Thames& Hudson);
 Greek and Rome (National GeCreek Art, deJohn Boardman(Thames&Hudson);
 History of Archaeology, de W. Geram (Thames i&Hudson);
 History of South-East Asia, de D. G. E. Hall (Macmillan);
 Ilustraded World History, editado por E. Wright and K. M. Stampp (McGraw Hill);
 India, deRoloff Beuy e Aubrey Meneu (Thames&Hudson);
 Japanese Temples, de J. E. Kidder (Thames & Hudson);
 Keesing's Contemporary Archivês (Keesing's Publications, Ltd.);
 Landmarks of the World's Art (Hamlyn);
 Larrousse Encyclopedias of Ancient and Medieval History, Byzantine and Medieval Art Prehistoric
 and Ancient Art e Renaissance and Baroque Art (Hamlyn);
 Library of the Early Civilizalions, Library of Medieval Civilizalions, Library of European
 Civilization (Thames&Hudson); Life in Ancient Lands (Evans);
 Living History, de Alan Sorrell (Batsford);
 Lost Worlds, de Leonard Cottrell (penguin);
 Man the Toolmaker, de Kenneth Oakley (British Museum);
 Mathematics (Life Science Library);
 New Cambridge Modem History (Cambridge University Press);
 Olduvai Corge, de L. S. B. Leakey (Cambridge University Press);
 Out of The Ancient World, de Victor Skipp (Penguin);
 Panorama of World Art (Abrams);
 Persia, the Immortal Kingdom, de Sanghri and Ghirshman (Transorieut);
 Persian Architecture; de A. Upham Pope (Tnames&Hudson);

Pompeii and Herculaneum, de Marcel Brion (Elck);
 Pre-Columbian Architecture, de D. Robertson (Hamlyn);
 Prehistoric Europe, de Grahame Clark (Methuen);
 Prehistoric Societies, de Grahame Clark and Stuart Piggott (Penguin);
 Prehistoric Europe, de Philip van Doren Stern (Allen and Unwin);
 Prehistoric Art in Europe, de N. K. Sanders (Pelican);
 Prehistoric Man, de Anthony Harvey (Hamlyn);
 Prehistory: an Introduction, de Derek Roe (Macmillan);
 Races of Man, de Sonia Cole (Museu Britânico);
 Roman Imperial Army, de Graham Webster (Black);
 Romanesque Architecture in France (Heinemann);
 Rome: the Story of an Empire, de J. P. V. D. Balsdon (Weidenfeld&Nicholson);
 Santa Sophia, de W. R. Lethaby e H. Swanson (Macmillan);
 Science in History, de J. D. Bernal (Penguin); .
 Shorter Atlas of Western Civilization, de F. van der Moer e G. Lemmens (Nelson);
 Spain, 1808-1939, de Raymond Carr (Oxford University Press);
 Stonehenge Decoded, de Gerald S. Hawkins (Fontana);
 Stonehenge, de R. J. C. Atkinson (Harnish Hamilton);
 The Acropolis, de R. Hopper (Weidenfeld& Nicholson);
 The Age of Augustus, de Donald Earl (Elek);
 The Age of the Dinosaurs, de Bjorn Kurten (Weidenfeld&Nicholson);
 The Age of the Rococo, de Michael Scharz (Pall Mall Pre.);
 The Alphabet, de David Diringer (Hutchinson);
 The American Heritage, Histórias da Guerra Civil, o Grande Oeste e os Índios;
 The Ancient Civilization of Rome, de G. Picard (Barrio Creset);
 The Ancient peoples and Places, editado por Glyn Daniel (Thames&Hudson);
 The Anglo-Saxons, de D. M. Wilson (Thames&Hudson);
 The Archaeology of Early Man M. Coles e E. S. Higgs (Faber&Faber);
 The Art of Welfare in Biblical Lands, de Yigael Yadin (International Publishing);
 The Arts of Egypt, de L. Woldering (Thames&Hudson);
 The Bible, de Eric Lessing (Macmillan);
 The Bog People, de P. V. Glob (Paladin);
 The Carnac Alignments., de A. Thom e A. S. Thom
 The Christian Faith in Art, de Eric Newton e William Neil (Hodder&Stoughton);
 The Civilization of Rome, de Pierre Grimal (Allen&Unwin);
 The Colden History of Art, de G. Pischel (Hamlyn);
 The Columbia Encyclopedia (Columbia University Press);
 The Concise Encyclopedia of Living Faiths (Hutchinson);
 The Dawn of the West, E. A. Delahay (Thames&Hudson);
 The Economist; Egypt in Colour, de Roger Wood e M. S. Drower (Thames & Hudson);
 The Etruscans, de Raymond Bloch (Barrie&Jenkins);
 The Evolution of Man, de D. Pilbeam (Thames &Hudson);
 The First Civilizations, de Glyn Daniel (Thames& Hudson);
 The Grandeur that was Rome, de J. C. Stobatt (Sidgwick& Jackson);
 The Great Moghuls, de B. Gascoigne (Cape);
 The Greek Overseas, de John Boardman (Penguin);
 The Hamlyn History of the World in Colour (Hamlyn);
 The History of Astronomy; livros Cassel-Caravel;
 The History of Man, de Carleton S. Coon (Penguin);
 The Hoo Ship Burial, (Museu Britânico);
 The Horizon, Books of Ancient Greece, Ancient Rome, China and the Arts of China, The Elizabethan World and the Middle Ages;
 The Ice Age, de Bjorn Kurten (Hart Davis);

The Maya, de Michael D. Coe (Penguin);
The Medieval Castle, de Philip Warner (Arthur Barker);
The Medieval Establishment, de Geoffrey Hindley (Wayland);
The Middle East and North Africa, 1972-3 (Europa);
The Neolithic Revolution, de Sonia Cole (Museu Britânico);
The New Slaves of West Africa, de Ken Post (Penguin);
The Old Stone Age, de François Bordes (Weidenfeld & Nicholson);
The Pelican History of Art (Penguin);
The Pelican History of Crete, de A. R. Burn (Penguin);
The Penguin Atlas of Ancient History, The Penguin Atlas of Medieval History, The Penguin Encyclopedia of Places (Penguin);
The Pyramids of Egypt, de I. E. S. Edwards (Penguin);
The Roman Forum, de Michael Grant (Weidenfeld & Nicholson);
The Romans (Brockhampton Press);
The Russian Empire, de Hugh Seton-Watson (Oxford University Press);
The Science in Life, de G. Rattray Taylor (Thames & Hudson);
The Statesman's Year Book, 1972-1973, (Macmillan);
The Stone Age Handbook, de Grahame Clark (Thames & Hudson);
The Viking (G. A. Watts & Co.);
Vanished Civilizations, editado por Edward Bacon (Thames & Hudson);
What Happened in History, de Gordon Childe

